

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA
MATERNA

**UMA REFLEXÃO SOBRE OCORRÊNCIAS DE REFORMULAÇÃO
NA CONVERSAÇÃO**

Luciane Braz Perez

AGOSTO/2000

LUCIANE BRAZ PEREZ

**UMA REFLEXÃO SOBRE OCORRÊNCIAS DE REFORMULAÇÃO
NA CONVERSAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Lingüística Aplicada, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada na Área de Ensino-Aprendizagem de Língua Materna.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria do Carmo de Oliveira Turchiari Santos.

AGOSTO/2000

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck

Prof^a. Dr^a. Marilurdes Zanini

Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo de Oliveira Turchiari Santos

(ORIENTADORA)

“Há uma grande diferença se fala um deus ou um herói; se um velho amadurecido ou um jovem impetuoso na flor da idade; se uma matrona autoritária ou uma ama dedicada; se um mercador errante ou um lavrador de pequeno campo fértil; se um colco ou um assírio; se um homem educado em Tebas ou em Argos”.

(Horácio, *Arte Poética*.)

AGRADECIMENTOS

Acima de todos os outros, a Deus, o Senhor de minha vida, minha força maior.

Aos meus pais, pelo dom da vida e pelas oportunidades que me proporcionaram, além de muita motivação, companheirismo e apoio.

Ao Luciano, meu irmão, pela ajuda na digitação dos trabalhos, pelo empréstimo do computador, pela gentileza e pela dedicação a meu favor.

Ao Ivan, pelo apoio moral e material durante as aulas, pelo companheirismo, pela paciência, pelo envolvimento e pela demonstração de interesse pelo resultado da pesquisa, através de noites perdidas de sono, ao meu lado, na fase de digitação da transcrição das palestras, entre tantos outros momentos.

À turma de Zootecnia de 1998, da Universidade Estadual de Maringá, por ter me despertado o interesse pelo estudo da oralidade e por me ceder o *corpus* da pesquisa, de um modo especial ao Diogo Menezes Villaça, ao Fernando Amaral Rocha e ao Luiz Hipólito Gomes.

Ao Prof. Ednaldo Miquelão, do Departamento de Zootecnia, da Universidade Estadual de Maringá, pelo incentivo no início da pesquisa e pelo fornecimento da bibliografia inicial.

Aos companheiros das Instituições de Ensino onde trabalho que, juntamente comigo, lutam pela melhoria da educação, especialmente à amiga Adriana Aparecida de Souza pela força em momentos de aflição.

Aos meus colegas de turma, por me ajudarem a “crescer”, pelo apoio e pela força que me deram em momentos de angústia, aflição e desânimo, principalmente à Neuza Maria Tortorelli de Paiva, com quem mais dividi muitas inquietações, assim como a realização de vários trabalhos.

À Andréia, Secretária do Curso de Mestrado, pela atenção e pela prontidão dispensadas a mim e também pelo apoio em bons e maus momentos.

Aos Professores do Curso que me incentivaram e me ajudaram a progredir.

À Professora Jeanette Monteiro de Cnop, do Departamento de Letras, que gentilmente cedeu-me suas turmas para eu pudesse concluir o número de créditos exigidos pelo Programa e, também, aos alunos dessas turmas que tão atenciosamente participaram das aulas que ministrei.

À Irmã Maria Diva da Silva que, mesmo à distância, continuou demonstrando seu interesse pelo sucesso da minha pesquisa.

Ao Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck, pelas ricas sugestões e orientações, a respeito da oralidade, que contribuíram para a melhora da minha pesquisa.

À Prof^a Dr^a Marilurdes Zanini, pelas importantes contribuições de aspecto formal e metodológico ao meu trabalho.

De uma maneira extremamente especial, à minha Orientadora, Prof^a Dr^a Maria do Carmo de Oliveira Turchiari Santos, que aceitou ajudar-me com o trabalho já iniciado e direcionado a um caminho tortuoso. E sempre, com muito profissionalismo, competência, dedicação, paciência e companheirismo soube incentivar-me, corrigir-me e orientar-me de uma maneira segura a caminhos que auxiliaram a conclusão da minha pesquisa.

ÍNDICE

RESUMO	8
ABSTRACT	9
1. INTRODUÇÃO	10
1. 1. CENÁRIO GERAL	10
1. 2. OBJETIVOS	11
1. 3. JUSTIFICATIVA	12
2. METODOLOGIA	13
2. 1. <i>CORPUS</i>	13
2. 2. DADOS	15
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	15
3. 1. LÍNGUA, SOCIEDADE E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA	15
3. 2. COMUNICAÇÃO E CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM	18
3.2.1. COMUNICAÇÃO, ESTRUTURA SOCIAL E MEIOS DE COMUNICAÇÃO	19
3. 3. COMUNICAÇÃO ENTRE TÉCNICO E HOMEM DO CAMPO	21
3. 4. O DISCURSO ORAL OU A FALA	25
3. 5. A FALA E A ESCRITA	27
3. 6. A CONVERSAÇÃO	29
3. 7. PROCESSOS DE REFORMULAÇÃO DO DISCURSO ORAL	31
3.7.1. A CORREÇÃO	31
3.7.2. CORREÇÃO NA FALA X CORREÇÃO NA ESCRITA	37
3.7.3. AS PARÁFRASES	39
3. 9. ELIPSES, ANACOLUTOS E PARÊNTESES (E, A, P)	41
4. TIPOLOGIA DOS PROCESSOS DE REFORMULAÇÃO	43

4. 1. REFORMULAÇÕES <i>LATO SENSU</i>	43
4.1.1. ABANDONOS SEM RECOMEÇO	44
4.1.2. ABANDONOS COM RECOMEÇO	46
4.1.3. PARÁFRASES	48
4.1.4. INSERÇÕES	52
4. 2. REFORMULAÇÕES <i>STRICTO SENSU</i> / CORREÇÕES	55
4.2.1. CORREÇÕES PROPRIAMENTE DITAS	55
4.2.2. CORREÇÕES COM A ESTRUTURA <i>X + TRUNC/ + INSERÇÃO + Y</i>	59
4. 3. TAXIONOMIA DAS OCORRÊNCIAS DE REFORMULAÇÃO	63
4. 4. O APAGAMENTO NAS REFORMULAÇÕES	69
4.4.1. A REFORMULAÇÃO COM APAGAMENTO	69
4.4.2. A REFORMULAÇÃO SEM APAGAMENTO	73
4. 5. FUNÇÕES DA REFORMULAÇÃO	76
4. 6. ESTATÍSTICA DAS OCORRÊNCIAS DE REFORMULAÇÃO	80
<u>5. ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS</u>	<u>83</u>
5. 1. OCORRÊNCIAS DE REFORMULAÇÃO DETECTADAS NO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	83
<u>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>126</u>
<u>APÊNDICE</u>	<u>129</u>
<u>7. APÊNDICE</u>	<u>130</u>
7. 1. NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO *	130
7. 2 <i>CORPUS</i>	133
<u>BIBLIOGRAFIA</u>	<u>157</u>

RESUMO

Neste trabalho, poderemos refletir sobre a importância do estudo da língua falada, mais especificamente, a respeito do papel das reformulações, enquanto mecanismos interacionais, na conversação entre pessoas de diferentes níveis de fala.

Nosso *corpus* de análise é composto por trechos de palestras feitas por estudantes do Curso de Zootecnia, da Universidade Estadual de Maringá - PR, a camponeses e pecuaristas de leite, em um “dia de campo”. Esses trechos de palestras foram gravados, transcritos e analisados, segundo o respaldo teórico das obras consultadas e que podemos encontrar na bibliografia, ao final deste trabalho.

A análise que realizamos traz uma série de ocorrências de reformulações, que envolvem tanto ocorrências sem apagamento, que denominamos reformulações, como ocorrências onde há apagamento, as quais denominamos correções. Poderemos verificar, na análise, de que maneira esses procedimentos ou mecanismos de reformulação podem facilitar a comunicação entre pessoas que pertencem a diferentes níveis sócio-econômico e cultural, propiciando a interação entre elas.

Através dessa pesquisa, poderemos, também, fazer uma reflexão a respeito da importância e necessidade de nós, professores, tornarmos a língua falada conhecida de nossos alunos. Afinal, cabe a nós mostrarmos que a fala é uma modalidade tão importante para a comunicação como a escrita, ou até mais que esta, já que é à fala que recorremos na maioria das vezes que precisamos nos comunicar.

ABSTRACT

The importance of the spoken language, especially the role of reformulations, is provided. These may be defined as interaction mechanisms in conversation between people with different speaking codes. Working corpus comprises passages from talks by students from the Zootechny Undergraduate Course of the State University of Maringá, Maringá, Brazil. Talks were given to farmers and cattle-raising ranchers on the plantations. Talks were recorded, transcribed and analyzed according to theory suggested in the bibliography. Analysis brings about a series of occurrences involving two types: occurrences with deleting are simply called reformulations; occurrences with deleting are called corrections. The author could verify how reformulation procedures or mechanisms may make easy communications among people who belong to different social, economical and cultural levels. In fact interaction between the groups eventually took place. Research work leads towards a reflection by teachers on the importance and the necessity to make known the spoken language to students. Likewise, teachers should show that the spoken language is an important mode of communication as writing. Perhaps more than writing, since the need for humans to communicate orally is much greater.

1. Introdução

1.1. CENÁRIO GERAL

Este trabalho de pesquisa se dá ao abrigo da Lingüística Aplicada, pois tem como objeto de investigação uma gravação de uma palestra, na qual se faz o uso da linguagem oral associada à escrita. Por meio do esforço de pesquisas investigativas, pesquisadores buscam soluções e explicações para questões reais do uso da linguagem ligadas à oralidade e ao letramento. No que diz respeito à oralidade, podemos dizer que as pesquisas e projetos existentes nesta área são bastante recentes. O Projeto NURC e a Gramática do Português Falado são os mais conhecidos, e é com base em pesquisas destes e de outros trabalhos que executaremos esta dissertação.

Nesta dissertação, analisaremos como acontece a comunicação entre pessoas com níveis de fala e sociais diferentes. Para precisar melhor, realizamos uma pesquisa, buscando dados acerca da comunicação entre camponeses e universitários que, em 1997, cursavam o quinto ano de Zootecnia na UEM - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. Esse contato inseria-se na atividade denominada “dia de campo” e nela os alunos deveriam transmitir certas informações acerca de pecuária leiteira aos camponeses, de modo que estes pudessem entender essas informações e pô-las em prática. Este conteúdo foi explicado pelos universitários no já referido “dia de campo”, através de palestras.

Este trabalho, além de contribuição para este curso de pós-graduação em Lingüística Aplicada, poderá cooperar também com o Departamento de Ciências Agrárias, da já citada Instituição de Ensino Superior, uma vez que um dos professores desse departamento demonstrou interesse em ter o resultado desta pesquisa para apoiá-lo nas aulas que ministra, assim como para avaliar a competência comunicativa dos estudantes do quinto ano de Zootecnia, os quais já estão aptos para o ingresso no mercado de trabalho. Acreditamos ser necessário, também, ressaltar a importância desse trabalho para o ensino de Língua Portuguesa, já que sabemos muito bem que a cada dia o mundo tem ampliado seu leque de opções para pesquisa, e a escola precisa acompanhar essa expansão; cremos que uma sugestão válida para o estudo de línguas é a de que os professores passem a levar para a sala

de aula propostas de trabalho com a língua falada, que apresenta sua estrutura bastante diferente daquela nossa velha conhecida - a escrita. Devemos aproveitar novas experiências, novos caminhos que sejam capazes de melhorar nosso desempenho em sala de aula enquanto profissionais e proporcionar ao nosso aluno novos caminhos para o entendimento da língua. Dessa forma, este trabalho busca não apenas favorecer a vida universitária, mas também contribuir para melhorar a vida em sociedade.

Pretendemos, portanto, verificar o papel dos mecanismos conversacionais na fala dos universitários dirigida aos camponeses, buscando analisar de que maneira esses mecanismos podem contribuir para a compreensão do que está sendo dito, promovendo a interação entre os que conversam.

1.2. OBJETIVOS

Iremos, neste trabalho, analisar de que forma os mecanismos de reformulação, mais precisamente os de correção, marcados por sinais como pausas, prolongamentos de vogais, interrupções, truncamentos, entre outros, podem propiciar o esclarecimento de idéias usadas na fala dos universitários. Analisaremos se podemos dizer que essas marcas podem contribuir para uma boa compreensão do assunto, entre os participantes da conversação. Iremos, ainda, verificar como pessoas, quer de dialetos iguais ou diferentes, são capazes de comunicar-se sem maiores dificuldades. E vamos mostrar de que maneira a reformulação pode favorecer a interação entre os falantes. Focalizaremos com maior destaque as correções, entretanto, tendo em vista que os procedimentos de reformulação da língua falada envolvem correções, paráfrases e contam, também, com o auxílio de outros recursos para a produção e reativação da língua, não vamos ater-nos única e exclusivamente aos procedimentos de correção. Achamos por bem analisar, paralelamente a esse mecanismo, outros, como as paráfrases, os anacolutos e os parênteses, que contribuem para a interação entre os elementos da conversação e que, nem sempre é possível distinguir, claramente, das correções.

1.3. JUSTIFICATIVA

Por termos vários amigos do curso de Zootecnia, percebemos a preocupação que eles tinham com relação a falar com camponeses e serem compreendidos por eles, principalmente porque não tinham claro se as marcas da oralidade viriam ajudar ou prejudicar a comunicação entre ambos.

Partindo dessa situação, começamos a interessar-nos pelo assunto, no curso de Mestrado em Linguística Aplicada, na disciplina “Oralidade e Letramento”, que nos auxiliou grandemente com orientação bibliográfica para melhorar nosso entendimento sobre o assunto. Após a leitura de vários textos que diziam não serem as marcas da oralidade consideradas erros, verificamos que a Análise da Conversação procura relacionar todos os objetos possíveis de experiência da oralidade e discuti-los no processo de interação. Essas marcas não podem ser consideradas “erros”, pois são elementos que decorrem naturalmente da situação de produção da língua falada e servem de subsídios para melhorar a compreensão do discurso oral. E, refletindo a respeito dessas considerações, passamos a aprofundar nossa pesquisa nessa área.

Acreditamos ser um tema importante, porque poderá contribuir com estudos sobre a língua oral e até mesmo instigar profissionais da área de ensino da língua portuguesa a desenvolverem em suas aulas, juntamente com seus alunos, reflexões sobre a oralidade. Esperamos que este trabalho possa vir, posteriormente, iluminar todos aqueles que, como nós, tenham interesse em estudar não apenas a linguagem escrita, mas, através dela, compreender melhor a oral.

Tomaremos como pergunta de pesquisa:

Os mecanismos de reformulação têm funções significativas entre os agentes da conversação como fator de interação?

2. METODOLOGIA

2.1. CORPUS

Quando ingressamos no curso de Mestrado em Lingüística Aplicada, não tínhamos idéia, ainda, sobre que assunto iríamos realizar a pesquisa. Dois meses depois de iniciarmos o curso, ainda na categoria de aluna especial, alguns amigos, alunos do curso de Zootecnia nos procuraram em busca de ajuda sobre mecanismos conversacionais. Estes alunos já haviam estudado sobre conversação, mas não tinham claro se as marcas da oralidade eram elementos favoráveis ou prejudiciais ao bom entendimento do assunto discutido e à interação entre os elementos da conversação.

Durante o segundo semestre de 1997, tivemos a oportunidade de cursar a disciplina “Oralidade e Letramento”, na qual tomamos conhecimento dos marcadores conversacionais e da estrutura da fala. Então, percebemos que poderíamos associar as dúvidas dos nossos amigos a um estudo sobre a oralidade e, mais precisamente, sobre a correção, podendo contribuir, através da nossa pesquisa, para o conhecimento de pessoas dos mais diferentes meios, que fazem uso da oralidade para se comunicarem e estarem inseridas em um contexto social.

Como objeto de investigação faremos uso de uma gravação de uma parte de trechos de palestras realizadas pelos alunos de 5o. ano de Zootecnia (1997), da Universidade Estadual de Maringá-PR, a camponeses e criadores de rebanho leiteiro. A gravação feita para a pesquisa foi realizada em um dia chamado “dia de campo”, em que os universitários tinham por objetivo transmitir certas informações a respeito de pecuária leiteira, de forma que os camponeses pudessem entender e, posteriormente, também pôr em prática a teoria ouvida.

A transcrição feita não incluirá todos os trechos de palestras gravadas. Fizemos uma seleção, tendo por critério a qualidade de som do material gravado, e escolhemos dezenove delas para transcrevermos e analisarmos. Os temas discutidos são: **Manejo reprodutivo em vacas leiteiras**, com duração de seis minutos; **Causas e problemas do manejo reprodutivo**, com duração de 1 minuto e seis segundos; **Lactação**, com um minuto e dezesseis segundos de duração; **Uso de hormônio na reprodução**, com 4 minutos e trinta e cinco segundos; **A inseminação artificial**, com um minuto e quarenta segundos; **Conservação de pastagens**, com um minuto e cinqüenta segundos; **Cuidados com**

forragens I, com três minutos e vinte e cinco segundos; **Cuidados com forragens II**, com quatro minutos e trinta segundos; **Feno**, com três minutos e trinta e dois segundos; **Manejo de bezerros**, com três minutos e vinte segundos; **Colostro**, com um minuto e cinquenta e oito segundos de duração; **Manejo alimentar para bezerros em lactação**, com dois minutos e vinte e oito segundos; **Desmame**, com dois minutos e trinta e oito segundos de duração; **Manejo de novilhas**, com seis minutos; **Nutrição até a puberdade**, com dois minutos e trinta e oito segundos; **Conseqüências do elevado índice de gordura no animal para produção de leite**, com duração de um minuto e vinte e dois segundos; **Produção de leite e períodos de cobertura**, com um minuto e cinquenta e cinco segundos; **Controle de verminoses**, com três minutos e quatorze segundos; **Nutrição até a puberdade**, com duração de dois minutos e trinta e cinco segundos. Como podemos verificar pelos temas, as palestras se referiram à pecuária leiteira. Cada palestra foi feita por um informante, portanto, consta na transcrição a fala de dezenove informantes, todos universitários, do curso de Zootecnia, da Universidade Estadual de Maringá - PR, com faixa etária variando de vinte e três a vinte e oito anos, sendo cinco mulheres e quatorze homens. Todos alunos cultos, dos quais o falante do tema **Cuidados com forragens**, juntamente com os falantes dos últimos cinco temas citados acima já eram nossos amigos e pertenciam àquele grupo que nos procurou, para que pudéssemos ajudá-los a esclarecer algumas dúvidas a respeito das marcas da oralidade, conforme dizemos anteriormente. Os ouvintes, em sua maioria, eram pecuaristas de gado leiteiro que trabalhavam em grandes propriedades, nas quais eram apenas funcionários, e uma pequena porcentagem do grupo de ouvintes era formada por proprietários de fazendas criadoras de rebanho de leite. Tanto o grupo maior, de funcionários, quanto o menor grupo de ouvintes, proprietários, não possuíam alto grau de escolaridade, nenhum tinha o primeiro grau ou o ensino fundamental concluído e não tivemos contato anterior com nenhum deles.

Podemos verificar que algumas palestras possuem alguns cortes no início ou no final da transcrição. Esses cortes aconteceram devido a alguns incidentes - fitas arrebentaram na hora da transcrição; um lado da fita acabou durante a gravação e até ocorrer a troca um momento da fala não ficou registrado. O material, entretanto, era bom e podia ser aproveitado. Na análise, os trechos selecionados foram aqueles que não sofreram esses cortes.

2.2. DADOS

A gravação realizada foi ouvida e aparecerá, posteriormente, analisada por partes, de acordo com a teoria dos autores lidos, conforme forem surgindo exemplos que se encaixem no conteúdo da fundamentação teórica, constando, ainda, nos anexos, a transcrição integral.

Com relação aos critérios para a execução da análise, podemos falar o seguinte: encontraremos os trechos selecionados transcritos integralmente; alguns são bastante turbulentos, mas significativos para a análise e conclusões finais, por isso, alguns serão utilizados; a seleção das ocorrências será de acordo com as informações contidas na fundamentação teórica; e por último, a ocorrência detectada mantém relação semântica com o todo, por isso, será destacada de maneira a constituir um pequeno bloco significativo.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

3.1. LÍNGUA, SOCIEDADE E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

No estudo realizado é possível verificarmos que a língua varia de acordo com fatores de natureza sócio-cultural.

Essa inclinação de estudos procura associar as conquistas das Ciências Sociais e as da Lingüística, examinando as relações entre linguagem e a condição social do falante. São assim versados temas como variação lingüística de fundo sócio-cultural, o bilingüismo, a língua das minorias, a implantação de um padrão lingüístico.

Acreditamos, hoje, que o papel da língua seja cada vez mais importante nas relações humanas, pois esta importância é que entendemos ser o motivo de seu estudo já envolver modernos processos científicos de pesquisa.

Desde que nascemos, somos cercados por um mundo de signos lingüísticos e suas possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação e associação, começaremos a formular nossas mensagens. Nossa vida em sociedade estabelece um problema de troca de informações e comunicação através do contato com o mundo que nos cerca.

A lingüística funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade, possibilitando assim, a abertura do campo de pesquisa. Esta interação é o ponto chave da comunicação.

O interesse despertado pelas pesquisas deve-se à grande divulgação dos estudos de comunicação, à necessidade de maior aproximação com outros povos, ou de conhecimento melhor da própria comunidade e à divulgação, cada vez maior, dos estudos sobre a sociedade e a língua.

Podemos dizer, de início, que a Sociolingüística estuda as variações lingüísticas e sociológicas.

A ampliação da saliência das relações sociedade/língua nos leva ao estudo da estrutura da opinião e da forma de pensar de certas comunidades e à maneira como essas comunidades articulam lingüisticamente sua realidade em consonância com sua cultura e sistema de vida.

Segundo William Bright (1966), a finalidade da Sociolingüística seria a comparação da estrutura lingüística com a estrutura social. Para ele, a diversidade lingüística é a matéria que trata a Sociolingüística como identifiante das dimensões existentes nessa área. Essas dimensões podem ser classificadas em três:

- Dimensão do emissor: envolve a identidade social do emissor, é exemplificada com os dialetos de diferentes classes sociais, ou seja, a fala é produzida de acordo com o conhecimento que o falante possui.
- Dimensão do receptor: envolve a identidade social do receptor, em situações onde o locutor faz uso de um vocabulário especial quando fala com seus superiores, ou com seus “subordinados”, ou seja, a fala é produzida de acordo com o público.
- Dimensão da situação ou do contexto: envolve todos os elementos que têm importância no contexto comunicativo, exceto aqueles que se referem à identidade dos indivíduos, já que estes encontram-se presentes na primeira dimensão - do emissor. Esta dimensão está relacionada à variação estilística, na qual a expressividade da língua e a sua capacidade de manifestar suas idéias e utilizar emoções no que se fala está intrínseca.

Estes fatores, relacionados a emissor, receptor e contexto ou situação, que nos permitem classificar as três dimensões sociais são tidos, também, como fatores extralingüísticos e podem nos auxiliar na compreensão da variação lingüística.

Várias são as tentativas de classificação dos fatores extralingüísticos que influem na maneira de falar e elas envolvem distinções geográficas, históricas, estéticas, econômicas, políticas, sociológicas. Muitas estão diretamente ligadas ao fenômeno da comunicação.

Para Gadet (1971), as variações extralingüísticas que podem manifestar-se no diálogo são de três espécies:

- Geográficas: envolvem variações regionais.
- Sociológicas: compreendem variações provenientes da idade, sexo, profissão, nível de estudo, classe social.
- Contextuais: constam de tudo aquilo que pode determinar diferenças na linguagem do locutor.

Para Carvalho (1967), as variedades da língua se dividem em dois grupos:

- Variedades sincrônicas: compreendem fatores geográficos, sócio-culturais e estilísticos.
- Variedades diacrônicas: compreendem várias situações, às quais as variedades lingüísticas passaram pelo plano histórico, ou seja, referem-se à modificação ou evolução lingüística através do tempo.

Podemos subordinar, segundo Carvalho (1967), o estudo do problema da variedade lingüística a dois amplos campos, em que o primeiro abrange o segundo.

1) Variedades geográficas: são aquelas que ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades lingüísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais.

As variedades geográficas conduzem a uma posição fundamental: linguagem urbana - que possui uma imagem de estar cada vez mais próxima da linguagem padrão - e linguagem rural - que é vista como uma linguagem cada vez mais isolada.

2) Variedades sócio-culturais: ocorrem dentro da linguagem de uma comunidade específica (urbana ou rural). Tendo em conta as atividades restritas dos grupos rurais, pode-se afirmar que os dialetos sociais constituem um fenômeno muito mais ligado às comunidades urbanas.

Ainda, as variações sócio-culturais podem ser determinadas por fatores ligados diretamente ao falante ou à situação:

A) Variedades devidas ao falante:

- Idade;

- Sexo;
- Raça (ou cultura);
- Profissão;
- Posição social;
- Grau de escolaridade;
- Local em que reside na comunidade.

B) Variedades devidas à situação:

- Compreendem as influências determinadas pelas condições extraverbais que cercam o ato da fala, envolvendo, assim, a variação estilística que engloba a maneira que a língua é expressada e, também, as sugestões e emoções do falante.

As influências desses fatores se entrecruzam e se sobrepõem nas variações de fala, a tal ponto que nem sempre é possível precisar a ação mais direta de um ou de outro. São eles que nos conduzem aos vários registros falados (culto, comum, coloquial, vulgar, profissional etc.), cujos limites nem sempre são precisos.

Mesmo com todos esses fatores que diversificam a linguagem e a colocam em vários níveis, buscamos saber como se dá a comunicação entre pessoas de níveis diferentes. Para isso, é necessário sabermos o que é comunicação.

3.2. COMUNICAÇÃO E CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM

A interpretação é a chave da comunicação. Havendo significação comum da mensagem para emissor e receptor, haverá comunicação.

Segundo a visão estruturalista, para que alguém consiga transmitir uma mensagem, esta sai do emissor e alcança o receptor. Os canais mais comumente usados são visão e voz. Ao falarmos em imagem como canal, precisamos citar o código. Quando pretendemos comunicar algo, é necessário selecionarmos o canal em função do conteúdo a ser transmitido e do público a receber a informação. Ao escolhermos a comunicação oral, precisamos de um código que nos possibilite a comunicação. A língua portuguesa, segundo a concepção estruturalista de linguagem, é um código, que possibilita a comunicação oral e escrita, por exemplo.

É de grande importância sabermos que a escolha do canal e do conteúdo a serem transmitidos devem ser determinados em função do público.

Ao falarmos em comunicação, podemos citar dois tipos:

- Modelo clássico: a concepção deste modelo vê a comunicação mais como um ato mecânico que como um processo de interação. A fonte decide quais informações e valores devem ser transmitidos, as condutas desejáveis do receptor como respostas aos estímulos.
- Modelo novo ou humanizador: essa nova comunicação deverá ter o papel de revelar a realidade dos homens, problemas, relações, interação dentro da situação global. Essa comunicação deverá ser problematizadora e crítica. Objetiva que os indivíduos se tornem participantes ativos do seu próprio desenvolvimento. Podemos, hoje, verificar que não apenas nesse modelo citado, mas em geral, o objetivo da comunicação é persuadir com a intenção de mudar a conduta das pessoas.

Já na visão interacionista, conforme diz Gumperz (1982;1992), a comunicação é algo necessário para que possam interagir pessoas dos mais diferentes meios sócio e etnoculturais, em situações de um mundo no qual estão inseridas, quer seja ele desconhecido ou não. De acordo com ele, essa construção ou reprodução do mundo real (interação do homem no meio em que está inserido através da comunicação) só é possível através da linguagem; a linguagem não é vista apenas como um instrumento da comunicação, mas também, como um instrumento facilitador e propiciador da ação.

A fim de complementar as concepções já expostas, é indispensável considerarmos, também, as contribuições dos pesquisadores dos processos da comunicação, pertencentes à área sociológica. Os pesquisadores e especialistas da Sociologia da Comunicação preocupam-se em estabelecer, empiricamente, os fatos e efeitos do fenômeno da comunicação, mediante a observação e análise dos seus resultados manifestos, indo até suas conseqüências psicológicas e sociais.

3.2.1. COMUNICAÇÃO, ESTRUTURA SOCIAL E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

As informações contidas neste tópico não irão influenciar a nossa análise posterior, no entanto, elas podem nos levar a ampliar nossas idéias sobre os assuntos aqui tratados e, também, a refletir sobre a influência da estrutura social e dos meios sobre a comunicação.

Partindo da comunicação como ciência, esta sofre influência do meio social ao mesmo tempo que influencia a vida em sociedade.

Bordenave (1973) fala da importância da relação que a comunicação tem com a estrutura social. A idéia básica desse autor é demonstrar que existe uma dependência entre a comunicação e a estrutura social, que na verdade serve de matriz e suporte. Bordenave cria dois modelos básicos para discutir essa idéia.

O primeiro modelo é utilizado para expressar as seguintes relações sequenciais: o sistema produtivo da sociedade pode consistir na sociedade privada dos meios de produção (capitalista); na propriedade estatal (comunista); na propriedade privada dos mesmos (socialista). O tipo de sistema adotado determina o estabelecimento de uma estrutura social. Esta estrutura social apresenta-se como uma pequena elite; um estrato intermediário mais ou menos numeroso e um estrato baixo muito amplo. A elite é constituída tendo como critério o próprio sistema produtivo da sociedade.

Em geral, a elite é determinante daquilo que se deve alcançar, adotando seus modos de perceber o mundo, de valorizar as coisas e as pessoas e incluso no modo de relacionamento. Esse conjunto é entendido como “ideologia”. Esta é produto de uma estrutura social que ela justifica e defende e na sua grande maioria tem origem nas elites dominantes. Daí, os meios de comunicação, para prosperarem dentro do sistema, atuam como veículos dessa ideologia. A população, na sua maioria, não percebe que juntamente com os conteúdos importantes das mensagens estão, também, absorvendo, constantemente, a ideologia da estrutura social.

Como consequência, a população vem a consolidar e perpetuar o sistema produtivo, a estrutura social gerada, a ideologia e o caráter interesseiro que os meios de comunicação possuem, encerrando assim um ciclo vicioso.

No segundo modelo, Bordenave tenta explicar ainda mais o papel dos meios de comunicação.

Dentro da sociedade, o próprio dinamismo social vai gerando uma série de correntes sociais. Algumas podem aflorar, enquanto outras têm uma vida breve.

Os meios de comunicação, neste caso, enfrentam uma opção: levar em consideração a nova corrente ou tratar como se fosse um produto sensacionalista. Estas opções são analisadas com objetividade, pois o que está em jogo, muitas vezes, é o próprio bem comum da população.

Neste momento de opção, a ideologia tem, na maioria das vezes, a palavra decisiva. Os meios pegam a corrente social e tratam-na de acordo com seus interesses. Dependendo da corrente, ela pode ser deturpada, exagerada, divulgada, apoiada, entre outras opções. Por outro lado, as aspirações a uma maior justiça social, transformações da estrutura social poderiam acarretar perda de poder de uma elite sem visão social e, por conseguinte, dos próprios meios de comunicação que a apóiam.

Como síntese desse último modelo, é possível afirmarmos que os meios de comunicação não são neutros. São instrumentos, às vezes, conscientes ou inconscientes da ideologia dominante e, como tais, contribuem para consolidar e manter as estruturas sociais, justas ou injustas, que muitas vezes os sustentam.

Bordenave diz que os meios de comunicação deveriam ajudar no desenvolvimento da consciência crítica das pessoas, ou seja, da verdadeira consciência da natureza da estrutura social em que estão inseridas e de onde deveria surgir a influência sobre a mensagem.

Após conhecermos estas ponderações de Bordenave, é possível visualizarmos o processo de comunicação e anexá-lo aos conhecimentos da comunicação como processo, técnica, sistema institucional e até como parte da ciência social, conforme dito anteriormente, a respeito de Sociolinguística.

3.3. COMUNICAÇÃO ENTRE TÉCNICO E HOMEM DO CAMPO

Passaremos agora a falar de problemas de comunicação interdialetoal. A idéia que nos é passada por alguns “fanáticos patriotas”, é a de que somos um país privilegiado, pois do ponto vista lingüístico tudo nos une, mas isto é apenas mais um dos grandes mitos (mentira camuflada) de nossa cultura. Um mito de conseqüências danosas, pois, quando não se reconhecem os problemas de comunicação entre falantes de diferentes variedades da língua, nada se faz também para resolvê-los.

Falando de nossa realidade sócio-lingüística, a língua portuguesa no Brasil apresenta uma grande variação que pode ser compreendida se imaginarmos um *continuum*, onde se colocam, de um lado, os dialetos rurais falados em áreas isoladas, e, de outro, a variedade padrão “falada” em áreas urbanas, pelos grupos sociais com alto nível de instrução.

Temos que ressaltar, aqui, a idéia que Orlandi, Guimarães & Tarallo (1989) nos passam sobre a questão da separação entre os dialetos rural e urbano. O que precisamos ter

claro, segundo eles, é que o distanciamento existente entre esses modos de falar deve ser visto como se o que os afasta fossem as diferenças e não as desigualdades. Isso porque as desigualdades têm caráter discriminatório enquanto que as diferenças são caracterizadas pelas possibilidades da existência de variedades que podem modificar a maneira de falar. Pois, se falamos em dialetos como diferentes modos de falar, estamos manifestando a compreensão de que eles são importantes elementos das relações sociais e significativos fatores que tornam a nossa organização social como algo heterogêneo.

É possível percebermos, ainda, tanto através da bibliografia consultada quanto pela experiência que temos, a dificuldade de comunicação entre falantes das variedades rurais e urbanas na interação cotidiana com falantes da língua padrão ou no simples convívio com a cultura. Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989), chamam-nos a atenção para essa questão da suposta dificuldade. Eles afirmam que essa dificuldade é imaginária, pois não é possível fazer uma distinção objetiva sobre ela. E, afirmam, ainda, que embora essas distinções mereçam respeito, pois de um modo real ou imaginário, elas existem, não são significativas com relação à inteligibilidade. Afinal, existem muitos recursos capazes de tornar diferentes discursos em enunciados compreensíveis, como podemos dizer, aqui, é o caso dos procedimentos utilizados para se realizar a reformulação, de que trataremos posteriormente. E, através disso, podemos concordar com Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989), quando dizem que não há uma separação definitiva entre a fala dos agricultores e dos técnicos ou cientistas, mas eles podem buscar uma articulação através dessas diferenças, constituindo, dessa forma, a política agrária, na qual podemos identificar uma questão já conhecida historicamente: “a dominância do urbano sobre o rural” (op. cit.:135).

Como apoio para essa questão do rural e do urbano, teremos, a seguir, a contribuição de Freire (1983), que faz uma análise da comunicação entre o técnico e o homem do campo. Além dessa análise como técnico-educador, Freire faz uma síntese na qual diz que a educação deve humanizar o homem, fazendo com que este não aprenda coisas novas apenas para si, mas que esta aprendizagem lhe sirva como apoio para tornar-se um agente social capaz de transformar seu meio.

Para isso, Freire coloca em discussão dois termos: comunicação e extensão. Ele diz que a extensão é apenas um repasse de conteúdos e o camponês serve como um banco para depósito de conhecimentos. Já o termo comunicação é utilizado para explicar esse “repasse” de conhecimento de uma maneira educadora, que se preocupa com o outro como um ser

inserido num contexto social e histórico, que tem capacidade de ampliar sua visão de mundo e transformá-lo ao mesmo tempo.

O termo “extensão” é analisado, por Freire (1983: 13), partindo de diferentes pontos de vista: sentido lingüístico da palavra, crítica a partir da gnosiologia e estudo com conceito de “invasão cultural”. Freire discute, em sua obra, a questão da reforma agrária onde se contrapõem os conceitos de “extensão” e de “comunicação” como idéias totalmente antagônicas. Ele mostra como a ação educadora do técnico, como a do professor, deve ser a de comunicação, para se chegar ao homem como ser concreto inserido numa sociedade histórica. Se o técnico usar de “extensão” ao invés de “comunicação”, o camponês passa a ser uma “coisa” que recebe os depósitos mecânicos daquilo que o técnico acha ser necessário para o camponês ser um “homem moderno” da mesma forma que o “homem superior” (técnico) é moderno. Dessa forma é possível notar que se dá importância, nesse sentido de extensionismo, à inserção de cultura alheia sem a preocupação com a transformação do homem para que ele seja capaz de transformar o mundo que o cerca.

Segundo o autor, conhecer não é aceitar passivamente aquilo que é imposto, mas o conhecimento exige a presença curiosa do sujeito e requisita sua ação transformadora a respeito da realidade, e essa ação depende de busca constante da situação da face do mundo. No processo de aprendizagem, é necessário que aquilo que é aprendido seja apreendido e leve o homem a aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas. Assim, é possível notar que a capacitação técnica não pode ser focalizada, só em uma perspectiva humanista e científica, mas deve ser focalizada na realidade cultural total do homem do campo. Essa totalidade cultural não pode ser afetada em nenhuma das partes sem que haja um reflexo automático nas demais. É possível deduzirmos que o técnico-educador não pode efetuar a mudança das atividades dos camponeses em relação a qualquer aspecto, sem conhecer sua visão de mundo e sem confrontá-la com sua realidade.

De acordo com Freire, podemos fazer uma crítica ao conceito de “extensão” como invasão cultural, como uma atitude contrária à verdadeira educação comunicativa, que tem por base o diálogo; afinal para haver comunicação é necessário que haja troca de idéias e experiências da realidade, ou seja, é necessário que haja uma reciprocidade sem rompimento algum.

Assim, a comunicação não acontece pela extensão de conteúdos, mas sim pelo diálogo comunicativo que gira em torno do significado significativo¹ e ser expressado através de um mesmo sistema de signos lingüísticos, ou seja, aquilo que é dito por um sujeito tem que ser compreendido por outro e também precisa ser significativo para ambos. Não sendo dessa forma, a comunicação torna-se impossível. Isto é tão verdadeiro que entre compreensão, inteligibilidade e comunicação não há separação. Portanto, é necessário levarem-se em conta as relações entre técnicos e camponeses, no que diz respeito à comunicação.

A linguagem técnica pode deixar de ser alcançada pelos camponeses. Daí que as palestras sejam cada vez menos indicadas como método eficiente. Daí que o diálogo problematizador tende a diminuir a distância entre expressão significativa do técnico e a percepção pelos camponeses em torno do significado. Deste modo, o significado passa a ter a mesma significação para ambos.

Segundo Freire (1983), a comunicação pode passar por dificuldades; deve-se, então, considerar a questão sócio-cultural. É necessário cuidar para que, ao invés de refletir sobre os condicionamentos sócio-culturais dos camponeses, não se simplifique a questão e não se conclua a mesma pela incapacidade dialógica dos camponeses. Daí, aos atos de invasão cultural e de manipulação há só um passo, que já está praticamente dado.

Devemos considerar também o trabalho de comunicação entre técnicos e camponeses, num processo de reforma agrária onde o aspecto humanista é completo. Onde esse humanismo se impõe ao trabalho de comunicação entre técnico e camponês, está baseado na ciência, é crítico e crê na capacidade transformadora do homem. Neste humanismo científico deve estar apoiada a ação comunicativa do técnico-educador.

Notamos, então, na obra, que a preocupação é acentuar os princípios e fundamentos de uma educação como prática de liberdade que inclui o esforço do homem em se decifrar. E é somente através da comunicação que o técnico exerce êxito no seu trabalho e percebe a co-participação dos camponeses.

Podemos perceber a importância que a comunicação, através da fala, deve ter para o bom andamento de uma vida em sociedade, quer seja em níveis iguais ou diferentes.

Passaremos, a partir de agora, a associar a fala à escrita para, posteriormente, podermos dar continuidade a este trabalho, que, conforme já visto anteriormente, visa

¹ Aquilo que tem sentido real, segundo Freire (1983).

analisar de que forma os mecanismos de correção da oralidade podem propiciar o esclarecimento de idéias, buscando garantir uma boa compreensão do assunto, entre os participantes da conversação, fazendo com que pessoas, de níveis iguais ou diferentes de fala, sejam capazes de se comunicarem sem maiores dificuldades, uma vez que o *corpus* da análise é uma palestra de universitários técnicos, tendo como público pecuaristas de gado leiteiro.

3.4. O DISCURSO ORAL OU A FALA

A escrita, há algum tempo, tem sido foco de interesse para alguns trabalhos. Com o desenvolvimento da Lingüística e, a partir da difusão da abordagem saussuriana, o objeto da Lingüística deveria ser o sistema lingüístico, que abrange a língua e a escrita. O sujeito falante e sua subjetividade eram excluídos desses estudos, pois a análise era baseada nas estruturas da própria escrita.

Até bem pouco tempo, a escrita representava para muitos estudiosos somente uma transcrição da fala. Apenas recentemente a oralidade e a escrita começaram a ser estudadas como duas modalidades de uso da linguagem com características próprias e como pertinentes aos estudos da linguagem.

Segundo Bakhtin (1997), a língua, quando manifestada pelos locutores através da enunciação oral dentro de um certo contexto, tenta exprimir conceitos relacionados aos interesses desse contexto, assim, podemos dizer que há, na enunciação, uma ideologia que pretende se expandir. Na verdade, tudo o que ouvimos está carregado de paradoxo ideológico entre mentiras e verdades, coisas boas e ruins. Por isso ouvimos e reagimos às palavras que condizem com a nossa ideologia e que podem ser relacionadas com a nossa vida.

Quando fazemos uso da fala, segundo Kleiman (1995), adentramos num mundo dominado pela situação e pela operação, ou seja, falamos de maneira contextualizada, de acordo com o que se passa ao nosso redor e de acordo com o instante. Por ser algo momentâneo, a fala não nos dá oportunidades de parar, pensar naquilo que vamos dizer, ou que pretendíamos, assim é necessário que recorramos a certas correções que possam facilitar e esclarecer o que está sendo dito.

Para Castilho (1998), a linguagem humana acontece essencialmente através do diálogo independente da modalidade, à qual recorreremos. Entretanto, na língua falada, os participantes da conversação estão sempre frente-a-frente, dispõem da mesma identidade temporal e a constituição do enunciado pode ser realizada em conjunto, visando a interação de uma forma mais real.

De acordo com Rey-Debove (1984), a comunicação oral acontece em uma linearidade que podemos chamar de temporal. Todo o discurso deve ser elaborado ou reelaborado no exato momento em que o locutor está fazendo uso da palavra.

Este uso de espontaneidade momentânea torna, muitas vezes, a fala como algo redundante, repetitivo, o que, às vezes, pode tornar o discurso confuso. Dizemos “às vezes”, pois nem sempre a redundância e a repetição tornam o discurso confuso, uma vez que elas são estratégias que podemos utilizar para mantermos o assunto em evidência. E, ainda mais, podemos dizer que a repetição faz parte das marcas de registro da oralidade, uma vez que ocorre devido ao caráter de planejamento local que a fala possui. Quando se vai fazer alguma modificação no que está se falando, é necessário muita rapidez, logicidade e objetividade, uma vez que a correção tem de ser feita obrigatoriamente ligada (integrada) à frase pronunciada.

Não podemos deixar de dizer, também, do favorecimento que o falante tem sobre o escritor, uma vez que este não pode fazer uso de certos recursos a que aquele tem acesso. Entre estes recursos podemos citar a expressão fisionômica, os gestos, o toque, o diálogo direto.

Diante desses conceitos, é possível percebermos algumas diferenças entre a fala e a escrita, que a partir do próximo item serão explicitadas.

3.5. A FALA E A ESCRITA

Na relação entre oralidade e escrita, alguns autores, como Marcuschi (1986;1987) e Koch (1987), trabalham com a hipótese de que há um *continuum* entre as duas modalidades lingüísticas. Outros acreditam que as modalidades são complementares e estariam vinculadas a uma norma superior, de onde derivariam situações em que uma modalidade é mais adequada que a outra. Devemos ter claro que tanto a fala quanto a escrita são modalidades que pertencem a uma mesma língua, em nosso caso, são modalidades diferentes que possuem a mesma estrutura, pois os elementos léxicos e gramaticais são os mesmos para as duas formas de manifestação da língua e ambas pertencem à língua portuguesa. Mas, não podemos dizer que elas sejam iguais, pois a forma de realização de uma e de outra é diferente, conforme Fávero, Andrade e Aquino (1999). Essa diferenciação pode ser notada na maneira como cada uma é adquirida; de que maneira acontece a produção, a transmissão e a recepção; e também através dos meios em que são organizadas. Seguindo esse conceito, podemos admitir, segundo Fávero, Andrade e Aquino, que a escrita é um processo mecânico e que, para podermos concretizá-lo, necessitamos de um objeto físico além das competências motoras e também cognitivas. Dessa forma, consideramos a escrita como um “processo artificial”, e a fala como um “processo natural”, uma vez que, para executá-la, precisamos de habilidades cognitivas e dos órgãos da fala.

Segundo as autoras, podemos ver a fala como um “*status* primário” do desenvolvimento humano, afinal, aprendemos a falar antes de aprendermos a escrever e a ler e, ainda, todas os seres humanos, com exceção daqueles que possuem algum tipo de problema patológico, aprendem a falar, mas muitos não aprender a ler, nem a escrever. Se analisarmos, historicamente, ou com relação ao desenvolvimento humano, a fala é evidentemente primária. Podemos considerar a escrita como uma derivação da fala, pois, segundo Fávero, Andrade e Aquino (1999), podemos ver a escrita como a representação simbólica e visível da fala.

Alguns parâmetros para pensarmos na relação entre fala e escrita são as suas diferenças físicas, situacionais e funcionais, que determinam a natureza estrutural das duas modalidades.

No que diz respeito ao aspecto físico, a fala acontece por meio de representação sonora ao longo de um período de tempo e é percebida pelo ouvido. A fala é realizada de

forma descontínua, aos jatos e, além disso, está presa a um determinado momento. O interlocutor precisa acompanhar o ritmo do falante e nem sempre o consegue completamente.

A fala exibe alta redundância, pois possui pouco tempo para seu planejamento, segundo Koch (1987), e é, geralmente, espontânea, sendo reestruturada no momento de sua emissão.

Já a escrita é representada por marcas em um espaço. É uma atividade percebida pela visão, possui, ainda, maior durabilidade e exige maior precisão que a fala, pois há a necessidade de que as indicações para a boa compreensão do texto baseiem-se unicamente na expressão escrita. Assim, o interlocutor é relativamente livre para desenvolver o processo de leitura/escrita com a rapidez que deseja. A escrita possui baixa redundância, chegando ao leitor como um objeto acabado, de acordo com Matencio (1994).

Podemos considerar a fala, do ponto de vista funcional, como uma construção conjunta. Bakhtin (1997:109) diz que a fala não pode ser considerada como um a produção individual. Segundo o autor, ela é de “natureza social”. Já a escrita pode ser considerada como uma atividade solitária, e tem maior tempo para ser elaborada.

Quanto ao aspecto funcional, utilizamos mais a fala em contatos sociais que a escrita. Esta última é utilizada no “trabalho intelectual”, uma vez que serve como registro e armazenamento de informações.

Como a escrita tem característica durável, pode ser usada como documentação, podendo ser entendida como mais conservadora que a fala, que é uma modalidade momentânea. Essa durabilidade da escrita faz com que ela possa ligar-se ao poder econômico das sociedades, já que se pode, através dela, estocar informações.

Os estudiosos procuram descrever os diferentes tipos ou modalidades da linguagem como fatores que têm representatividade na comunicação e não como algo que representa, integralmente, a realidade de diferentes culturas, determinando se esta diferença pode interferir no desenvolvimento dos vários estilos cognitivos e da aquisição de novos conhecimentos ou não. Este pensamento é feito com base no que Kleiman (1995) diz a respeito disso. Ela mostra que nem sempre a escrita é elaborada com extrema formalidade e planejamento, do mesmo modo que a fala não é sempre informal e sem planejamento. Chegamos, aqui, a uma outra visão do que é a fala e a escrita e qual é a influência ou interferência de uma sobre a outra. E que uma das diferenças fundamentais entre a fala e a

escrita está relacionada às estratégias utilizadas para efetuarmos o planejamento de cada uma delas.

Segundo Kleiman (1995), independente da modalidade comunicativa, a linguagem é capaz de incorporar a fala de outras pessoas a um diálogo, além daquela do enunciador, fazendo com que o enunciado seja algo significativo dentro do discurso para aqueles que participam da conversação.

Com isso, podemos acreditar que pessoas com graus diferentes de instrução e diferentes níveis de fala podem fazer uso da conversação e com auxílio de alguns recursos podem, também, comunicarem-se sem grandes dificuldades.

3.6. A CONVERSAÇÃO

“A conversação é a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora”, segundo Marcuschi (1986:14).

Basicamente, para que haja conversação, é necessário que duas pessoas demonstrem que têm interesse em entrarem em contato uma com a outra. Por isso, segundo Castilho (1998), para que a conversação possa ser executada, precisamos ter “espírito cooperativo” e reconhecermos ou identificarmos um “propósito comum”, a fim de que a direção da conversa possa ser a mesma para os participantes da conversação. A nossa participação numa conversa é construída, automaticamente, a partir do momento em que a intenção da conversa e a discussão do assunto são pertinentes àquilo que temos condições de discutir.

É possível citarmos cinco características básicas da conversação, segundo Marcuschi (1986):

- interação entre pelo menos dois falantes;
- ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- presença de uma seqüência de ações coordenadas;
- execução numa identidade temporal;
- envolvimento numa “interação centrada”.

Tais características permitem-nos tomar a conversação como sendo uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores

voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum. Assim, Bakhtin (1997), diz que “toda palavra comporta duas faces”; pois é proferida por alguém e dirigida a uma outra pessoa e dessa forma, a conversação resulta na interação entre falante e ouvinte.

A interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação.

A interação, segundo Marcuschi (1986), envolve:

- expectativas mútuas;
 - suposições e pré-suposições;
 - atenção para fatos lingüísticos e paralingüísticos;
 - conhecimento partilhado.

Para produzir e sustentar a conversação, duas pessoas devem partilhar um mínimo de conhecimentos comuns.

Podemos dividir a conversação em duas partes que, segundo Castilho (1998), são:

- Conversação natural: é aquela que não tem um roteiro preparado previamente; ela é imprevisível. As decisões, sobre o que vai ser falado, vão sendo tomadas, à medida que a conversa vai se desenvolvendo. Neste tipo de conversação, encontramos os diálogos simétricos e os assimétricos, de que trataremos a seguir.

- Conversação artificial: é aquela que segue roteiro preparado previamente ou um *script*. Encontramos este tipo de conversação em novelas, peças teatrais, filmes, entre outros, que possuem um texto, escrito por alguém e que é repassado para outras pessoas memorizarem e falarem como se o discurso fosse produzido por elas mesmas.

É necessário falarmos, ainda, a respeito de um “*continuum*” entre esses dois tipos de conversação. Esse “*continuum*”, que consideramos como uma zona intermediária, é representado por entrevistas ou conversações que possuem um roteiro prévio ou debates com seqüência pré-determinada a cerca da vez de falar nos turnos.

Quanto aos diálogos mencionados em conversação natural, vejamos:

- Diálogos assimétricos: são aqueles em que um dos participantes tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outro(s) participante(s), já que este tem um determinado privilégio sobre os outros. Este tipo de diálogo é bastante comum em instituições, igrejas, palestras etc. O *corpus*, para análise deste trabalho, tem predominantemente este tipo de diálogo.

- Diálogos simétricos: são aqueles em que os vários participantes têm, supostamente, o mesmo direito à auto-escolha da palavra, do tema a tratar e de decidir sobre seu tempo.

Podemos dizer que neste tipo de diálogo os falantes têm liberdade de negociação para direcionar o assunto e controlar a distribuição de turnos.

Segundo Barros e Mello (1988:28), “na conversação o tempo é real, e tudo o que se fizer é definitivo, enquanto que, ao escrevermos, podemos voltar atrás corrigindo os equívocos, eliminando passagens supérfluas, refazendo o estilo e polindo o texto”.

Quando falamos em conversação, enquanto objeto de estudos, não podemos formar um único quadro de classificação para ela, pois é muito ampla.

Ao falarmos em correção, de acordo com Castilho (1998), temos sempre que levar em consideração os fatores lingüísticos, psicológicos e sociais, que manifestam sua influência no dinamismo que circunda a conversação; afinal, sempre falamos a respeito daquilo que temos conhecimento.

Vamos, a seguir, ater-nos mais precisamente aos procedimentos de reformulação do discurso oral.

3.7. PROCESSOS DE REFORMULAÇÃO DO DISCURSO ORAL

Nesta parte do trabalho, estaremos apresentando os processos de formulação do texto falado e, principalmente, estaremos falando sobre os processos de reformulação do discurso oral que envolvem a correção e a paráfrase, além de outros mecanismos que recebem atenção menor, mas que não podem deixar de ser mencionados porque contribuem para a realização de reformulação na fala.

3.7.1. A CORREÇÃO

Ao falarmos em correção enquanto um processo de reformulação, precisamos refletir a respeito dos processos de construção textual estabelecidos por Castilho (1998). Segundo o autor, o texto é construído por ativação, por reativação e por desativação ou reformulação. Vejamos o que vem a ser cada um desses processos de construção de um texto.

- Construção por ativação: ao produzir o texto utilizando esse processo, o falante procura evidenciar aquilo que tem maior relevância no seu discurso. Ele procura fornecer todas as informações necessárias, para que o seu interlocutor seja capaz de perceber a

importância do elemento que procura destacar no seu discurso. Para facilitar esse esclarecimento quanto à importância do elemento em foco, o falante procura dizer o que é, como é, o que faz, o que pode acontecer ao elemento de acordo com diferentes situações, favorecendo, dessa maneira, a compreensão do ouvinte.

- Construção por reativação: segundo Castilho (1998), quando o falante recorre a esse tipo de construção textual, podemos notar uma retomada freqüente de idéias já ditas. Isso ocorre por uma questão pragmática, ou seja, pela necessidade de ser entendido pelo outro, ou ainda, o falante repete, retoma algo para facilitar a posse do turno. Dessa forma, podemos entender, que, através desse processo de reativação, o falante repete ou retoma algo que considera importante para a compreensão do seu discurso, para facilitar a compreensão por parte do interlocutor e também, para auxiliá-lo na re-elaboração da fala, quer seja ela em auto ou heterocorreções.

- Construção por desativação: quanto à construção textual por desativação, Castilho (1998) diz que o falante, ao fazer uso desse tipo de construção, primeiramente evidencia algo que tem a dizer e, ao perceber que não disse o que pretendia de maneira adequada, apaga o primeiro enunciado e o substitui por um novo, ou seja, fala algo que não foi bem elaborado, então o abandona e cria um novo enunciado. Esse novo enunciado pode, muitas vezes, deixar alguns termos elípticos ou, ainda, adicionar, inserir ao primeiro enunciado novos elementos. Podemos entender, então, que, segundo o autor, a correção, que faz parte da formulação textual, está incluída no processo de desativação ou descontinuidade da fala.

Quando vamos formular um texto, é necessário pensarmos na sua formulação, não apenas na questão do planejamento, mas também, na maneira como vamos realizá-lo. Segundo Castilho (1998), quando vamos efetivar nosso texto, o dever de procurar meios capazes de tornar esse discurso compreensível não é uma tarefa do ouvinte, mas sim do falante. Por isso, precisamos recorrer a mecanismos que possam fazer desse discurso um produto de ação e de interação. Tendo isso em vista, acreditamos que a correção é um mecanismo capaz de auxiliar a intercompreensão.

Como na fala, o planejamento e a execução do discurso acontecem no tempo real, é necessário que ao falarmos voltemos atrás para corrigir o que dissemos. A correção, na língua falada, segundo Castilho (1998), é uma característica dessa questão relacionada ao tempo.

A correção pode ser considerada como marca de elaboração própria da oralidade ou como um incidente de produção. Na verdade, são os “erros” a serem corrigidos que resultam

do modo de inscrição da conversação no eixo temporal e que assinalam a simultaneidade entre elaboração e produção, enquanto a correção deles deve ser concebida como procedimento de reelaboração do discurso, segundo Barros e Melo (1988). Para as autoras, a correção enquadra-se no processo de reativação, ou como dizemos, a correção é vista como um processo de reformulação que favorece a produção, a compreensão e a interação através da fala.

Segundo Fávero, Andrade e Aquino (1999:63), a correção tem um papel muito importante no processo de elaboração do texto e podemos dizer que ela corresponde à construção de uma parte do discurso capaz de reformular algo dito anteriormente que pode ser considerado “erro” para o ouvinte. Com base nisso, as autoras, às quais nos referimos, dizem que a correção é “um claro processo de formulação retrospectiva”.

Podemos dizer que as ocorrências das correções conversacionais são marcas específicas da oralidade, pois o falante tem liberdade para utilizar quaisquer vocábulos ou enunciados que considere coerentes, ou ainda, pode substituí-los por outros que possam ser mais satisfatórios e que podem, além de facilitar a interação entre os participantes da conversação, auxiliá-lo na preservação de sua auto-imagem.

O “erro” seria uma escolha do falante: lexical, sintática, prosódica, de organização textual que, por razões diversas, foi considerada inadequada pelo próprio falante ou por seu interlocutor. O “erro” pode ser apenas assinalado, mas não propriamente corrigido, ou assinalado e corrigido, por qualquer dos interlocutores.

Segundo Castilho (1998:43), o sistema de correção pode ser visto como “um conjunto de atos de constituição do texto falado”. Este conjunto envolve desde a escolha dos vocábulos a serem pronunciados até a organização e produção do enunciado, que denominamos texto propriamente dito.

A declaração do “erro” ou sua correção correspondem a diferentes fases: a de negação do elemento a ser corrigido ou “erro” e a de afirmação de um novo elemento, o “correto” ou que corrige o “erro”.

Ao fazermos análise de conversação, nem sempre é fácil ou possível distinguir a correção.

A correção é definida como um procedimento de reelaboração, que conserta as dificuldades e inadequações temporais da elaboração e da produção do discurso e como ato de reformulação do texto, tendo em vista a inter-compreensão, segundo Barros e Melo (1988).

Podemos falar sobre dois aspectos de estudo da correção: procedimentos lingüísticos e funções assumidas ou efeitos de sentido produzidos. Examinando as ocorrências de correção de forma ampla, podemos ver o mecanismo sob dois pontos de vista: primeiro, adotamos uma perspectiva comunicativa da língua e valorizamos o papel da correção na construção do sentido do texto e, depois, verificamos as conseqüências da correção na interação entre locutores e suas funções na organização da conversação. Partimos do princípio de que a competência do falante para produzir textos, principalmente orais, e do ouvinte para compreendê-los dependem muito do conhecimento, de estratégias de correção.

Ao adotarmos uma perspectiva, é possível definir quais são as classificações e tipologias da correção. De acordo com Barros e Melo (1988:18), é possível distinguirmos dois tipos de correção: a reparação e a correção.

A **reparação** é bastante usada na tomada de turno; serve para corrigir o falante, no momento em que a fala deveria ser de uma outra pessoa. Ela deve ser entendida como a correção de um erro ou falha conversacional. Da mesma maneira que há mecanismos reguladores da conversação, há também aqueles que corrigem ou procuram consertar alguns enganos cometidos.

O estudo da reparação e da organização da conversação estão intimamente ligados um ao outro. De acordo com o tipo cultural ou o tipo de conversa é que se determinam as regras e as técnicas deste estudo.

Segundo Barros e Melo (1988), as **correções** que não se aplicam às falhas ou erros conversacionais citados anteriormente são denominadas simplesmente correções.

Podemos encontrar dois tipos de correção. A correção pode ser **parcial** ou **total**, dependendo de como é feita a reformulação. Vejamos a diferença entre elas:

- **Correção parcial**: esse tipo de correção acontece quando parte do enunciado de origem é mantida no trecho em que acontece a reformulação, através da correção.

- **Correção total**: é aquele tipo de correção que encontramos quando, no enunciado reformulado, o falante não faz o resgate ou o aproveitamento de nenhum termo utilizado no enunciado original, ou seja, a correção é executada através da criação completa de um novo trecho do discurso.

Tanto na reparação quanto na correção existem casos de autocorreção onde o próprio falante se corrige, e de heterocorreção (correção pelo outro), em que o falante comete o erro e seu interlocutor o corrige. A diferença, segundo Barros e Melo (1988), na

correção, entre autocorreção e heterocorreção é um dos fatores que nos capacita a dizer que essas reformulações discursivas têm função interativa.

As correções podem ser feitas no mesmo turno em que o erro foi cometido ou em turnos diferentes.

Quando a autocorreção é feita pelo seu próprio autor, ela pode ser realizada no mesmo turno ou em turnos diferentes. Ao passo que as autocorreções iniciadas pelo interlocutor, geralmente são realizadas dois turnos depois que a falha foi cometida.

As heterocorreções auto-iniciadas ocorrem costumeiramente no turno seguinte àquele em que o “erro” aconteceu. Segundo Fávero, Andrade e Aquino (1999), algumas heterocorreções deixam de ser feitas por uma questão de preservação da imagem do outro. Para as autoras, a correção é um processo de alto grau de interação e colaboração e, quando são usados de forma apropriada, esses mecanismos podem ser vistos como um “dispositivo dinâmico” muito favorável à língua falada.

De acordo com Barros e Melo (1998), a correção vem atender às necessidades de interação daqueles que participam da conversação, cuja função fundamental é estabelecer laços intersubjetivos.

Devemos fazer uso da correção na conversação devido à existência de elementos considerados errados ou falhos.

Podemos distinguir três blocos de erros: erros fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-pragmáticos. Não é possível distinguir sempre em qual bloco o erro cometido deve ser enquadrado.

Podemos chamar, também, os procedimentos lingüísticos utilizados na correção como marcadores de correção.

Vários autores determinam marcas e padrões específicos para a correção na conversação..

Barros e Melo (1988:28) determinam um esquema sistematizado para correções. Este esquema é o que veremos agora:

palavra 1 + hesitação + palavra 2

(erro) (correção)

Barros e Melo (1988:28) aproximam a correção da reformulação de idéias. Segundo as autoras, é possível reconhecermos a correção ou reformulação através dos marcadores de correção. O marcador serve de pista ao ouvinte para ajudá-lo a reconhecer o erro cometido e a interpretação da correção realizada.

Tomando por base, ainda, as definições das autoras (1988), a correção pode ser marcada também, pelos seguintes elementos: a ruptura da curva entoativa, a acentuação do elemento corretor e certas expressões verbais estereotipadas (advérbios, conjunções e interjeições).

Para Marcuschi (1986:33), “uma das conseqüências da correção é que ela modifica a estrutura da frase, truncando-a, criando redundâncias, repetições, encaixamentos, etc.”.

Com base nesses autores, podemos falar, ainda, de outros marcadores e esquemas de correção. Grande parte desses marcadores e esquemas está vinculada à hesitação, que mostra dúvidas ou dificuldades que o falante tem em prosseguir o seu discurso e esta hesitação faz com que ele tenha um tempo maior para poder reestruturar sua fala. Mas, nem sempre a fala é assinalada por sinais que nos permitem perceber hesitações, nem marcadores conversacionais, o que dificulta um pouco mais a percepção do ouvinte a respeito do esforço que o falante faz para produzir bem seu discurso e ser compreendido adequadamente pelo ouvinte e, conseqüentemente, contribuir com o processo de interação entre os participantes da conversação.

Podemos resumir os principais marcadores da correção em: pausa, prolongamento de vogais, repetição, truncamento ou interrupção, expressões verbais estereotipadas, mudança da curva entonacional, aceleração do ritmo e também os marcadores paralingüísticos, ou não verbais (olhar, riso, gestos, movimentos de cabeça e corpo etc.).

A correção não ocorre por acaso. É possível atribuímos-lhe algumas funções que, segundo Barros e Mello (1988: 30), são organizadas em três blocos:

- **funções cognitivo-informativas:** têm por objetivo fazer com que o ouvinte compreenda bem as informações objetivas ditas pelo falante; esta é a função da produção da fala;

- **funções pragmáticas ou enunciativas:** têm por objetivo fazer com que o ouvinte compreenda o falante, não apenas no que diz respeito às palavras pronunciadas, mas também que possa compreender suas opiniões, sentimentos e qual o papel social que este desempenha; esta função pode ser considerada a responsável pelo esforço que o falante faz para ser compreendido pelo ouvinte;

- **funções interacionais:** têm por objetivo fazer com que o ouvinte reconheça as intenções do falante, com respeito às relações intersubjetivas e aos envolvimentos emocionais; temos, portanto, a função de interação entre os participantes da conversação.

Podemos dizer que, como objetivos gerais, a correção procura resolver e consertar falhas, erros e infrações, buscando poder assegurar a boa compreensão entre os participantes da conversação.

Passaremos, agora, a falar a respeito das diferenças da correção feita na língua oral e na escrita.

3.7.2. CORREÇÃO NA FALA X CORREÇÃO NA ESCRITA

Na fala, a comunicação é feita pessoalmente, onde o fator de extrema importância é o tempo, enquanto na escrita, o elemento de maior destaque é o fator espacial. A questão é que, ao falarmos em comunicação numa linearidade temporal, esta só pode ser ouvida no instante em que alguém está falando e só é possível reprisarmos o que foi dito através da memória, ou com recurso de gravador ao passo que, numa linearidade espacial, pode-se realizar uma leitura, reler os escritos.

Segundo Rey-Debove (1984 e 1983), no texto escrito é possível anularmos, juntarmos, substituímos, fazermos mudanças, pois a frase será dita após o término do processo. Na fala, aquilo que dizemos é imediatamente entendido e compreendido e, quando notamos a necessidade de modificarmos ou anularmos alguma coisa pronunciada, já deve ter sido causado algum efeito no ouvinte.

Em suma, podemos dizer que as correções orais são bem mais evidentes que as escritas, devido ao fato de dependerem do tempo extremamente restrito para sua organização. Já na escrita, os textos chegam em nossas mãos, enquanto leitores, como algo já pronto e acabado, por isso, não podemos perceber as correções que nele são executadas. Além da questão do tempo, a correção oral envolve o sucesso na reformulação do que foi dito. E não é possível que toda correção feita seja entendida, ou notada facilmente. Para tanto, é necessário que os ouvintes estejam extremamente atentos àquilo que está sendo dito, a fim de que haja um alto valor qualitativo do discurso, ou seja, para que haja um bom aproveitamento e uma boa interação do conteúdo do discurso com os participantes da conversação.

Com respeito às **repetições**, segundo Tannen (1985), podemos dizer que estas são uma maneira espontânea de reformular aquilo que foi dito na conversação. Na verdade, toda

linguagem é um pouco reformulada, à medida que fazemos associações ou até mesmo estruturações convencionalizadas de algum assunto. De acordo com a autora, a repetição na conversação tem funções nos processos de produção, de compreensão e interação social. Essa harmonia gera a sensação de coerência na conversação e também no mundo. Devido a este caráter de reformulação que a linguagem possui, surge a necessidade de sua interação com fatores externos, mas que estão a ela relacionados, tais como cultura, sociedade, diferentes dialetos, pessoas de diferentes posições econômicas e sociais.

É preciso falarmos, ainda, que a repetição recebe críticas negativas, quando se faz presente na conversação, devido ao fato de contrastar com o *status* elevado que ela tem nos discursos poéticos. Segundo Castilho (1998), o falante deixa, muitas vezes, de utilizar as repetições, tendo em vista que em nossa cultura encontramos uma norma que diz haver uma desvalorização do discurso, quando ele possui a “repetição de palavras semelhantes”. Mas, acima disto, o que mais nos interessa é mostrar que a repetição pode ser considerada constante, auxiliadora e funcional na comunicação cotidiana.

Segundo pondera Tannen (1985), quanto às funções que a repetição possui, no processo de produção, observamos a reformulação espontânea de idéias e conceitos pré ou já existentes; no processo de compreensão, há uma espécie de retomada de algo que já foi dito, tornando o discurso, muitas vezes, redundante. Mas essa redundância funciona como um reforço daquilo que já fora pronunciado, podendo, dessa forma ser mais facilmente assimilado; e como terceira função, podemos falar do envolvimento pessoal, que é um fator de muita importância na conversação - o padrão de sons, palavras, frases, orações mostra um universo comunicativo compartilhado pelos indivíduos que fazem parte da conversação. A repetição se mostra como elemento interativo na relação pessoal, que é capaz de transformar vários discursos em um único e coerente, realizado em conjunto. Com isso, é possível concluirmos, segundo Tannen (op. cit.), que, ao passo que o conjunto, ou seja, a comunidade humana dá forma ao mundo de cada um dos indivíduos, estes passam a sentirem-se engajados não só na prática discursiva, mas, acima de tudo, sentem-se como seres coerentes no mundo.

Para Castilho (1998), tanto a repetição quanto a paráfrase fazem parte dos mecanismos utilizados para a correção, já que uma e outra fazem parte do sistema convencional da correção que visa, como prioridade, a interação entre os participantes da conversação, seja ela baseada em diálogo simétrico ou assimétrico.

Ancorados em todos esses argumentos teóricos e refletindo a respeito deles, passaremos à análise do *corpus*, em que pretendemos verificar de que forma os marcadores da correção, juntamente com outros fatores que influenciam a comunicação, podem proporcionar uma boa compreensão entre os agentes da fala.

3.7.3. AS PARÁFRASES

Veremos, nesta parte do trabalho, alguns conceitos e tipos de paráfrase, segundo Castilho (1998), Fávero, Andrade e Aquino (1999), Wenzel (1985) e Hilgert (1993). Acreditamos que o comentário a respeito de paráfrases é necessário, tendo em vista que elas também constituem os procedimentos de reformulação, e nem sempre é possível separar, totalmente, as correções de paráfrases; portanto é preciso conhecermos tanto uma quanto outra.

Castilho (1998) diz que a paráfrase é um mecanismo de auxílio para o falante. Quando ele utiliza termos ou enunciados que não satisfazem a intenção daquilo que ele pretendia dizer, o falante pode recorrer a ela, modificando a forma da sua fala, mas preservando o conteúdo. No estudo da conversação, a paráfrase “procede à correção”, segundo Castilho (1998: 44), pois não podemos falar em correção sem considerarmos a paráfrase nada tem a ver com ela, afinal, segundo o autor, as duas buscam juntas o reajuste da mensagem.

Já, de acordo com Fávero, Andrade e Aquino (1999), a paráfrase é uma reformulação de um enunciado anterior, mas entre eles há uma “relação de equivalência semântica”.

Analisando os tipos de paráfrases existentes, segundo Fávero, Andrade e Aquino (1999), podemos dizer que a paráfrase possui muitas funções na conversação. Entre elas, podemos citar a coesão do texto discursivo, pois existe entre o enunciado anterior e o atual uma articulação das informações. Mas, segundo as autoras, a função mais importante da paráfrase é a de “garantir a intercompreensão” (ap. cit.:59).

Segundo Wenzel (1985), quando temos dois enunciados lingüísticos, que mantêm entre si uma idéia igual ou semelhante, e o segundo é uma retomada parcial ou total do primeiro, temos uma paráfrase. Através dessa definição da autora, notamos que há, na

paráfrase, uma relação de “similaridade e igualdade” entre os termos ou enunciados. Por isso, para que possamos reconhecer uma paráfrase, precisamos interpretar aquilo que foi dito.

Podemos classificar as paráfrases, segundo Wenzel (1985), como retórica ou reconstrutiva.

A paráfrase retórica é aquela em que o falante reformula sua própria fala, tentando esclarecê-la melhor, facilitando, assim, a compreensão do ouvinte. Este tipo de paráfrase é aquele que encontramos nas reformulações executadas pelo próprio falante. Este tipo de paráfrase, segundo Hilgert (1993), é também chamado de autoparáfrase.

Já a paráfrase reconstrutiva, é aquela que encontramos nas reformulações feitas pela pessoa que estava ouvindo o discurso e sentiu necessidade de fazer algum comentário, para isso faz a reformulação, mas mantém a equivalência semântica com o enunciado original que pertencia a uma outra pessoa. Dessa forma, podemos entender que a reformulação parafrástica ocorre quando o ouvinte ou interlocutor faz algum enunciado e o falante ou locutor retoma elementos da fala do interlocutor para dar continuidade ao diálogo e fazer-se melhor entendido. Essa possibilidade de produção de paráfrase, na qual o ouvinte reformula o enunciado de uma outra pessoa, é chamada por Hilgert (1993) de heteroparáfrase.

Segundo Wenzel (1985), podemos dividir as paráfrases reconstrutivas da seguinte forma:

- Paráfrase completa: é aquela em que todo o enunciado original é parafraseado com outras palavras, ampliando as oportunidades de compreensão das pessoas que estão ouvindo, levando, assim, em consideração, que todas as pessoas que ouvem um discurso não conhecem o mesmo vocabulário.

- Paráfrase sintetizadora: como o próprio nome já diz, é aquela que retoma o enunciado anterior de forma sintética, resumida, podendo, assim, garantir ao falante, que seu discurso foi entendido.

- Paráfrase concretizadora: é aquela que acontece quando, no enunciado original, foi utilizado um termo muito vago que necessita de uma explicação mais detalhada. A paráfrase, então, caracteriza, de forma objetiva e específica, o primeiro enunciado e propociona, ao ouvinte, uma maior chance de entendimento.

- Paráfrase desconcretizadora: este tipo de paráfrase acontece quando, no enunciado matriz, as idéias estão bem detalhadas, então, a paráfrase é elaborada com elementos mais genéricos, menos objetivos.

- Paráfrase expansiva: é aquela que aumenta, amplia as informações do enunciado matriz, proporcionando maiores oportunidades de compreensão.

- Paráfrase redutora: é aquela paráfrase, na qual encontramos alguns termos elípticos em relação ao segmento anterior. Este tipo de paráfrase valoriza, apenas, os pontos relevantes para a conversação.

Segundo Hilgert (1993:112 e 113), tanto as correções, quanto as paráfrases manifestam descontinuidades na formulação do discurso, por isso, ambas são processos de formulação do texto e como tal, buscam a solução de problemas detectados na produção do texto original. Dessa forma, são consideradas “atividades de reformulação”.

No item seguinte, trataremos sobre as elipses, anacolutos e parênteses, que também são elementos encontrados na conversação e contribuem para que a reformulação seja realizada.

3.9. ELIPSES, ¹ANACOLUTOS E ²PARÊNTESES (E, A, P)

Sempre que transcrevemos textos falados, notamos a presença de elementos que não se enquadram às categorias gramaticais e estilísticas desenvolvidas para a escrita. Alguns desses elementos são denominados por Betten (1988) e por Castilho (1998) de elipses, anacolutos e parênteses. Vejamos o que é cada um deles e como podemos encontrá-los na língua falada.

Segundo Betten (1988), elipse é a omissão de um termo ou segmento que não ocupa o lugar de maior importância no enunciado. É, segundo a autora, uma “economia de partes do discurso no diálogo” (op. cit.:2). De acordo com essa definição, podemos entender a elipse como a omissão de uma ou mais palavras que podem ser subentendidas no discurso.

No que diz respeito aos anacolutos, Betten (1988) diz que eles se referem a uma palavra ou construção frasal abandonada.

Os anacolutos, associados às correções, podem ser entendidos como tentativas de adequação da fala, de acordo com a “situação comunicativa”, segundo Betten (op. cit.:5).

¹ Os anacolutos, que encontramos neste item, serão denominados, na análise, de abandonos.

² O que encontramos, aqui, como parênteses, vamos encontrar, na análise, como inserções.

Segundo Castilho (1998), quando o falante utiliza um segmento que é, posteriormente, abandonado, cabe ao ouvinte completar este enunciado de acordo com as informações que ele pode captar do contexto da conversa.

Com relação aos parênteses, podemos defini-los, segundo Betten (1988), como uma frase ou como o acréscimo de uma ou mais palavras, que não pertencem à seqüência discursiva que está sendo formulada, mas que, em geral, servem para esclarecer, comentar ou exemplificar o contexto no qual estão inseridas. De acordo com Jubran (1996:71), “os parênteses têm sido definidos como frases independentes, que interrompem a relação sintática onde estão inseridas e com a qual não apresentam conexão formal nitidamente estabelecida”. Assim, podemos notar que as definições de parênteses nos levam a pensar que eles são mais uma demonstração de diferentes estratégias de construção do texto falado, no qual podemos fazer encaixes de informações que podem melhorar a interação entre os agentes da conversação. Segundo a autora (op. cit.), os parênteses são recursos capazes de concretizar a interação na fala, uma vez que possibilitam a ampliação de informações a respeito do tópico que está sendo discutido.

Vale salientarmos aqui, que na análise das ocorrências de reformulação, que poderemos verificar posteriormente, envolvemos os parênteses nos recursos que nomeamos inserções. Quando nos referimos às inserções, não falamos somente de elementos que são acrescentados ao tópico e que quebram a seqüência temática, mas englobamos todas os tipos de acréscimos de vocábulos ou expressões feitos ao segmento discursivo.

Betten (1988) ainda nos chama a atenção para algumas estratégias ou princípios que podemos utilizar para melhorar nosso discurso e, conseqüentemente, a intercompreensão da conversação. Vejamos, então, quais são essas estratégias que ela chama de “regras de uso”:

1) Quando percebemos que o ouvinte entendeu aquilo que pretendíamos partilhar com ele, é desnecessário continuarmos falando, pois, muitas vezes, poderemos complicar algo que já havia sido entendido, ou, simplesmente, a continuação não é mais necessária;

2) Ao percebermos que o falante não pode mais nos compreender, é necessário que façamos uma interrupção no discurso para reformularmos nossa fala ou acrescentarmos a ela outros elementos que possam torná-la mais compreensível;

3) E se percebemos que nossa fala não foi bem elaborada e não está sendo eficaz, precisamos interrompê-la e corrigi-la antes que haja um entendimento inadequado das informações contidas em nosso discurso.

Acreditamos que as conceituações, trazidas por Betten (1988) e por Jubran (1996), também contribuem na elaboração das reformulações, de que tratamos anteriormente.

4. TIPOLOGIA DOS PROCESSOS DE REFORMULAÇÃO

Nesta parte do trabalho, faremos a análise de alguns trechos da gravação feita, comentando a respeito de reformulações³, enfocando com maior destaque a correção. Ao nos referirmos à reformulação, tratamos das modificações em geral que acontecem na produção da fala e que podem ter apagamento de algum termo ou não. Já, ao nos referirmos à correção, falamos em modificações que acontecem com apagamento de idéias, não apenas apagamento de termos, mas tratamos, em correções, de apagamento semântico.

Nesta análise, o que mais nos interessa é o tipo de reformulação que visa à interação e a favorece. Dessa forma, podemos ver o mecanismo de reformulação de duas maneiras, ocorrências *lato sensu* e *stricto sensu*, que são as correções. Passaremos agora, a tratar das ocorrências encontradas em cada uma delas⁴. Todas as ocorrências de cada exemplo não se encaixam em um único tipo, mas estaremos ressaltando, aqui, as que mais interessam no momento.

4.1. REFORMULAÇÕES *LATO SENSU*

Este tipo de reformulação é aquele que acontece no sentido amplo, envolve abandonos com e sem recomeço, paráfrases e inserções.

Dentre as ocorrências *lato sensu* encontramos:

³As ocorrências de reformulação serão identificadas da seguinte maneira: sublinhado com um traço, encontraremos o trecho a ser reformulado e, com sublinhado duplo, o trecho em que acontece a reformulação.

⁴ Os exemplos que serão colocados aqui, poderão ser encontrados no item denominado “Análise das Ocorrências”, neste trabalho, onde estão todas as ocorrências detectadas, acompanhadas de comentários que dirão a que tipo de reformulação o falante recorreu.

4.1.1. ABANDONOS SEM RECOMEÇO

Este tipo de ocorrência acontece quando o falante interrompe sua fala, abandonando um vocábulo ou um enunciado, substituindo-o por um outro, sem fazer a retomada do termo abandonado. Assim podemos verificar nos exemplos abaixo.

[1]

- 11 (...) ... *isso por quê? porque se você tem um registro de cada animal né?...*
- 12 *você vai podê anoTÁ nas ficha né?(a) de cada animal a da/...*
– **(b)** *assim que você reconhece o*
- 13 *cio na vaca ... (c) assim que os sinais são observado você*
pode colocá éh a va/... éh... o
- 14 *toro lá pra fazê a monta ou então através de inseminação artificial... (...)*

(Em Análise das Ocorrências, n° [1], p. 83)

Encontramos na ocorrência acima, uma substituição de (a) “de cada animal a da/...” (possivelmente a palavra truncada fosse data) por (b) “assim que você reconhece o cio na vaca...”. Essa substituição acontece através de um truncamento em (a), quando o falante abandona o primeiro enunciado, “data” e o troca pelo novo (b). Podemos perceber a importância desta substituição efetuada, pois o pensamento do falante ficou mais claro. Na seqüência (c) “assim que os sinais são observado”..., o falante reformula (b), não descontextualizando, mas fazendo uma paráfrase entre (b) e (c). Temos, portanto, nas ocorrências (a) e (b), a demonstração de um abandono de vocábulo sem retomada, pois a intenção do falante não era, nesse momento, falar em datas ou fichas, mas sim falar a respeito do momento de executar a monta ou inseminação artificial. E a maneira que foi dita nas reformulações tornou mais fácil o reconhecimento pelo homem do campo, pois é mais fácil observar sinais do que realizar cálculos.

[2]

- 131 (...) *éh:: esse preço é um
preço*
- 132 *MÉdio que a gente achô:: LÓgico pode sê que cê ache mais
caro pode ser sê que você*
- 133 *ache mais barato... – (a) em quarenta e/ (b) nesse -- perdão -
- ... (PGS2a) como são duas dose/*
- 134 *uma cedo uma a tarde... são duas doses a quatro reais...*

(Em Análise das Ocorrências, n° [11], p. 90)

Em (a), o falante interrompe a seqüência do que estava falando para fazer uma tentativa de reformulação “—em quarenta e/”. Essa tentativa é truncada e abandonada sem que haja um reaproveitamento do enunciado (a). O falante tenta continuar em (b) “nesse—perdão--...”, a tentativa (b) não é satisfatória, por isso interrompe a fala com um pedido de perdão e segue depois falando sobre aplicação de doses hormonais.

[3]

- 449 *pra que desenvolva um um crescimento desejável... (a) a
novilha diz – (b) muita gente pensa –*
- 450 *(c) fala assim é mas em pasTAgens eu vou
desenvolver todas as necessidades delas ou*
- 451 *não?... normalmente principalmente animais mais
novos... éh:: a pastagem supre apenas*

(Em Análise das Ocorrências, n° [38], p. 107)

Na linha 449, o falante faz seu comentário, interrompe e abandona o enunciado em (a) “a novilha diz- -“, pois novilha nenhuma diz coisa alguma, por isso, em seguida, ele inicia outro enunciado, fazendo uma inserção em (b) “muita gente pensa- -”. Essa inserção tem um papel muito importante neste trecho, pois facilita ao ouvinte o entendimento correto acerca daquilo que está sendo dito. Na seqüência, o falante faz uma elipse de conectivo e

continuando o pensamento, diz em (c) “fala assim é mas em pasTAgens eu vou desenvolver todas as necessidades delas...”.

4.1.2. ABANDONOS COM RECOMEÇO

Este tipo de ocorrência acontece quando o falante abandona um termo ou enunciado e na seqüência faz uma retomada daquilo que abandonou anteriormente. Neste tipo de ocorrências, temos várias possibilidades de reformulações do enunciado. Vejamos os seguintes exemplos:

[4]

170 *tem muitas disvantagens... mais uma delas é que tipo/ -- você tem que ter pessoal*

171 *habilitado pra fazê esse tipo di:: técnica... éh... você pode causar lesões e infecções (a) nu:: ór/*

172 *(b)nú órgã/ (c) nus órgãos genitais du/ (d) dus animais i tamém... éh:: é di difícil aplicação em*

173 *pequenas criações tornando-se antieconômico...*

(Em Análise das Ocorrências, nº [15], p. 93)

Ocorre uma hesitação em (a) “nu::”, seguida por um truncamento “ór/”, na seqüência uma retomada e outro truncamento (b) “nú órgã/. A seguir, o falante retoma mais uma vez o suposto enunciado, reformula e no final de (c) percebemos outro truncamento seguido de uma reformulação “nus órgãos genitais du/”e em (d) notamos a retomada do enunciado truncado e reformulado em (c) “dus animais”. Neste período, as ocorrências que foram detectadas aconteceram pela necessidade que o falante teve de fazer uma troca de singular (a) e (b) por plural (c) e (d). Podemos verificar que o falante não abandonou os termos utilizados, mas os reaproveitou nas reformulações, facilitando assim, a compreensão do falante.

[5]

- 197 *tem que achá... um técnico da emaTER ou na universiDade*
ou um técnico competente pa
- 198 *fala ô::: por favor... qual é o capim que melhor se adeCÚa*
(a) a essa/ (b) ao meu sítio (c) a essa
- 199 *região... porque sinão... às vezes cê leva um capim lá... o*
capim não/ não se dá bem não se
- 200 *adapta... aí cê vai falá que é o capim que é ruim... não... o*
problema é a região... a época

(Em Análise das Ocorrências, nº [16], p.94)

Na linha 186, ocorre um abandono através de um truncamento em (a) “a essa”; na seqüência (b), podemos perceber que o falante recorre a uma reformulação onde retoma o termo abandonado em (a) “ao meu sítio” e já a seguir temos outra reformulação em (c) “a essa região...”. Aqui, também, nada do que havia sido dito foi ignorado, mas reaproveitado. Notamos que o falante demonstra seu esforço em fazer-se compreendido, quando se dispõe a fazer uso de várias palavras, tentando facilitar o entendimento do ouvinte sobre o que ele está falando.

[6]

- 241 *(...) : quanto à PROdução de leite -- a gente (a) tinha quá/*
(b) praticaMENte/ (c) quase oitenta mil
- 242 *litro de leite ali... na época de janero feverero... MARço...*
(...)

(Em Análise das Ocorrências, nº [19], p.96)

Podemos notar na linha 241, a ocorrência de um truncamento em (a) “ - - a gente tinha quá”, na seqüência ocorre em (b), a inserção da palavra “praticaMENte”, que vem seguida por (c) uma retomada do vocábulo abandonado na primeira ocorrência desta linha e acontece, então, a seqüência do enunciado “quase oitenta”. Fica claro que o falante quis mostrar que interrompeu em (a) sua fala para que pudesse, em (b), acrescentar um outro termo, também relevante ao seu discurso, e já na seqüência retoma o termo truncado em (a),

fazendo uma reformulação do que pretendia dizer de uma maneira mais clara e de fácil entendimento.

[7]

- 249 *dando o alimento... de boa qualidade... forragem... no CAso*
éh:: esse peRÍodo num tem
- 250 *essa disponibilidade... (a) a pran/ (b) a pr/ (c) éh: fis/ (d)*
fisiológica... (e) a planta tá produzinu menus...
- 251 *então tem o período que ela vai tá produzinu bastante e a*
gente tem que usá ESse excesso

(Em Análise das Ocorrências, nº [20], p.96)

Nesse trecho, encontramos uma seqüência de ocorrências de correção que torna o período bastante turbulento, até que o falante consegue desenvolver bem seu discurso. A primeira ocorrência que encontramos é um truncamento (a) “a pran/”; na seqüência, o falante retoma a palavra truncada em (a) e tenta reformulá-la em (b) “a pr/”. Essa tentativa é também truncada e abandonada. Na ocorrência seguinte, encontramos em (c) uma hesitação seguida por outro truncamento “éh: fis/”, logo após há uma outra ocorrência (d) onde o falante retoma o termo truncado na ocorrência anterior “fisiológica”, que vem completar a palavra “disponibilidade” e, após uma pausa, podemos notar a reformulação que o falante faz em (e), onde retoma a tentativa de pronúncia dos vocábulos em (a) e (b) “...a planta tá produzindo menus...”. O falante, neste trecho, não conseguia encontrar a reformulação que julgava adequada, por isso, houve tentativas e truncamentos; abandonou o termo pronunciado nas três primeiras ocorrências para completar o seu sentido em (d). Consegue, assim, com êxito, explicar o que realmente pretendia. Esse uso das correções nos possibilita entender a importância da correção para fazermo-nos compreendidos no nosso discurso.

4.1.3. PARÁFRASES

As paráfrases, segundo Fávero, Andrade e Aquino (1999), ocorrem quando o falante reformula a estrutura do texto, substituindo alguns termos ou enunciados por outros, mas

entre o termo substituído e o novo continua havendo equivalência semântica, ou seja, os vocábulos são alterados, mas a significação continua sendo a mesma. Seguindo a mesma visão, Hilgert (1993:114) diz que a paráfrase está enquadrada no “processo de construção do texto” e é “uma atividade lingüística de reformulação”, através da qual podemos encontrar uma relação de equivalência semântica entre um enunciado original e um outro que foi reformulado. Vejamos os exemplos que ilustram isso.

[8]

18 (...) *através desse*
19 *controle que você vai tê através de registros desses*
animais... você vai poder (a) saber/
20 *(b) conhecer o verdadeiro intervalo entre parto dos*
animais (...)

(Em Análise das Ocorrências, nº [3], p.84)

Nesse trecho, o que é relevante para ilustrar este tipo de ocorrência são (a) e (b), onde podemos perceber a preocupação do falante em acrescentar à sua fala um outro termo capaz de garantir a compreensão daquilo que está sendo dito, sem a necessidade de alterar o significado do seu enunciado.

[9]

39 (...) *então quais são os princIPAis dados sobre o ciclo*
sexual que você tem
40 *sempre que levá em consideração? né:::?. A idade é o primeiro*
estro né? na fase de
41 *puberdade geralmente (a) acont/ (b) ocorre em oito meses de idade*
né? (...)

(Em Análise das Ocorrências, nº [5], p. 86)

Podemos notar que há uma troca de termos que é marcada por um truncamento em (a) “acon/ ” (provavelmente o falante iria dizer acontece) e já na seqüência essa palavra que foi truncada é substituída por (b) “ocorre”. Esta substituição de termos, como no exemplo anterior, caracteriza a paráfrase. O termo que foi truncado em (a) não causou alteração semântica no enunciado, quando foi substituído por (b). Mais uma vez, podemos ver como a paráfrase é um mecanismo capaz de favorecer a compreensão do discurso, uma vez que dá ao ouvinte a possibilidade de ter contato com mais de um tipo de vocábulo, propiciando, dessa forma, maiores chances de interação e compreensão entre falante e ouvinte na construção do discurso dialogado.

[10]

333 (...) *nós vamos*
faLAR... desdi u nascimento
 334 *do bezerro... até o dismami i também um poquinho de*
instalações... (a) caso alguém num
 335 *consiGUI/ num consiga pasSÁ:: prá voeis... BEM (b) deixá*
bem claro pra voeis: alguma
 336 *coisa as perguntas poderão ser feitas ao final...*
((barulho di caminhão)) (...)

(Em Análise das Ocorrências, nº [26], p. 100)

Nesse trecho, a primeira ocorrência encontrada é um truncamento seguido de reformulação (a) “... caso alguém num consiGUI/ num consiga pasSÁ:: prá voeis... BEM”. Mais adiante encontramos novamente outro truncamento seguido por outra reformulação da fala em (b) “...BEM deixá bem claro pra voeis: alguma coisa”. Temos aqui outra correção que caracteriza a paráfrase, houve mudança na estrutura do que foi dito em (a) e do que foi dito em (b), mas o significado não foi alterado. Assim, mais uma vez verificamos que a paráfrase é um mecanismo que pode auxiliar a melhora na compreensão do discurso, pois quando o falante fez a reformulação, seu discurso ficou mais claro e acessível para o ouvinte.

[11]

- 354 *em seguida (a) nós devemos fazer a limpeza da
vaca... devemos: principalMENTi éh:...*
- 355 *-- (b) quantu a limpeza nós devemos nos preocupar
com o úbere da vaca... então (c) nós*
- 356 vamos fazer a limpeza ((mugido de uma vaca)) du P/
su/ du úbere i dus tetus... (...)

(Em Análise das Ocorrências, nº [27], p.101)

Encontramos um abandono momentâneo em (a) um enunciado que é interrompido por uma pausa. A seguir, temos em (b), que é antecedida por uma hesitação e uma pausa “...devemos principalMENTi éh:...- - “, uma paráfrase de (a) “quantu a limpeza nós devemos nos preocupar com o úbere da vaca...”. E na seqüência, detectamos uma reformulação em (c), onde o falante parafraseia sua fala anterior e continua seu discurso direcionando-o com outras palavras, mas não fazendo alteração semântica, “nós vamos fazer a limpeza ((mugido de uma vaca)) du P/ su/ du úbere e dus tetus...”. Assim, a paráfrase é feita para melhorar a compreensão do que está sendo dito pelo falante ao ouvinte.

[12]

- 562 (...) ... como todus sabem... éh: a
- 563 *erradicaçu dus vermis é quasi qui impuSSÍvel...
principalmenti nu gadu di LEIti:*
- 564 *intãu... a genti tem (a) qui previNI: (b) controlá:... essis
VERmis: prá qui NÃU:: ocorra uma*
- 565 *DIminuiçu n/ na produÇÃU... conseqüentimenti vai:...*
... vai sê um prejuÍzu muito

(Em Análise das Ocorrências, nº [60], p. 119)

Encontramos na linha 564, uma seqüência de palavras que, através do contexto, percebemos que a intenção do falante não foi substituir um termo pelo outro, mas sim utilizar os dois, fazendo o acréscimo do segundo (b) “controlá:...” ao primeiro em (a) “que

previNI:”. Esse acréscimo é marcado por um breve prolongamento de vogal, após o primeiro termo pronunciado. Notamos que, neste caso, o falante recorre a um novo termo, para que fique claro ao ouvinte que a prevenção de vermes deve ser feita antes que este mal se instale nos animais, mas se, por ventura, os animais já estiverem contaminados por verminoses, ainda é possível fazer um controle sobre elas, a fim de minimizar as prováveis conseqüências danosas que elas possam causar ao rebanho e também ao produtor de leite, uma vez que isto irá influenciar na produção leiteira e conseqüentemente nos lucros. O segundo termo tem sentido similar ao anterior, promovendo maior especificação.

4.1.4. INSERÇÕES

Este tipo de mecanismo é utilizado, quando existe a necessidade de acrescentar mais uma palavra ou mais um esclarecimento a respeito daquilo sobre o que está se falando, a fim de facilitar o entendimento. Jubran (1996:64) assim conceitua inserção: “... postulamos um conceito de inserção como interpolação, no tópico em desenvolvimento, de segmentos conversacionais de natureza e extensão variadas, não-atinentes ao assunto em pauta naquele ponto da conversação.” Tratamos as inserções, aqui, como acréscimos feitos à fala, independente de pertencerem ou não ao mesmo contexto temático. Verifiquemos os exemplos que seguem com base em nosso conceito a respeito de inserções.

[13]

- 121 zero/ no dia zero cê pega a mimosa lá e aplica o GNRH a
mimosa que num tá... num tá
- 122 ciclando e aplica o GNRH... uma dose cedo e uma dose... no
período da tarde... éh: seis
- 123 dias após... você VAI aplicá tamém (a) dua/ (b) uma dose de
(PGS2a) na parte da manhã e uma
- 124 dose na parte da tarde... é simples o processo né? (cum)
essa tabela aqui você fica:::

Ocorre, em (a), um truncamento que é feito para que o falante possa reformular sua fala de maneira mais clara “...você vai aplicá tamém dua?”. Após esse truncamento, ele reformula e explica sua fala em (b) “uma dose de (PGS2a) na parte da manhã e uma dose na parte da tarde”. Podemos perceber a importância dessa reformulação, através do truncamento ocorrido em (a), pois uma dose pela manhã e outra no período da tarde é bem diferente de duas doses sendo aplicadas de uma só vez. E compreendido e executado o enunciado presente em (a), provavelmente os resultados que seriam obtidos pelo produtor não seriam os mesmos, se a aplicação hormonal fosse feita do modo descrito em (b).

[14]

- 321 *vai tê orvalho num vai ocoRRÊ perdas () a secagem
ocorreu tudo bem... mas você vai*
- 322 *armazená num lugar inadeQUAdu... (a) vão ocorrê
perdas nu se/ (b) na qualiDAdi (c) du seu*
- 323 *materiAL... podem então haver fungus... éh:: nu material...
qui qui vai acontecê? (...)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [25], p. 99)

Na linha 322, encontramos uma interrupção que tem como marca um truncamento em (a) “vão ocorrê perdas nu se?”. Na seqüência, encontramos em (b) uma inserção de “na qualiDAdi”, que vem seguida por (c) onde o falante retoma o que interrompeu em (a), completando sua fala “du seu material”. A inserção que ocorreu em (b) nos faz perceber a importância da inclusão do termo “qualidade” para a melhor compreensão desse trecho, pois, assim, podemos perceber que o falante está referindo-se a possíveis perdas que poderão acontecer na qualidade do material que vai ser usado para alimentar os animais.

[15]

- 356 (...) *a gente*
357 *vai laVÁ essi:: si úbere e seCÁ... (a) essa limpeza devi ser*
feita antis da primeira mamada...
358 *(b) antis di você deixá u bizerru fazê a primeira*
mamada... (...)

(Em Análise das Ocorrências, nº [29], p. 102)

Nessa linha 357, encontramos um comentário seguido por pausa (a) “essa limpeza devi ser feita antis da primeira mamada...”, já na seqüência, após a pausa da ocorrência (a), podemos notar que o falante reformula seu discurso com uma inserção (b) “antis di você deixá u bizerru fazê a primeira mamada...”. Essa inserção leva o ouvinte a entender que a primeira mamada, após o nascimento, só acontece quando o pecuarista permite que ela ocorra e não quando o próprio bezerro ou a vaca determina.

[16]

- 404 (...) ... *a água devi sê fornecida u dia interu pru animal...*
éh::: u fenu i u
405 *concenTRAdu eli devi sê colocadu à disposição du::*
animal... éh:: nus primeiros seti a
406 *a deis dias... mesmu qui eli num consuma im quantidade éh::*
mais pra eli i: si acostumandu
407 *i:: proporcionar um melhor disinvovimentu du rúmen () na*
musculatura du rúmen pra
408 *qui eli si TORne um: ruminanti u mais cedu pusSÍvel...*
pu cê economizá u leiti né?
409 *(a) qui é um ali/ (b) um alimentu di altu cus/ (c) di ótima*
qualidade né? (d) mais tamBÉM... altu custu

(Em Análise das Ocorrências, nº [34], p. 104)

Temos um truncamento (a) “qui é um ali?”. A seguir, o falante retoma o termo truncado em (b) “um alimentu di altu cus/”, na seqüência, o falante enuncia nova formulação, em (c) “di ótima qualidade né?”. Neste momento nós temos o primeiro membro do par opositivo articulado pelo conector “mais tamBÉM”, que vai aparecer em (d) “mais tamBÉM... altu custu - -”. A reformulação facilita ao ouvinte entender que o leite pode ter um custo alto, mas possui, também, uma ótima qualidade. Podemos considerar esta reformulação como um elemento de muita importância, pois ela foi um recurso que o falante pôde utilizar para enriquecer sua fala e para melhorar o entendimento por parte do ouvinte.

Até aqui pudemos conferir os exemplos de reformulações *lato sensu*, a partir de agora poderemos verificar os exemplos relativos a correções *stricto sensu*.

4.2. REFORMULAÇÕES *STRICTO SENSU* / CORREÇÕES

Este tipo de reformulação é aquele que acontece num sentido restrito, mais comumente conhecido como correção, que é o de retificação. Envolve as correções propriamente ditas, que são marcadas por *cut-off*⁵, ou por indicadores do engano cometido como aliás, não, perdão.... Também encontraremos ocorrências com a seguinte estrutura: x + truncamento/ + inserção + y.

As reformulações *stricto sensu* ou correções podem ser assim divididas:

4.2.1. CORREÇÕES PROPRIAMENTE DITAS

São aqueles casos em que o falante utiliza mecanismos que evidenciam tanto a sua intenção em corrigir sua fala, quanto a manifestação de um possível equívoco cometido. Este tipo de correção é marcado por *cut-off*, e também por palavras como aliás, não, perdão, desculpe, entre outras. Vejamos os exemplos capazes de ilustrar estas ocorrências.

⁵ São cortes, interrupções e truncamentos no fluxo da enunciação; na entonação dos enunciados, segundo Schegloff (1979).

[17]

- 13 (...) ... *assim que os sinais são observado você pode colocá (a) éh a va/... (b) éh... o*
- 14 *touro lá pra fazê a monta ou então através de inseminação artificial... (...)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [2], p. 84)

Em (a), percebemos que ocorre uma substituição da palavra vaca (provavelmente), quando o falante trunca (a) “a va/...”faz uma pausa seguida pela hesitação “éh...”e substitui (a) por (b) “o touro”. Podemos perceber a evidência e a importância dessa troca, pois o contexto exige o animal macho para que uma monta possa ser executada e não a fêmea como o falante iria dizer em (a). Encontramos, nesta ocorrência, um exemplo de correção total, pois o enunciado reformulador não utiliza termos do enunciado original.

[18]

- 18 *quais as vantagens de um controle reprodutivo? VOcê tem... né?... você... através desse*
- 19 *controle que você vai tê através de registros desses animais... você vai poder saber/*
- 20 *conhecer o verdadeiro intervalo entre parto dos animais porque a gente sabe que*
- 21 *(a) quanto menor... (b) quanto MAior... aliáis esse intervalo entre partos... qué dizê:: menor*
- 22 *vai sê a sua produtividade... porquê? porque menor vai ser o número de crias...*

(Em Análise das Ocorrências, nº [4], p. 85)

Há uma correção marcada por uma interrupção do enunciado em (a) “quanto menor”, que é substituído por um outro, (b) “quanto MAior... aliáis” e, na seqüência, é possível perceber que o falante, além de fazer a substituição de (a) por (b), marca, ainda, esse equívoco com o operador “aliáis”, o que esclarece melhor a tentativa de correção. Podemos

notar que através deste operador o falante conseguiu reparar o equívoco cometido, pois o vocábulo que deveria ser utilizado naquele momento era “maior” e não “menor”, como ele havia dito. Assim, com o uso do marcador “aliáís”, o ouvinte pôde entender a importância de menores intervalos entre os partos, para garantir uma boa produtividade e aumentar o número de novilhas na propriedade. Nesta ocorrência, encontramos um típico exemplo de correção parcial, pois, ao fazer a reformulação, o falante utiliza, tanto no enunciado de origem quanto no enunciado reformulador a palavra “quanto”.

[19]

- 443 (...) *como nosso tempo é meio restrito éh::: a gente vai*
passar alguma
- 444 *coisa caso fique alguma dúvida ou queiram (a) algum (b)*
mais esclarecimento ceis perguntam no
- 445 *final que vai ter um tempo pra: pra perguntas(...)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [35], p. 105)

Na linha 444, encontramos uma substituição de termos, marcada por um abandono em (a) “algum/” e, a seguir, podemos detectar a troca de “algum” por “mais esclarecimento”, em (b), pois os ouvintes já estão recebendo algum esclarecimento.

[20]

- 358 *antis di você deixá u bizerru fazê a primeira mamada...*
porque assim você vai evitá qui
- 359 *quandu ele fô mamá pela primeira veiz (a) ele ingira*
colo/ (b) eli ingira suJEIras... i agentis
- 360 *patogênicos... (...)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [30], p. 102)

Detectamos, na linha 359, uma correção propriamente dita em (a) marcada por um truncamento “ele ingira colo/” e, na seqüência, podemos perceber que o falante reformula, retomando termos pronunciados anteriormente e substitui “coloostro” (possivelmente) por “sujeiras” em (b) “eli ingira suJEIras... i agentis patogênicos...”. Aqui, podemos notar o falante faz uso da correção para manifestar sua preocupação em usar os termos adequados, pois ao fazer a limpeza do úbere da vaca, após o parto, o pecuarista pretende evitar que o animal ingira sujeiras e agentes patogênicos que são prejudiciais à saúde do bezerro e não colostro, uma vez que, depois do nascimento é importante que o recém-nascido ingira esse líquido benéfico à sua saúde. Podemos verificar, aqui, um exemplo de correção total, pois no enunciado reformulador o falante não utiliza termos do enunciado original.

[21]

- 481 (...) ... a uniformidade de (loja) se formada
nas novilhas é
- 482 muito importante porque nessa fase eu di/ havia
dito ela vai ter um crescimento muito
- 483 rápido e o/ a exigência de um animal de sete
meses é bem diferente de um animal de
- 484 doze meses como o consumo também é muito
diferenciado... então (a) pra que se evite
- 485 brigas/ (b) brigas não... éh:: (c) [dominância
- 486 P [dominância —
- 487 de uma comer mais do que a outra (...)

(Em Análise das Ocorrências, nº [43], p. 110)

Na ocorrência (a) da linha 484, encontramos um truncamento “pra que se evite brigas/”. A seguir, em (b) há uma repetição do termo truncado em (a), seguido por um advérbio de negação, que possibilita percebermos uma tentativa de autocorreção seguida por uma pausa “brigas não...”. Após a pausa da ocorrência (b), notamos uma hesitação e, a seguir, em (c), o falante recebe uma ajuda externa, de outra pessoa, e ocorre, então, o que chamamos de heterocorreção “ [dominância

[dominância”

que possibilitaram ao falante dar continuidade ao discurso. Essa ajuda externa, que foi recebida de um outro palestrante só foi possível porque o falante demonstrou que havia utilizado um termo inadequado àquilo que estava dizendo e que não estava conseguindo encontrar o termo correto para aquele momento. Afinal, o uso da palavra “brigas” causa no ouvinte uma imagem de tumulto, confusão e não era isso que o palestrante queria dizer, mas queria levar o pecuarista a entender que é necessário que as novilhas se alimentem da mesma maneira, consumindo uma mesma quantidade, para que haja uma uniformidade na qualidade do rebanho. Temos, aqui, a possibilidade de verificar mais um exemplo de correção total, através de uma heterocorreção. Dizemos que aqui acontece um aheterocorreção, pois, ao ouvir a gravação, podemos perceber que o falante só consegue corrigir sua fala, a partir do momento em que um dos ouvintes manifesta a ajuda, para que o locutor possa encontrar o termo adequado ao seu discurso.

4.2.2. CORREÇÕES COM A ESTRUTURA X + TRUNC/ + INSERÇÃO + Y

Nesse caso de reformulação da fala, podemos encontrar ocorrências com hesitação. Este tipo de correção acontece, quando o falante está elaborando seu discurso e formula (x). Ao utilizar determinado vocábulo, sente necessidade de truncá-lo (TRUNC/), para fazer algum esclarecimento ou para acrescentar mais alguma informação sobre o assunto (INSERÇÃO) e a seguir faz uma reformulação que permite a continuidade do discurso (Y). Esta estrutura foi encontrada várias vezes, por isso, estamos dando saliência, também a ela, neste estudo. Acompanhem os exemplos abaixo.

[22]

- 101 (...) *você tem que procurar a relação custo benefício...*
você
- 102 *tem que vê... se o retorno financeiro que você vai tê*
usando (a) esse hor/ (b) aplicação

- 103 hormônio no... no animal prá::/ pra detectá o cio e:: prá
fazê a vaca entrá em estro... vai
- 104 sê/... se o retorno financeiro vai ser compensatório pra
voCÊ... (...)

(Em Análise das Ocorrências, nº [6], p. 86)

Essa correção é marcada primeiramente por um truncamento (a) “hor/ “e na seqüência podemos perceber uma inserção, em (b), da palavra “aplicação” e, a seguir, temos a retomada do termo interrompido, em (a), “hormônio”. Fica claro, neste exemplo, a presença da estrutura citada acima, na qual o falante trunca sua fala para acrescentar uma nova palavra, que tem poder de enriquecer seu discurso, tornando-o mais objetivo e de mais fácil entendimento, além de proporcionar a ele mesmo a chance de dar continuidade ao que estava falando.

Vejamos:

<u>“esse hor</u>	/	<u>aplicação</u>	<u>hormônio”</u>
↓	↓	↓	↓
x	(trunc)	(inserção)	y

[23]

- 104 (...) se o retorno financeiro vai ser compensatório pra voCÊ... **(a)** às
vezes cê pode tê uma
- 105 vaca lá/ -- é por isso que a gente não pode falá – (b) tem que vê se a
vaca – (c) se vale a pena em
- 106 cima da vaca que você TEM:: e fazê isso daqui... chegá e (d) aplicá
hormônio que depois vai

107 *tê um custo que depois eu vô falá pra voceis ()... quais são os problemas*

(Em Análise das Ocorrências, nº [7], p. 87)

Podemos perceber nessa ocorrência um período turbulento, onde encontramos três tentativas de reformulação, que são as seguintes: há uma formulação que é abandonada em (a) “as vezes cê pode tê uma vaca lá/--“ , o falante faz uma nova tentativa com inserção em (b) “tem que vê se a vaca- -“, que o falante abandona mais uma vez e só aí, então, é que o falante parte para uma nova reformulação (c) “se vale a pena em cima da vaca que você TEM:: chegá e fazê isso daqui...”. O falante acha que esta reformulação não é suficiente para que o ouvinte compreenda bem. Isso é percebido pelo falante que, logo após essa reformulação, faz uma outra inserção explicativa, (d) “aplicá hormônio que depois vai tê um custo que depois eu vô falá pra voceis”, a qual se refere ao “isso daqui”, pronunciado na ocorrência (c). As inserções que o falante usa neste trecho têm sempre o papel de melhorar a comunicação, mas nem sempre o falante consegue, em primeira mão, dizer tudo o que queria, por isso faz, algumas vezes, novas reformulações como podemos verificar em (b), (c) e (d). Na ocorrência (b), a tentativa com inserção é abandonada por não ser muito bem elaborada. Daí, temos uma reformulação de (b) em (c), onde o falante insere outro trecho que se refere ao “valer a pena”, que podemos associar ao “retorno financeiro” de que ele estava falando, no trecho anterior à ocorrência (a). Esta ocorrência (c) já facilitou a compreensão do que se estava querendo dizer, no entanto, o uso dos dêiticos “isso daqui” não deixava claro. Então, o falante reformula (c) com a ocorrência (d), onde podemos entender que os termos dêiticos se referem à aplicação de hormônio. E assim, podemos reconhecer a preocupação do falante em ser bem entendido e confirmar a importância das inserções como recursos capazes de favorecer a interação entre os membros da conversação.

[24]

274 (...) *a forragem conservada e BEM conserVAda*
respeitando as técnicas... tem um

275 *bom valor nutritivo... (a) tendo um bom valo/ (b) tendo um*
alimento (c) cum BOM valor nutritivo a

276 *gente – na época de escassez vai fazê o quê? Uma
maximização da produção... (...)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [21], p. 97)

Nesse trecho do *corpus*, podemos perceber que o falante abandona um enunciado através do truncamento de um vocábulo em (a) “... tendo um bom valo/”. Na seqüência, o falante faz uma reformulação (b), inserindo o trecho “um bom alimento” e logo a seguir retoma em (c) o enunciado que foi abandonado “tendo um alimento cum BOM valor nutritivo a gente”... . A inserção que encontramos em (c) facilita a compreensão do enunciado, pois é uma informação a mais que temos, e esta informação nos leva a entender que o bom valor nutritivo, ao qual o falante, possivelmente ia dizer em (a), que foi truncado, pertence ao alimento (forragem) que foi pronunciado antes da ocorrência (a).

[25]

582 (...) *us carrapatus: sãu mais incidentis*
583 *im pastagens mais altas... mais arbustivas: i: quandu a
pastagem tá mais ralinha... bem*
584 *baiXInha: (a) us carr/ (b) a incidência (c) di carrapatus é
bem piquena... éh: -- im relaçaũ à raça... (d) nu*
585 *gad/ (e) dentru (f) du gadu leiteiru... (...)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [65], p. 121)

Nesse trecho, temos duas ocorrências. Uma, pode ser verificada em (a)/ (b)/ (c) e a outra, em (d)/ (e)/ (f).

Na linha 584, há um abandono marcado por um truncamento em (a) “us carr/”. Na seqüência, em (b), o falante faz a inserção de “a incidência” e depois, em (c), retoma o termo abandonado em (a) “di carrapatus”.

Na seqüência, a ocorrência encontrada segue os padrões da que acabamos de ver na linha 584, em (a), (b) e (c). Detectamos em (d) um abandono marcado por um truncamento “gad/”. A seguir, em (e), que o falante insere um novo termo “dentru” e retoma, em (f), aquele que foi abandonado em (d) “du gadu leiteiru...”. Temos aqui um exemplo duplo, entre

(a), (b) e (c), e depois entre (d), (e) e (f) da estrutura que estamos verificando. Temos inicialmente um enunciado (X), seguido por um truncamento que vem acompanhado por uma inserção em (b), já que o enunciado (a) não estava completo, pois a falta da palavra “incidência”, que foi inserida, não possibilitaria que o discurso tivesse uma nova reformulação (Y) e continuasse sendo proferido da maneira como foi e a compreensão provavelmente iria acontecer de outra forma. O mesmo acontece com as ocorrências (d), (e) e (f). Em ambos os casos, as inserções aconteceram para facilitar o entendimento das informações repassadas, e conseqüentemente, melhorar a comunicação.

Através da averiguação dos exemplos de ocorrências, podemos constatar que as correções, em sua maioria, são recursos auxiliares da comunicação, buscando favorecer o entendimento do discurso entre o falante e o ouvinte.

Vejamos, no tópico seguinte, os tipos de correção que podem ocorrer.

4.3. TAXIONOMIA DAS OCORRÊNCIAS DE REFORMULAÇÃO

Encontraremos aqui, nesta parte do trabalho, uma classificação dos tipos de ocorrências de reformulação detectadas na primeira parte da análise já realizada no tópico anterior.

Esta classificação está dividida em três grupos:

- NÍVEL 1 OU REFORMULAÇÃO SILÁBICA;
- NÍVEL 2 OU REFORMULAÇÃO DE PALAVRAS E EXPRESSÕES;
- NÍVEL 3 OU REFORMULAÇÃO DE ENUNCIADO.

As ocorrências do NÍVEL 1 são aquelas em que o falante se utiliza do truncamento, repetição ou substituição de sílabas para melhorar seu discurso.

As ocorrências do NÍVEL 2 são aquelas em que o falante trunca, interrompe, repete ou substitui palavras e expressões por outras ou usa as mesmas, a fim de facilitar a compreensão do discurso que está proferindo.

As ocorrências do NÍVEL 3 são aquelas em que o falante usa os marcadores da correção para substituir ou reformular um enunciado.

Veremos agora alguns exemplos dessa classificação, baseados em ocorrências encontradas no *corpus*⁶.

A) Exemplos de ocorrências do NÍVEL 1:

1) Linha 12

“De cada animal a da/...-- assim que você reconhece o cio na vaca ...”

2) Linha 13

“... você pode colocá éh a va/... éh... o touro”

3) Linhas 103 e 104

“ prá fazê a vaca entrá em estro... vai sê/... se o retorno financeiro vai ser compensatório pra voCÊ...”

4) Linha 110

“cum problema di ciclá... não li/ não libera o óvulo fértil...”

5) Linha 112

“você... pode... utilizá dé/ desses artifícios”

6) Linha 171

“você pode causar lesões e infecções nu:: ór/ nú órgã/ nus órgãos genitais”

7) Linha 241

“a gente tinha quá/ praticaMENTE/ quase”

8) Linha 249 e 250

“esse peRÍodo num tem essa disponibilidade... a pran/ a pr/ éh: fis/ fisiológica... a planta tá produzinu menus...”

9) Linha 301 e 302

“o feno porque vai promoVÊ uma/ mais rá/ uma.../ a rá/... a desidratação vai sê muito mais rápida...”

10) Linha 395

“tem qui atentar pra qualidade des/ dessi:/ dessi alimento fornecidu...”

11) Linha 409

“ um alimentu di altu cus/ di ótima qualidade né?”

⁶ As ocorrências que pertencem ao nível 1 encontram-se grifadas com um traço. As que pertencem aos níveis 2 e 3 são grifadas da seguinte maneira: a palavra ou o trecho a ser reformulado estão sublinhados com um traço e a palavra ou o trecho em que ocorre a reformulação tem traço duplo.

12) Linhas 593 e 594

“éh:: pur exem/ qui nem:: u () você tem qui dá pu aniMAL... silu di ALta produçãu:”

Todas as ocorrências de nível silábico que encontramos na listagem acima são falas de vocábulos que o falante achou por bem interromper para, posteriormente, substituí-los por outros, com propósito apenas de parafrasear ou até mesmo para alterar a significação, repeti-los para frisar sua importância no discurso ou proporcionar ao próprio falante um tempo maior para a organização do seu pensamento, ou, ainda, reformulá-los.

B) Exemplo de ocorrências do NÍVEL 2:

1) Linhas 12 e 13

“- - assim que você reconhece o cio na vaca... assim que os sinais são observado”

Temos nessa ocorrência uma substituição de termos que favorecem a compreensão do discurso. Quando o falante troca a palavra “cio” por “sinais”, fica fácil entender que o cio é manifestado através de alguns sinais que a vaca, naturalmente, deixa transparecer.

2) Linhas 13 e 14

“a va/... éh... o touro lá pra fazê a monta”

Nesse segundo exemplo, temos mais uma vez a troca de termos que explicam melhor a informação. O falante abandona a provável palavra “vaca” para que o prosseguimento da sua fala seja coerente, pois quem faz a monta é o touro, a vaca é, nesse momento, um elemento passivo, que sofre a ação praticada pelo touro.

3) Linha 19 e 20

“você vai poder saber/ conhecer”

Nesse exemplo, o falante não busca uma troca semântica, mas aumenta as possibilidades de compreensão através da ampliação de vocabulário, que podemos entender como uma paráfrase.

4) Linhas 21

“Quanto menor... quanto MAior...aliais”

Já nessa ocorrência é fácil perceber que o falante pronuncia-se inadequadamente, manifesta o seu equívoco e substitui um vocábulo pelo outro, para que não haja um mau entendimento sobre o discurso que está proferindo.

5) Linhas 41

“na fase de puberdade geralmente acont/ ocorre em oito meses de idade né?”

6) Linhas 109 e 110

“tá cum/ fica cum problema di ciclá”

7) Linha 114

“entre em ci/ entre im estro...”

“8) Linha 123

“você VAI aplicá tamém dua/uma dose de (PGS2a)”

9) Linha 152 e 153

“a vaca::... vai éh::... - - o toro qui você vai usá é bom tamém?”

10) Linha 166 e 167

“... permite... acasal/--... ... permite o aproveitamento: de toros”

11) Linha 241

“a gente tinha quá/praticamente/quase oitenta”

12) Linha 250

“tem essa disponibilidade... a pran/a pr/ éh: fis/fisiológica...”

13) Linha 299

“- - forragens utilizadas qua/ éh:: gramíneas utilizadas quais poderiam ser?”

14) Linhas 334 e 335

“caso alguém num consiGUI/ num consiga pasSÁ::”

15) Linha 359 e 360

“ele ingira colo/ eli ingira suJEIras... i agentis patogênicos...”

16) Linha 409

“alimentu di altu cus/ di ótima qualidade né?”

17) Linha 444

“queiram algum/mais esclarecimento”

18) Linha 475

“se for um fen/silagem de boa qualidade”

19) Linhas 503 e 504

“dép/duranti i após a puberdadi”

20) Linha 513 e 514

“a nuvilha não gan/num cresça MUItu”

21) Linhas 543

“i nu gadu: mestiçu/ cruZAdu:”

22) Linha 545

“NESsi (pesu)/ nessa idadi...”

23) Linha 547

“COM cuidadu : com muita atençãu...”

24) Linha 571

“à quantiDAdi/ dosi:”

Temos nesse item ocorrências do segundo nível, onde são reformuladas palavras ou expressões, através de correções ou de paráfrases. Essa reformulação acontece, em sua maioria, no âmbito de substituição de palavras com ou sem alteração de significados, mas todas podem engajar melhor o ouvinte ao discurso do falante.

C) Exemplos de ocorrências do NÍVEL 3:

1) Linhas 18 e 19

“Você tem... né?... você... através desse controle que você vai tê através de registros desses animais...”

2) Linhas 105 e 106

“- tem que vê se a vaca- - se vale a pena em cima da vaca que você TEM: chegá e fazê isso daqui... aplicá hormônio”

Esse tipo de ocorrência, conforme podemos verificar em “Análise das Ocorrências”, na ocorrência [7], permite-nos compreender a importância dos esclarecimentos de idéias, para alcançar sucesso no que estamos falando. No caso desse falante, ao fazer a segunda reformulação neste trecho, “fazê isso daqui... aplicá hormônio”, fica fácil percebermos a preocupação em se fazer entendido. Através do contexto, é possível entender o que ele quis dizer com “fazê isso daqui...”, mas ele preferiu utilizar uma explicação a mais “aplicá hormônio”, para assegurar um bom entendimento sobre a sua fala.

3) Linhas 112 e 113

“- isso aqui é um método artificial:: lógico vai aplicá o hormônio... isso aqui num é natural...”

Nessa ocorrência, também podemos perceber que o trecho não sofreu uma alteração semântica, mas teve uma confirmação, através de uma paráfrase, para que o ouvinte realmente entenda que ele está falando de aplicação hormonal para favorecer que a vaca entre em cio, portanto, ele não está falando sobre um processo natural e, sim, algo forçado, artificial.

4) Linhas 239 e 240

“... se a genti for/ si nós pegarmos uma cooperaTiva- -“

5) Linha 275

“tendo um bom valo/ tendo um alimento cum BOM valor nutritivo”

6) Linhas 301 e 302

“o feno porque vai promoVÊ uma/ mais rá/ uma.../ a rá/... a desidrataçãõ vai sê muito mais rápida...”

7) Linhas 322 e 323

“... vão ocorrê perdas nu se/ na qualiDAdi du seu materiAL...”

8) Linhas 357 e 358

“... essa limpeza devi ser feita antis da primeira mamada... antis di você deixá u bizerru fazê a primeira mamada...”

Nesse caso, conforme já verificamos no tópico 4.1. Reformulações *lato sensu* - ocorrência [15], temos uma inserção esclarecedora, onde podemos compreender que a primeira mamada acontece quando o pecuarista permite. Se esta inserção não tivesse sido feita, não seria possível entendermos esse feito da maneira que o falante desejava.

9) Linhas 445, 446 e 447

“- - a novilha depois que ela é desmamada e até a fase da primeira cobertura- - nessa fase ela tem um crescimento muito aceleRAdo...”

10) Linhas 458, 459 e 460

“qualidade o feno nessa fase em que o animal se encontra é muito importante porque o feno nessa - - você fornecendo/ você tem é que fornecer mais quantidade de matéria seca nessa fase para haver maior desenvolvimento de rúmen principalmente nessa fase”

11) Linha 513 e 514

“primeira lactaçãõ... i vai:: fazê cum qui a:: a/ a nuvilha não gan/ num cresça MUItu: intãu”

Através das reformulações que acontecem aqui, mais uma vez podemos constatar que servem de esclarecimento para o discurso. Ao modificar os enunciados, o falante demonstra sua preocupação com a questão da interação entre ele e seu ouvinte, fazendo uso de paráfrases, que não alteram o assunto, mas tornam o tópico mais acessível, ou mesmo fazendo substituições que alteram o valor semântico, mas que são capazes de melhorar a intercompreensão entre os participantes da conversação.

4. 4. O APAGAMENTO NAS REFORMULAÇÕES

Nesta parte do trabalho, estaremos tratando de reformulações com e sem apagamento.

As reformulações que possuem apagamento são aquelas em que podemos encontrar apagamento de idéias, retificação semântica, por ter sido feita uma formulação indevida. Esse tipo de reformulação, como vimos anteriormente, é o que chamamos, também, de correção.

Já as reformulações sem apagamento são aquelas em que podemos encontrar uma nova formulação para precisar, explicar melhor ou especificar um termo. No entanto, não existe o desejo de “apagar”, de substituir ou de retificar o enunciado formulado anteriormente. Este tipo de reformulação conta com alguns mecanismos como as inserções e as paráfrases.

Vejamos, separadamente, as diferenças entre uma e outra nos exemplos que seguem.

4.4.1. A REFORMULAÇÃO COM APAGAMENTO

Ao nos referirmos à presença de apagamento nas correções, estamos falando daquelas ocorrências nas quais o falante diz algo, resolve abandonar e não retoma a expressão anterior, posteriormente. Por isso, utilizamos este termo - apagamento -, pois ele caracteriza exatamente nossa intenção em dizer que o falante bane, extingue, “apaga” de seu pronunciamento certas palavras ou enunciados. Com base nessa idéia, podemos dizer que a correção com apagamento é aquela que nos permite, facilmente, perceber que o falante faz a correção com a intenção de negar o termo dito anteriormente. Esse tipo de modificação é

aquele que verificamos no mecanismo das reformulações *stricto sensu*, ou correções, conforme verificamos nos exemplos seguintes.

[26]

- 13 *cio na vaca ... assim que os sinais são observado você
pode colocá (a) éh a va/... (b) éh... o*
- 14 *touro lá pra fazê a monta ou então através de inseminação
artificial... (...)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [2], p. 84)

Claramente podemos notar que o falante fez um truncamento na ocorrência (a) para que pudesse apagar a palavra “vaca”, que iria dizer e substituí-la por “touro”, como verificamos em (b), e não acontece mais retomada de (a); ela é banida do discurso, pois a palavra “vaca” não caberia no contexto.

[28]

- 18 *(...) ... através desse*
- 19 *controle que você vai tê através de registros desses
animais... você vai poder saber/*
- 20 *conhecer o verdadeiro intervalo entre parto
dos animais porque a gente sabe que*
- 21 *(a) quanto menor... (b) quanto MAior... aliais esse
intervalo entre partos... qué dizê:: menor*
- 22 *vai sê a sua produtividade... porquê? porque menor vai ser
o número de crias...(..)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [4], p. 85)

Além de ser visível o apagamento de “menor”, em (a), ao ser trocado por “maior”, em (b), ainda temos a confirmação por parte do falante que utiliza o marcador “aliais”, que assegura ainda mais o apagamento da ocorrência de (a).

[29]

- 448 *precisa então repor éh:: através de alimentos - - suprir essas*
necessidades que ela tem
- 449 *pra que desenvolva um um crescimento desejável... (a) a*
novilha diz – (b) muita gente pensa –
- 450 *(c) fala assim é mas em pasTAgens eu vou*
desenvolver todas as necessidades delas ou
- 451 *não?...*

(Em Análise das Ocorrências, nº [38], p. 107)

O falante faz o apagamento, ao perceber o absurdo do seu pronunciamento ao dizer em (a) que “a novilha diz”, pois novilhas não falam, então substitui este equívoco por (b) e (c), onde profere que a gente é que pensa e diz coisas.

[30]

- 473 *nessa parte de crescimento principalmente em novilhas*
mais novas não é muito
- 474 *recomendada porque do que o animal tá comendo de*
silagem sessenta e sete por cento
- 475 *disso que ele tá comendo é água... né?... se for (a) um fen/*
(b) silagem de boa qualidade com
- 476 *trinta e três por cento de matéria seca então ingestão de*
água vai limitar o seu consumo

(Em Análise das Ocorrências, nº [41], p. 109)

Nesse exemplo, o falante utiliza um truncamento em (a), quando percebe que a palavra “feno” que ele iria pronunciar não era propícia, uma vez que feno é um tipo de alimento conservado com alto teor de matéria seca, para alimentar gado e não caberia no seu discurso neste momento esse tipo de alimento. Surgiu, então, a necessidade de substituir (a)

por (b), onde feno é substituído por “silagem”, que também é um tipo de alimento conservado, mas com alto teor de umidade. E utilizando este segundo termo, fica mais fácil para o ouvinte compreender que se as novilhas fossem alimentadas com um alimento com maior umidade, o desenvolvimento delas seria menor, tendo em vista que a maior porcentagem da silagem é água e, se o falante continuasse utilizando o termo feno, essa idéia não teria sentido, pois as novilhas, ao serem alimentadas com feno, estariam consumindo maior quantidade de matéria seca e conseqüentemente estariam ingerindo maior quantidade de nutrientes por quilo de alimento fornecido e, assim, teriam um melhor desenvolvimento.

[31]

483 (...) a exigência de um animal de sete meses é bem diferente
de um animal de

484 doze meses como o consumo também é muito
diferenciado... então (a) pra que se evite

485 brigas/ (b) brigas não... éh:: (c) [dominância

486 P [dominância —

(Em Análise das Ocorrências, nº [43], p. 110)

Percebemos, nesse exemplo, que o falante utiliza o termo “brigas” em (a) e o substitui, com a ajuda de um outro palestrante em (b) por “dominância”. Essa correção é considerada com apagamento, porque ao falarmos em brigas, devemos entender isto como conflito que envolve corpo-a-corpo, enquanto que a dominância é uma maneira de comportamento que impõe respeito através da sua superioridade. Então, a intenção do palestrante não era dizer que os animais estariam debatendo-se, empurrando-se para comerem antes um dos outros, mas o que pode acontecer é que naturalmente os animais menores estariam sujeitando-se às atitudes dos maiores, e como em um rebanho de boa qualidade prima-se pelo desenvolvimento uniforme dos animais, deve-se procurar fazer com que todos os animais cresçam do mesmo modo.

4.4.2. A REFORMULAÇÃO SEM APAGAMENTO

A reformulação sem apagamento, segundo Castilho (1998), é aquela em que o falante não nega o que foi dito anteriormente, mas faz um aproveitamento da sua primeira fala. Neste caso, encontraremos ocorrências com inserções, com abandonos momentâneos e reformulação, paráfrases. Castilho (1998) chama a atenção para o fato de muitos estudiosos falarem que não há laços nenhum de proximidade entre paráfrase e correção, mas, para ele e também para nós, as duas caminham juntas, pois a paráfrase e a correção visam o reajuste da mensagem que se pretende transmitir, além de, ambas pertencerem aos procedimentos de reformulação. Há, ainda, ocorrências, às quais o falante recorre para salvar sua imagem, por ter pronunciado, incorretamente, a palavra desejada. Vejamos os exemplos que ilustram as ocorrências sem apagamento.

[32]

- 101 (...) ... *você tem que procurar a relação custo benefício...
você*
- 102 *tem que vê... se o retorno financeiro que você vai tê
usando (a) esse hor/ (b) aplicação*
- 103 *hormônio no... no animal prá::/ pra detectá o cio e:: prá
fazê a vaca entrá em estro... vai*
- 104 *sê/... se o retorno financeiro vai ser compensatório pra
voCÊ...*

(Em Análise das Ocorrências, nº [6], p. 86)

Não tivemos apagamento de idéias, quando o falante fez a correção, pois a palavra truncada em (a) “hormônio” é novamente pronunciada em (b), após a inserção da palavra “aplicação”.

[33]

- 297 (...) *...as folhas das/ das leguminosas
disidratam*

- 298 *mais rápido du qui us comos então pode ocorrer PERdas se
essi...material não for...*
- 299 *adequadamente desidratado... –(a) forragens utilizadas qua/
(b)éh:: (c) gramíneas utilizadas quais*
- 300 *poderiam ser? Tifiton... grama estrela... coastcross... até o
PÂnicum...(…)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [22], p. 97)

Nesse trecho, quando o falante percebe que ao utilizar a palavra “forragens” estaria generalizando muito a questão do alimento a ser utilizado, pois forragem é todo tipo de planta usada para a alimentação de rebanhos e envolve gramíneas (capins) e leguminosas (que têm frutos secos ou frutificam em vagem), (o falante) resolve fazer uma reformulação, substituindo a palavra “forragens” pelo termo “gramíneas” que é um tipo mais restrito de alimentação, que envolve somente os capins que servem de alimento para os rebanhos. E é sobre tipos de capins que ele está proferindo seu discurso. Enquadramos este exemplo como reformulação sem apagamento, uma vez que há equivalência semântica entre “forragens” e “gramíneas”, mesmo sabendo que em (b) houve o surgimento de uma nova palavra.

[34]

- 362 *essi tratamentu vai evitar MOScas i duen/ i:: contaminações
qui POSSam... surgir... u*
- 363 *tratamentu devi ser feito cum uma solução de álcool
ioDAdu:*
- (a) essa soli/ (b) solução contÉM*
- 364 *aproximadamente VINti por CENtu di iodu i oitenta
por centu di ou/ di álcool (...)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [31], p. 103)

Nessa ocorrência, também não há apagamento, pois temos o reaproveitamento da palavra truncada em (a) na ocorrência (b). Este caso de reformulação sem apagamento é aquele ao qual nos referimos anteriormente, que trata sobre a preservação da imagem do

falante. Possivelmente, ele seria compreendido, se continuasse seu discurso, mesmo tendo feito a troca da vogal “u” pela vogal “i”. No entanto, ele preferiu recorrer à reformulação para preservar sua imagem, consertando seu equívoco.

[35]

- 383 (...) *quandu: éh:: cessa:: éh: essa capacidade*
di
- 384 *absorção di coLOStru... u bizerru já começa produzir*
(a) u seu prop/ (b) us seus próprios
- 385 *antiCORpus... -- factoris ligadus au criador... existem três*
possibilidatis di maneju du
- 386 *recém-nascidu... uma delas é a permaNÊNCIA du bizerru::*
juntu au pé da VAca::: (...)

(Em Análise das Ocorrências, nº [32], p. 103)

A ocorrência, aqui detectada, aconteceu em virtude do falante sentir a necessidade de substituir os termos utilizados em (a), que estavam no singular, por uma reformulação dos mesmos termos em (b), mas utilizando-os no plural. Por ter havido uma reformulação com os mesmos vocábulos, portanto ela é sem apagamento.

[36]

- 457 (...) *... um recurso é:: fornecer feno de*
boa
- 458 *qualidade o feno nessa fase em que o animal se encontra é*
muito importante (a) porque o
- 459 *feno nessa – (b) você fornecendo/ (c) você tem que é fornecer*
mais quantidade de matéria seca
- 460 *nessa fase para haver maior desenvolvimento de rúmen*
(...)

(Em Análise das Ocorrências, nº [39], p. 107)

Temos em (a) o pronunciamento de “feno”, que é deixado de lado e acontece em (b) uma tentativa de reformulação, que é, também interrompida e reformulada em (c), quando o falante fala sobre matéria seca que nada mais é do que uma paráfrase de “feno” da ocorrência (a) e a palavra “nessa”, também interrompida na ocorrência (a), volta a ser pronunciada no final da ocorrência (c). Através dessa explicação, podemos confirmar que as reformulações feitas neste trecho são sem apagamento, pois os termos truncados ou abandonados voltaram a fazer parte do discurso.

[37]

- 541 *quilus...di pesu vivu já POdi sê feita a primera
inseminaçãu... nu casu du gadu JÉRsei: qui*
- 542 *é: um: pesu meNOR:... di duzentu i sessenta a duzentus i
oitenta quilus di pesu vivu... i*
- 543 *nu gadu: (a) mestiçu/ (b) cruZAdu: (qui é menor) di duzentus
i oitenta a trezentus quilus di pesu*
- 544 *vivu... já:... já podi sê feita: a:: primera cobertura...
(...)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [55], p. 116)

Nesse trecho, a ocorrência que temos é o que chamamos de paráfrase, o falante não altera o tópico discursivo, apenas usa uma outra palavra com o mesmo significado, por isso, esse exemplo se firma como ocorrência sem apagamento.

4.5. FUNÇÕES DA REFORMULAÇÃO

Nesta parte do trabalho, estaremos tratando das funções das reformulações e dos papéis que elas desempenham na conversação.

Barros e Mello (1988) classificam as funções da correção em três grupos, conforme pudemos verificar no item 3.7.1. e acreditamos que essas funções não pertencem

somente às correções, mas podem ser enquadradas, também, para todo tipo de reformulação. Estaremos, agora, fazendo uma retomada dessas funções, associando-as aos seus papéis na conversação, tomando por base as ocorrências de reformulação do *corpus* que foram analisadas e encontram-se nos itens antecedentes a este e, também, no tópico 5. Análise das Ocorrências.

Precisamos ressaltar que as funções da reformulação se fazem presentes desde o início dos textos, mas é muito difícil determinarmos a que função, específica, um trecho pertence, pois sempre que uma reformulação é executada o seu objetivo geral é o da adequação pragmática. Assim, podemos afirmar que, na maioria das ocorrências, estão presentes mais de uma função e, muitas vezes, podemos determinar a presença de todas elas em um único trecho.

1) FUNÇÃO COGNITIVO-INFORMATIVA: esta reformulação acontece no nível da produção da fala, ou seja, ela influencia o processo da produção objetiva, direta, das informações que devem ser ditas pelo falante. Quando nos referimos à produção da fala, queremos dizer que a reformulação auxilia no processo de elaboração do que se pretende dizer. Através da reformulação, o falante pode voltar atrás, em algo que já havia dito, mas o enunciado não foi bem elaborado e, assim, pode reformulá-lo, reelaborá-lo. Dessa forma, podemos dizer que a reformulação tem a função de auxiliar a produção do “bem falar”. Quando, por exemplo, o falante recorre a truncamentos de palavras pronunciadas incorretamente, a inserções, ele demonstra a sua preocupação na elaboração do seu texto e, aí, podemos nitidamente, encontrar esta função na conversação.

2) FUNÇÃO PRAGMÁTICA OU ENUNCIATIVA: esta função acontece no nível da compreensão da fala, ou melhor, a grande preocupação é fazer com que aquilo que está sendo dito, seja bem entendido pelo falante. Da mesma forma que o falante precisa organizar bem a sua fala, o ouvinte precisa compreender bem para absorver o máximo possível daquilo que está ouvindo. Muitas vezes, o falante repete algo que já havia dito, ou então insere palavras à sua exposição, ou, ainda utiliza paráfrase, abandona enunciados confusos e incoerentes, para facilitar a compreensão do ouvinte a respeito do discurso que ele está proferindo.

Precisamos falar, ainda, que a função 1 e a função 2 mantêm entre si uma forte equivalência, já que, à medida que um discurso for bem produzido, conseqüentemente, também, deverá ser bem compreendido. No entanto, preferimos dividi-las para esclarecer que uma acontece no plano da produção, enquanto a outra acontece no plano da compreensão.

3) FUNÇÃO INTERACIONAL: é aquela que atua no processo de envolvimento interpessoal, na qual o ouvinte deve notar as intenções do falante, não só com relação ao que foi dito, mas também com relação ao emocional, ao comportamental e ao social, pois esta função nos faz pensar, ainda, na questão da preservação da face ou da imagem do falante. Segundo Castilho (1998), em nossa cultura existe uma regra que diz que nossa maneira de falar pode rotular-nos a algum tipo de pessoa, nível social ou cultural, pois a fala pode refletir um certo *status*. E é pensando nisso que muitas vezes o falante recorre a vários mecanismos que marcam a reformulação como pausas, repetição, truncamento, marcas de *cut-off*, abandonos.

Ao pensarmos em funções e papéis das reformulações, acreditamos que todas as funções comentadas detêm um alto grau de importância, uma vez que o ser humano tem necessidade de viver, constantemente inteirado com o mundo e com as coisas que o cercam. No que diz respeito à conversação, podemos dizer que a reformulação é uma estratégia muito favorável para que essa interação aconteça através da comunicação, entendida aqui como a arte do “bem falar”, do “bem compreender” e do “bem inteirar-se”, que busca a transformação dos homens e do meio que os cerca. Quando nos referimos, aqui, ao “bem falar”, não estamos querendo salientar que a fala deve ser produzida, necessariamente, de acordo com a Gramática Normativa, mas pretendemos chamar a atenção para que a preocupação esteja voltada à utilização de expressões mais adequadas à produção do discurso oral.

Em geral, podemos verificar que as reformulações ocorrem como demonstração da preocupação que o falante tem, a fim de que o processo da compreensão seja atingido com sucesso. Portanto, podemos afirmar que a função 2, ou função pragmática, está presente em todas as ocorrências de reformulação, já que o falante, ao reformular seu discurso, pensa não só na questão da produção, como também, no processo de compreensão da fala.

Na seqüência, encontraremos um exemplo referente a cada uma das funções vistas acima. É importante ressaltarmos, mais uma vez, que muitas vezes uma ocorrência pode enquadrar-se em mais de uma função, mas estaremos fazendo a indicação de acordo com o aspecto no qual a ocorrência mais se sobressai.

[38]

13 *cio na vaca ... assim que os sinais são observado você
pode colocá (a) éh a va/... (b) éh... o*

14 touro lá pra fazê a monta ou então através de inseminação artificial...(…)

(Em Análise das Ocorrências, nº [2], p. 84)

É evidente, nesta ocorrência, que o falante se equivocou ao produzir o seu texto, por isso, é necessário que ele trunque o primeiro enunciado e o substitua por um outro que vai tornar sua fala correta. Consideramos, neste sentido, que podemos destacar, aqui, o predomínio da FUNÇÃO COGNITIVO-INFORMATIVA.

[39]

18 *quais as vantagens de um controle reprodutivo? (a) VOcê tem... né?...
(b)você... através desse*

19 *controle que você vai tê através de registros desses animais... você vai poder (c) saber/*

20 *(d) conhecer o verdadeiro intervalo entre parto dos animais (...)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [3], p. 84)

Podemos destacar, nesta ocorrência, o predomínio da FUNÇÃO INTERACIONAL, pois, ao verificarmos que após o trecho destacado como ocorrência (a), o falante chega a questionar o ouvinte, é possível concluirmos que ele buscou a interação entre ambos. Mesmo que o questionamento “né?” não possua uma resposta, serviu como um elemento capaz de “aproximar” melhor o falante do ouvinte. O falante deu a entender que se “preocupava” com a opinião ou com a atenção do ouvinte sobre a sua fala.

[40]

483 *(...) a exigência de um animal desete meses é bem diferente de um animal de*

- 484 *doze meses como o consumo também é muito diferenciado... então (a) pra que se evite*
 485 *brigas/ (b) brigas não... éh:: (c) [dominância*
 486 *P [dominância -*
 487 *de uma comer mais do que a outra (...)*

(Em Análise das Ocorrências, nº [43], p. 110)

Quando o falante comete o erro de produção textual, demonstra, logo a seguir, sua preocupação com o provável entendimento equivocado do ouvinte e, então, tenta reformular seu discurso, utiliza um advérbio de negação para chamar a atenção do ouvinte sobre o que ele acabou de dizer. Utiliza, ainda, como “álibi” uma hesitação [“...éh::”, que favorece a organização do seu pensamento e após a hesitação recebe uma ajuda externa, de um outro palestrante, que também era ouvinte. Assim, o falante consegue, através de uma heterocorreção, reelaborar um trecho de sua fala de maneira mais compreensível e coerente. Dessa forma, destacamos nessa ocorrência o predomínio da FUNÇÃO PRAGMÁTICA OU ENUNCIATIVA.

Mais uma vez voltamos a dizer que em todo discurso podemos encontrar mais de uma função de reformulação, e o que realizamos nesta parte do trabalho é o destaque de algumas delas.

Vejamos, a seguir, um comentário sobre a análise realizada, associada à expectativa do início do trabalho e aos resultados obtidos.

4. 6. ESTATÍSTICA DAS OCORRÊNCIAS DE REFORMULAÇÃO

No item 5 deste trabalho, encontramos uma listagem de 72 (setenta e duas) ocorrências, onde podemos verificar a quais mecanismos da REFORMULAÇÃO o falante recorreu ao realizar o seu discurso.

Vejamos, agora um levantamento percentual dos tipos de ocorrências detectadas na análise.

Ao falarmos em ocorrências de reformulação que pertencem às classificações *lato sensu* e correções *stricto sensu*, a diferença numérica que há entre elas, com relação à quantidade é muito grande. Temos muito mais ocorrências que pertencem às reformulações *lato sensu* do que aquelas que pertencem às correções *stricto sensu*. Isso pode se justificar, em parte, porque o item reformulações *lato sensu* é dividido em quatro partes: ABANDONOS SEM RECOMEÇO (SR), ABANDONOS COM RECOMEÇO (CR), PARÁFRASES (PA) E INSERÇÕES (IN), enquanto que o item correções *stricto sensu* encontra-se dividido em apenas duas partes: CORREÇÕES PROPRIAMENTE DITAS (CPD) - reformulações com marcadores *cut off*, e OCORRÊNCIAS COM ESTRUTURA $X + TRUNC/+ INSEÇÃO + Y$ (ESTR) - que são ocorrências com hesitação.

Das setenta e duas ocorrências encontradas, podemos constatar uma boa diferença quantitativa entre elas, mas precisamos ressaltar que muitas ocorrências encaixam-se em mais de um tipo de classificação, pois o trecho analisado teve mais de uma reformulação e, nem sempre, todas pertencem ao mesmo caso. Por isso, a seqüência que iremos acompanhar abaixo se encarrega de mostrar, com destaque, a qual tipo de reformulação o falante recorreu para executar as reformulações mais relevantes no trecho analisado. Vejamos a seqüência abaixo:

- SR (abandonos sem recomeço): destacamos, aqui, oito ocorrências que tiveram abandonos sem recomeço. São elas: 11, 13, 24, 38, 41, 45, 47, 56 e 72. Estas ocorrências correspondem a 12,5% do número total analisado.

- CR (abandonos com recomeço): destacamos dezesseis ocorrências que tiveram recomeço. Vejamos: 14, 15, 16, 17, 19, 20, 31, 32, 42, 49, 51, 53, 54, 58, 62 e 66. Temos aqui, 22,22% dos casos analisados.

- PA (paráfrases): destacamos dezenove casos onde observamos paráfrases. Confirmamos: 3, 5, 8, 9, 18, 22, 26, 27, 37, 44, 46, 55, 57, 60, 61, 63, 64, 68 e 71. Estas ocorrências correspondem a 26,38% dos casos analisados.

- IN (inserções): podemos destacar seis casos, nos quais encontramos inserções. São eles: 10, 25, 29, 33, 34 e 40. Temos aqui uma porcentagem de 6,94% das ocorrências analisadas.

- CPD (correções propriamente ditas): destacamos dois casos de reformulações propriamente ditas, que são: 30 e 35. Estas ocorrências correspondem a 2,77%.

- ESTR (estrutura $X + TRUNC/ + INSERÇÃO + Y$): temos nesse caso as seis ocorrências seguintes: 7, 21, 50, 65, 67 e 70, que correspondem a 8,33% de todos os casos analisados.

Algumas ocorrências não foram incluídas nos dados acima porque se destacam em mais de um tipo de classificação como podemos verificar: ocorrência 1 (SR e CPD); ocorrência 2 (SR e CPD); ocorrência 4 (SR e CPD); ocorrência 6 (CR e ESTR); ocorrência 12 (SR e PA); ocorrência 23 (CR e PA); ocorrência 28 (PA e IN); ocorrência 36 (CR e IN); ocorrência 39 (CR e PA); ocorrência 40 (CR IN); ocorrência 43 (SR e CPD); ocorrência 48 (SR e CPD); ocorrência 52 (SR e CPD); ocorrência 59 (CR e PA) e ocorrência 69 (SR e CR). Estas oito ocorrências representam 20, 83% das ocorrências verificadas.

Através desses dados, podemos dizer que a grande preocupação do falante, ao recorrer às reformulações, está relacionada, em primeiro lugar, a explicar bem aquilo que está dizendo para que possa ser bem entendido (PA). Em segundo lugar, observamos a preocupação com o planejamento do pensamento ou com a pronúncia das palavras (CR). Na seqüência, podemos verificar a importância dada pelo falante a não cometer “erros” (SR). E por último, verificamos a importância dada ao fazer-se entendido, através do acréscimo de informações e esclarecimentos (ESTR, IN, respectivamente), e percebemos, também, através da verificação dos dados que a menor preocupação do falante está em demonstrar sua correções (CPD), pois o objetivo maior dos falantes, ao usarem a reformulação, é fazerem adequações e não apenas retificações.

Com relação ao tópico TAXIONOMIA DAS OCORRÊNCIAS DE REFORMULAÇÃO, podemos notar o maior número de ocorrências enquadra-se no nível 2, onde temos a reformulação de palavras ou expressões; em segundo lugar temos as ocorrências do nível 3, que são aquelas reformulações de enunciado e, por último, encontramos as ocorrências que pertencem ao nível 1, que podem ser consideradas por muitos como pouco significativas, mas também desempenham sua função na produção, compreensão e interação do discurso, que são as ocorrências de reformulação silábica. Não podemos deixar de comentar aqui a dificuldade de classificar algumas, pois acontecem de uma maneira que não se enquadram, perfeitamente, a nenhum desses três níveis. Através desses dados, podemos chegar à conclusão de que o falante busca, através das possibilidades de reformulação, tornar seu discurso o mais significativo possível, por isso se utiliza, em maior número, das reformulações do segundo e terceiro níveis.

E, para falar do tópicO FUNÇÕES DA REFORMULAÇÃO, não podemos fazer uma separação, como as que foram feitas nos parágrafos anteriores, porque, como já dissemos e classificamos, as reformulações podem destacar-se melhor em uma função, mas não deixam de pertencer à outra. Afinal, se uma reformulação se dá pela necessidade de interação, ela precisa ser produzida novamente para que o falante compreenda e consiga integrar-se; do mesmo modo que, se um trecho não foi bem produzido, a produção tem de ser reelaborada, a fim de que haja compreensão e integração entre os componentes da conversação.

A seguir, encontraremos a análise das ocorrências de reformulação detectadas no *corpus*.

5. ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS

5.1. OCORRÊNCIAS DE REFORMULAÇÃO DETECTADAS NO *CORPUS* DE ANÁLISE

A seguir, encontraremos uma seqüência de ocorrências, entre as quais, algumas estão citadas como exemplos dos mecanismos da reformulação comentados no tópicO anterior a este, denominado TIPOLOGIA DOS PROCESSOS DE REFORMULAÇÃO. Nosso objetivo, aqui, é mostrar as ocorrências de reformulação que foram detectadas no *corpus* analisado.

[1]

11 (...) ... isso por quê? porque se você tem um registro de cada animal né?...

12 você vai podê anoTÁ nas ficha né?(a) de cada animal a da/...
– (b) assim que você reconhece o

13 cio na vaca ... (c) assim que os sinais são observado você pode colocá éh a va/... éh... o

14 *toro lá pra fazê a monta ou então através de inseminação artificial... (...)*

Encontramos na ocorrência acima uma substituição de (a) “de cada animal a da/...” (possivelmente a palavra truncada fosse data) por (b) “assim que você reconhece o cio na vaca...”. Essa substituição acontece através de um truncamento em (a), quando o falante abandona o primeiro enunciado, “data” e o troca pelo novo (b). Podemos perceber a importância desta substituição efetuada, pois o pensamento do falante ficou mais claro. Na seqüência (c) “assim que os sinais são observado”..., o falante reformula (b), não descontextualizando, mas fazendo uma paráfrase entre (b) e (c). Temos, portanto, nas ocorrências (a) e (b), a demonstração de um abandono de vocábulo sem retomada, pois a intenção do falante não era, nesse momento, falar em datas ou fichas, mas sim falar a respeito do momento de executar a monta ou inseminação artificial. E a maneira que foi dita nas reformulações tornou mais fácil o reconhecimento pelo homem do campo, pois é mais fácil observar sinais do que realizar cálculos. Através das reformulações detectadas nesse trecho, percebemos que o falante procura adequar-se aos conceitos que os lavradores conhecem.

[2]

13 (...) ... *assim que os sinais são observado você pode colocá (a) é a va/... (b) é... o*
14 *toro lá pra fazê a monta ou então através de inseminação artificial... (...)*

Em (a), percebemos que ocorre uma substituição da palavra vaca (provavelmente), quando o falante trunca (a) “a va/...”faz uma pausa seguida pela hesitação “eh...”e substitui (a) por (b) “o touro”. Podemos perceber a evidência e a importância dessa troca, pois o contexto exige o animal macho para que uma monta possa ser executada e não a fêmea como o falante iria dizer em (a).

[3]

18 (...) *através desse*

- 19 *controle que você vai tê através de registros desses
animais... você vai poder (a) saber/*
- 20 *(b) conhecer o verdadeiro intervalo entre parto dos
animais (...)*

Nesse trecho, o que é relevante para ilustrar este tipo de ocorrência são (a) e (b), onde podemos perceber a preocupação do falante em acrescentar à sua fala um outro termo capaz de garantir a compreensão daquilo que está sendo dito, sem a necessidade de alterar o significado do seu enunciado. O falante utiliza um termo de sentido mais preciso.

[4]

- 18 *quais as vantagens de um controle reprodutivo? VOcê tem...
né?... você... através desse*
- 19 *controle que você vai tê através de registros desses
animais... você vai poder saber/*
- 20 *conhecer o verdadeiro intervalo entre parto dos
animais porque a gente sabe que*
- 21 *(a) quanto menor... (b) quanto MAior... aliais esse
intervalo entre partos... qué dizê:: menor*
- 22 *vai sê a sua produtividade... porquê? porque menor vai ser o
número de crias...*

Há uma correção marcada por uma interrupção do enunciado em (a) “quanto menor”, que é substituído por um outro, (b) “quanto MAior... aliais” e, na seqüência, é possível perceber que o falante além de fazer a substituição de (a) por (b), marca, ainda, esse equívoco com o operador “aliais”, o que esclarece melhor a tentativa de correção. Podemos notar que através deste operador o falante conseguiu reparar o equívoco cometido, pois o vocábulo que deveria ser utilizado naquele momento era “maior” e não “menor” como ele havia dito. Assim, com o uso do marcador “aliais”, o ouvinte pôde entender a importância de menores intervalos entre os partos, para garantir uma boa produtividade e aumentar o

número de novilhas na propriedade. Podemos notar nesta correção a hesitação indicativa da prospecção pela reformulação mais adequada, ou seja, através da hesitação do falante podemos perceber que ele indica ou marca a reformulação realizada.

[5]

- 39 (...) então quais são os princIPAis dados sobre o ciclo sexual que você tem
- 40 sempre que levá em consideração? né:::? A idade é o primeiro estro né? na fase de
- 41 puberdade geralmente (a) acont/ (b) ocorre em oito meses de idade né? (...)

Podemos notar que há uma troca de termos que é marcada por um truncamento em (a) “acont/ ” (provavelmente o falante iria dizer acontece) e já na seqüência essa palavra que foi truncada é substituída por (b) “ocorre”. Esta substituição de termos, como no exemplo anterior, caracteriza a paráfrase. O termo que foi truncado em (a) não causou alteração semântica no enunciado, quando foi substituído por (b). Mais uma vez, podemos ver como a paráfrase é um mecanismo capaz de favorecer a compreensão do discurso, uma vez que dá ao ouvinte a possibilidade de ter contato com mais de um tipo de vocábulo, propiciando, dessa forma, maiores chances de interação e compreensão entre falante e ouvinte na construção do discurso dialogado.

[6]

- 101 (...) você tem que procurar a relação custo benefício...
você
- 102 tem que vê... se o retorno financeiro que você vai tê
usando (a) esse hor/ (b) aplicação
- 103 hormônio no... no animal prá:::/ pra detectá o cio e::: prá
fazê a vaca entrá em estro... vai

104 sê/... se o retorno financeiro vai ser compensatório pra
voCÊ... (...)

Esta correção é marcada primeiramente por um truncamento (a) “hor/ “e na seqüência podemos perceber uma inserção em (b), da palavra “aplicação” e a seguir temos a retomada do termo interrompido em (a), “hormônio”. Fica claro, nesse exemplo, a presença da estrutura citada acima, onde o falante trunca sua fala para acrescentar uma nova palavra, que tem poder de enriquecer seu discurso, tornando-o mais objetivo e de mais fácil entendimento, além de proporcionar a ele mesmo a chance de dar continuidade ao que estava falando.

[7]

104 (...) se o retorno financeiro vai ser compensatório pra voCÊ... (a) às
vezes cê pode tê uma
105 vaca lá/ -- é por isso que a gente não pode falá – (b) tem que vê se a
vaca – (c) se vale a pena em
106 cima da vaca que você TEM:: e fazê isso daqui... chegá e (d) aplicá
hormônio que depois vai
107 tê um custo que depois eu vô falá pra voceis ()... quais são
os problemas

Podemos perceber nessa ocorrência um período turbulento, onde encontramos três tentativas de reformulação, que são as seguintes: há uma formulação que é abandonada em (a) “as vezes cê pode tê uma vaca lá/--“, o falante faz uma nova tentativa com inserção em (b) “tem que vê se a vaca- -“, que o falante abandona mais uma vez e só aí, então, é que o falante parte para uma nova reformulação (c) “se vale a pena em cima da vaca que você TEM:: chegá e fazê isso daqui...”. O falante acha que esta reformulação não é suficiente para que o ouvinte compreenda bem. Isso é percebido pelo falante que logo após essa reformulação, faz uma outra inserção explicativa, (d) “aplicá hormônio que depois vai tê um custo que depois eu vô falá pra voceis”, a qual se refere ao “isso daqui” pronunciado na ocorrência (c). As inserções que o falante usa neste trecho têm sempre o papel de melhorar a

comunicação, mas nem sempre o falante consegue, em primeira mão, dizer tudo o que queria, por isso, faz, algumas vezes, novas reformulações como podemos verificar em (b), (c) e (d). Na ocorrência (b), a tentativa com inserção é abandonada por não ser muito bem elaborada, daí temos uma reformulação de (b) em (c), onde o falante insere outro trecho que se refere ao “valer a pena”, que podemos associar ao “retorno financeiro” de que ele estava falando, no trecho anterior à ocorrência (a). Esta ocorrência (c) já facilitou a compreensão do que se estava querendo dizer, no entanto, o uso dos dêiticos “isso daqui”, não deixava claro, então o falante reformula (c) com a ocorrência (d), onde podemos entender que os termos dêiticos referem-se à aplicação de hormônio. E assim, podemos reconhecer a preocupação do falante em ser bem entendido e confirmar a importância das inserções como recursos capazes de favorecer a interação entre os membros da conversação.

[8]

- 107 (...) depois eu vô falá pra voceis ()... quais são os
problemas
- 108 reprodutivos?...**(a)** a vac/ **(b)** às vezes a vaca tem (cai
em) estro... não entra em cio por quê?
- 109 **(c)** porque o cisto -- tá cum cisto no... no... no ovário... éh:
cisto no foLÍculo... **(d)** tá cum/ **(e)** fica
- 110 cum problema di ciclá, não lí/ não libera o óvulo fértil... i
as vezes até libera o óvulo mais **(f)** u
- 111 óvulo é uma porcaria... **(g)** o óvulo num... num vai sê
fecundado... então... quando tivé cum
- 112 esses problemas aqui... você... pode... utilizá dé/ desses
artifícios – (...)

Na primeira ocorrência, percebemos que o falante interrompe sua fala, recorrendo a um truncamento em (a) “a vac/”, na seqüência reformula o que ia dizer quando interrompeu e retoma a palavra que foi truncada (b) “as vezes a vaca tem (cai em) estro...”. A seguir, podemos notar que ocorre uma interrupção seguida por uma paráfrase que explica melhor o

enunciado (c) “porque o cisto—tá cum cisto no...”. Nessa mesma linha, percebemos a ocorrência de outra interrupção através de um truncamento (d) “tá cum/”. Na seqüência, temos (e) ”fica cum problema di ciclá”, nesta ocorrência, o falante reformula o que havia sido interrompido na ocorrência (d), substituindo “tá” por “fica. Na seqüência, em (f) o falante cita “óvulo é uma porcaria...”, mas, logo a seguir, faz uma outra paráfrase explicativa em (g) para esclarecer o que quis dizer com “porcaria” na ocorrência (f) “o óvulo num...num vai sê fecundado”.

[9]

- 111 *u óvulo é uma porcaria... o óvulo num... num vai sê
fecundado... então... quandu tivé cum*
- 112 *esses problemas aqui... você... pode... utilizá dé/ desses
artifícios – (a) isso aqui é um método*
- 113 *artificial:: lógico vai aplicá o hormônio... (b) isso aqui
num é natural... prá::... prá que a vaca*
- 114 *(c) entre em ci/ (d) entre im estro... éh::... posteriores -- quais
são os hormônios que a gente vai*
- 115 *utilizá?...*

O falante diz na ocorrência (a) “isso aqui é um método artificial::” e logo depois, em (b), ele faz uso de um outro enunciado, parafraseando o primeiro para reforçar o que foi dito na ocorrência anterior “isso aqui num é natural”. Esse novo enunciado explica e reforça a idéia de que o método é artificial. Na ocorrência seguinte, o falante recorre a um truncamento para substituir a palavra cio em (c) “entre em ci/”. Esta substituição acontece, pois o falante quer trocar um termo popular, cio, por estro, em (d), que é um termo técnico “entre em estro...”, e através dessa troca, podemos perceber que, em algumas situações, o falante não consegue se desvincular totalmente da formalidade da língua, então faz reformulação que propiciem a produção da fala associada aos termos técnicos.

[10]

- 121 zero/ no dia zero cê pega a mimosa lá e aplica o GNRH a
mimosa que num tá... num tá
- 122 ciclando e aplica o GNRH... uma dose cedo e uma dose... no
período da tarde... éh: seis
- 123 dias após... você VAI aplicá tamém (a) dua/ (b) uma dose de
(PGS2a) na parte da manhã e uma
- 124 dose na parte da tarde... é simples o processo né? (cum)
essa tabela aqui você fica:::
- 125 tranquilo...

Ocorre, em (a), um truncamento que é feito para que o falante possa reformular sua fala de maneira mais clara “...você vai aplicá tamém dua?”. Após esse truncamento ele reformula e explica sua fala em (b) “uma dose de (PGS2a) na parte da manhã e uma dose na parte da tarde”. Podemos perceber a importância dessa reformulação, através do truncamento ocorrido em (a), pois uma dose pela manhã e outra no período da tarde é bem diferente de duas doses sendo aplicadas de uma só vez. E sendo compreendido e executado o enunciado presente em (a), provavelmente os resultados que seriam obtidos pelo produtor não seriam os mesmos, se a aplicação hormonal fosse feita do modo descrito em (b).

[11]

- 131 (...) éh:: esse preço é um
preço
- 132 MÉdio que a gente achô:: LÓgico pode sê que cê ache mais
caro pode ser sê que você
- 133 ache mais barato... – (a) em quarenta e/ (b) nesse -- perdão -
- ... (PGS2a) como são duas dose/
- 134 uma cedo uma a tarde... são duas doses a quatro reais...

Em (a), o falante interrompe a seqüência do que estava falando para fazer uma tentativa de reformulação “—em quarenta e/”essa tentativa é truncada e abandonada sem

que haja um reaproveitamento do enunciado (a). O falante tenta continuar em (b) “nesse— perdão--...”, a tentativa (b) não é satisfatória, por isso, interrompe a fala com um pedido de perdão e segue depois falando sobre aplicação de doses hormonais.

[12]

- 150 *fértil né?... prá sê fecundado... então tem que sê... visto isso aqui...
porque::... se for um*
- 151 *(a) animal que:: (b) que num vai ti traz/ -- (c) tem que vê -- isso aqui que
que é (d) u: a relação custo*
- 152 *benefício -- vale a pena gastá os trinta reais? a vaca tem uma boa
genética? (e) a vaca::... (f) vai*
- 153 *éh::... – (g) o toro qui você vai usá é bom tamém?(h) tem/ (i) são vários
fatores... tem que vê pra*
- 154 *você não gasTÁ dinheiro a toa... (j) a conclusão... (l) a conclusão prá::/
(m) porque pra você usá –*
- 155 *apesar::... (n) a conclusão é o seguinte... hoje em dia tem mil e um
artifícios (...) dela.*

Temos, aqui, uma seqüência bastante turbulenta, com várias tentativas de formulação. Em (a), podemos perceber que o falante faz uma hesitação “ animal que::” e faz uma repetição em (b), do pronome que, “que num vai ti traz/”. No final da ocorrência (b), podemos notar ainda um truncamento da última palavra “traz/”, que provavelmente seria trazer. Na seqüência, o falante recorre a um comentário que destoa a seqüência do discurso (c) “--tem que vê --”, que logo é abandonado. Logo a seguir, ocorre outra hesitação de u para a (d) que propicia ao falante a possibilidade de reformular seu pensamento “u: a relação custo benefício”. Na seqüência, o falante recorre mais uma vez a hesitação seguida de pausa (e) “a vaca::...”, através de outra hesitação na ocorrência (f) “vai éh::... - -“, acontece o abandono da palavra vaca e logo após esta ocorrência de abandono, o falante reformula sua fala substituindo “a vaca” (ocorrência (e)) por “o toro” em (g). Esse é o tipo de correção que dizemos ser com abandono sem recomeço. Ainda neste período, ocorre uma substituição de termos através de um truncamento (h) “tem/” e a seguir em (i) ocorre a substituição do verbo

tem pelo verbo são, “são vários fatores”. Logo a seguir, há um período muito confuso devido ao excesso de ocorrências. Encontramos, primeiramente em (j), a repetição da palavra conclusão, que permite ao falante melhores condições para organizar seu pensamento, “... a conclusão... a conclusão”, no final dessa ocorrência encontramos mais duas (l) uma hesitação e um truncamento “prá:::/”. Na seqüência, o falante tenta retomar sua fala, reformulando-a em (m) “porque pra você usá- -“, mas não consegue. Então, acontece outro abandono no final de (n) e somente na linha 155 é que o falante consegue fazer um certo comentário sobre a conclusão. Neste trecho, pudemos perceber que muitos abandonos ocorreram, mas se estes abandonos não contribuíram, diretamente, com a formulação ou a reformulação da fala, por serem apenas abandonos de turbulência, indicam a preocupação do falante em encontrar a melhor forma de se fazer compreendido pelos ouvintes.

[13]

- 163 (...) ... o uso de inseminação
 164 artificial... uma delas é que ela elimina quase que por
 comPLEto a propagação das
 165 doenças nos órgãos genitais: éh: permite o:
 acasalamento éh: di animais di diferentes
 166 tamanhus... raças... e sexu e idade né? uhn... (a)
permite... acasal/ -- ... (b) permite o
 167 aproveitamento: de toros incapaz de realizá tamém a:: a:
 cobertura né? é tamém permite
 168 acasalar fêmeas difíceis de serem cobertas por monta
 natura/ natural (...)

Na linha 166, podemos perceber que ocorre um truncamento com abandono em (a) “permite... acasal/- -“, seguido de uma retomada de vocábulo em (b) “... permite o aproveitamento: de toros incapaz de realizá tamém a:: a: cobertura né?”, e nessa ocorrência (b) há também a substituição e o apagamento do termo acasalamento que foi truncado em (a) por aproveitamento.

[14]

- 167 (...) ... *permite*
168 *acasalar fêmeas difíceis de serem cobertas por monta*
natura/ natural e também evita a
169 *dispesa di manutenção di:: di toros no rebanho... agora*
(a) *as divan/ (b) disvantagens...(c) num/ (d) não*
170 *tem muitas disvantagens... mais uma delas é que tipo/ --*
você tem que ter pessoal
171 *habilitado pra fazê esse tipo di:: técnica... (...)*

Na linha 169, acontece um truncamento (a) “as divan/”, porque o falante pronunciou a palavra incorretamente, a seguir em (b) acontece a reformulação da palavra que foi pronunciada errada. E na seqüência, em (c), “num/” é truncado e somente em (d) “não tem muitas disvantagens” acontece a retomada do enunciado truncado em (c) percebemos que a ocorrência (a) foi abandonada e reformulada em (b), o mesmo ocorre entre (c) e (d), onde (c) é abandonado e reformulado em (d) que é uma inserção explicativa, um tipo de ressalva.

[15]

- 170 *tem muitas disvantagens... mais uma delas é que tipo/ -- você tem que*
ter pessoal
171 *habilitado pra fazê esse tipo di:: técnica... éh... você pode causar lesões e*
infecções (a) nu:: ór/
172 **(b)** *nú órgã/ (c) nus órgãos genitais du/ (d) dus animais i também... éh::*
é di difícil aplicação em
173 *pequenas criações tornando-se antieconômico...*

Ocorre uma hesitação em (a) “nu::”, seguida por um truncamento “ór/”, na seqüência, uma retomada e outro truncamento (b) “nú órgã/. A seguir, o falante retoma mais uma vez o suposto enunciado, reformula e no final de (c) percebemos outro truncamento seguido de uma reformulação “nus órgãos genitais du/”e em (d) notamos a retomada do enunciado truncado e reformulado em (c) “dus animais”. Nesse período, as ocorrências que foram

detectadas aconteceram pela necessidade que o falante teve de fazer uma troca de singular (a) e (b) por plural (c) e (d). Podemos verificar que o falante não abandonou os termos utilizados, mas os reaproveitou nas reformulações, facilitando, assim, a compreensão do falante.

[16]

- 197 *tem que achá... um técnico da emaTER ou na universiDAde
ou um técnico competente pa*
- 198 *fala ô::: por favor... qual é o capim que melhor se adeCÚa
(a) a essa/ (b) ao meu sítio (c) a essa*
- 199 *região... porque sinão... às vezes cê leva um capim lá... o
capim não/ não se dá bem não se*
- 200 *adapta... aí cê vai falá que é o capim que é ruim... não... o
problema é a região... a época*

Na linha 186, ocorre um abandono através de um truncamento em (a) “a essa”; na seqüência (b), podemos perceber que o falante recorre a uma reformulação onde retoma o termo abandonado em (a) “ao meu sítio” e já, a seguir, temos outra reformulação em (c) “a essa região...”. Aqui, também, nada do que havia sido dito foi ignorado, mas reaproveitado. Notamos que o falante demonstra seu esforço em fazer-se compreendido, quando se dispõe a fazer uso de várias palavras, tentando facilitar o entendimento do ouvinte sobre o que ele está falando.

[17]

- 232 (...) ... esse período de descanso ()
- 233 *fô um período de descanso por um período de ocupação
de cinco dias:: (a) dess/ desse*
- 234 *piquete que cê vai fazê:: então ce/(b) trinta e oito dividido
por CINcu cê tem oito piquetes*

- 235 *esses piquete cê bota nessa disposiÇÃO... cinco dias aqui*
cinco aqui cinco aqui cinco aqui
- 236 *agora você SOma (...)*

Encontramos, em (a), uma interrupção do enunciado, marcado por uma hesitação “que cê vai fazê:” e um abandono através de um truncamento “... então cê/”, logo a seguir, em (b), podemos perceber que o falante recorre a uma mudança do tópico discursivo para poder dar seqüência ao seu enunciado (a), tentando facilitar a compreensão do ouvinte e, na seqüência, retoma o termo abandonado na primeira ocorrência “trinta e oito dividido por CINcu cê tem oito piquetes”.

[18]

- 237 (...) *... tenta mosTRÁ a ... necessidade... a*
- 238 *importância de MÉtodos de conservação... -- esse gráfico*
éh... a linha de produção... na
- 239 *região de MarinGÁ no ano de mil novecentos e noventa e*
quatro... (a) se a genti for/(b) si nós
- 240 *pegarmos uma cooperaTIva -- então são dados reais no ano*
de mil novecentos e noventa e
- 241 *quatro:*

Na linha 239, percebemos que o falante abandona o enunciado e, para isso, faz uso de um truncamento em (a) “... se a genti for/”, logo após esta ocorrência, ainda na mesma linha e no início da linha 240, ocorre uma paráfrase em (b), baseada no abandono anterior, “si nós pegarmos uma cooperaTIva”, que demonstra o esforço em buscar possibilidades para fazer-se entendido, além de buscar, através da reformulação de (b), um enunciado mais centrado na formalidade da língua.

[19]

- 241 (...) : quanto à PROdução de leite -- a gente (a) tinha quá/
(b) praticamente/ (c) quase oitenta mil
242 litro de leite ali... na época de janero feeverero... MARço...
(...)

Podemos notar, na linha 241, a ocorrência de um truncamento em (a) “ - - a gente tinha quá”, na seqüência, ocorre, em (b), a inserção da palavra “praticamente”, que vem seguida por (c) uma retomada do vocábulo abandonado na primeira ocorrência desta linha e acontece, então, a seqüência do enunciado “quase oitenta”. Fica claro que o falante quis mostrar que interrompeu em (a) sua fala para que pudesse, em (b), acrescentar um outro termo, também relevante ao seu discurso, e já na seqüência retoma o termo truncado em (a), fazendo uma reformulação do que pretendia dizer de uma maneira mais clara e de fácil entendimento.

[20]

- 249 dando o alimento... de boa qualidade... forragem... no CAso
éh:: esse peRÍodo num tem
250 essa disponibilidade... (a) a pran/ (b) a pr/ (c) éh: fis/ (d)
fisiológica... (e) a planta tá produzinu menus...
251 então tem o período que ela vai tá produzinu bastante e a
gente tem que usá ESse excesso

Nesse trecho, encontramos uma seqüência de ocorrências de reformulação que torna o período bastante turbulento, até que o falante consegue desenvolver bem seu discurso. A primeira ocorrência que encontramos é um truncamento (a) “a pran/”; na seqüência, o falante retoma a palavra truncada em (a) e tenta reformulá-la em (b) “a pr/”. Esta tentativa é também truncada e abandonada. Na ocorrência seguinte, encontramos em (c) uma hesitação seguida por outro truncamento “éh: fis/”; logo após, há uma outra ocorrência (d) onde o falante retoma o termo truncado na ocorrência anterior “fisiológica”, que vem completar a palavra “disponibilidade” e, após uma pausa, podemos notar a reformulação que o falante faz em

(e), onde retoma a tentativa de pronúncia dos vocábulos em (a) e (b) “...a planta tá produzindo menus...”. O falante, nesse trecho, não conseguia encontrar a reformulação que julgava adequada, por isso, houve tentativas e truncamentos; abandonou o termo pronunciado nas três primeiras ocorrências para completar o seu sentido em (d). Consegue, assim, com êxito explicar o que realmente pretendia. Esse uso das correções nos possibilita entender a importância da correção, para fazermos-nos compreendidos no nosso discurso.

[21]

274 (...) a forragem conservada e BEM conserVAda
respeitando as técnicas... tem um
275 bom valor nutritivo... (a) tendo um bom valo/ (b) tendo um
alimento (c) cum BOM valor nutritivo a
276 gente – na época de escassez vai fazê o quê? Uma
maximização da produção... (...)

Nesse trecho do *corpus*, podemos perceber que o falante abandona um enunciado através do truncamento de um vocábulo em (a) “... tendo um bom valo/”. Na seqüência, o falante faz uma reformulação (b), inserindo o trecho “um bom alimento”, e logo a seguir retoma em (c) o enunciado que foi abandonado “tendo um alimento cum BOM valor nutritivo a gente”... . A inserção que encontramos em (c) facilita a compreensão do enunciado, pois é uma informação a mais que temos e esta informação nos leva a entender que o bom valor nutritivo, ao qual o falante, possivelmente ia dizer em (a), que foi truncado, pertence ao alimento (forragem) que foi pronunciado antes da ocorrência (a).

[22]

297 (...) ...as folhas das/ das leguminosas
disidratam
298 mais rápido du qui us comos então pode ocorrer PERdas se
essi...material não for...

- 299 *adequadamente desidratado... –(a) forragens utilizadas qua/
(b)éh:: (c) gramíneas utilizadas quais*
- 300 *poderiam ser? Tifton... grama estrela... coastcross... até o
PÂnicum...(..)*

Nesse trecho, quando o falante percebe que ao utilizar a palavra “forragens” estaria generalizando muito a questão do alimento a ser utilizado, pois forragem é todo tipo de planta usada para a alimentação de rebanhos e envolve gramíneas (capins) e leguminosas (que têm frutos secos ou frutificam em vagem). O falante resolve, então, fazer uma reformulação, substituindo a palavra “forragens” pelo termo “gramíneas” que é um tipo mais restrito de alimentação, que envolve somente os capins que servem de alimento para os rebanhos. E é sobre tipos de capins que ele está proferindo seu discurso.

[23]

- 300 (...) ... *i tantu quanto*
- 301 *menor o incômodo da planta... é melhor pra sê feito:: o feno
porque vai promoVÊ (a) uma/*
- 302 *(b) mais rá/(c) uma.../(d) a rá/(e)... a desidratação vai
sê muito mais rápida... -- as (fases) de*
- 303 *crescimento... nós devemosBUScar não apenas a quantidade
di... di/ du du produto nu*
- 304 *caso u feno... nós devemos aliar a qualiDAde desse
material... (...)*

Podemos perceber em (a) um truncamento “vai promoVÊ uma”; a seguir, o falante tenta reformular sua fala em (b) com “mais rá” e outra vez faz um truncamento. Na seqüência, encontramos a ocorrência (c) “uma.../”, onde encontramos uma pausa seguida por outro abandono. Na ocorrência (d), “a rá”, ocorre uma tentativa de reformulação, formada por uma retomada que não é satisfatória e é interrompida por mais um truncamento. Logo

após, outra reformulação onde o falante destrincha sua fala, fazendo uma inserção (e) “...a desidratação vai sê muito mais rápida...”.

[24]

- 304 (...) ... nós devemos aliar a qualiDAde desse material... não adianta você dexá o
- 305 seu stand cresCÊ... o seu pasto cresCÊ a altura lá... ah... vai produzi muito... mais e a
- 306 qualidade desse material é MUIto BAIxa... tem muita (legumina)... então nós devemu...
- 307 (a) res/ (b) vê/ (c) aliá o: número de folhas di colmu pra que si produza um material de qualidade

Na linha 307, encontramos um abandono marcado por um truncamento em (a) “res/”; na seqüência, ocorre outro abandono marcado mais uma vez por um truncamento (b) “vê/” e na última ocorrência de correção desta linha (c), o falante reformula sua fala completando o sentido do enunciado que antecede a ocorrência (a) “aliá o: número de”, que facilitou a compreensão da fala, por ter ficado mais clara.

[25].1

- 321 vai tê orvalho num vai ocoRRÊ perdas () a secagem ocorreu tudo bem... mas você vai
- 322 armazená num lugar inadeQUAdu... (a) vão ocorrê perdas nu se/ (b) na qualiDAdi (c) du seu
- 323 materiAL... podem então haver fungus... éh:: nu material... qui qui vai acontecê? (...)

Na linha 322, encontramos uma interrupção que tem como marca um truncamento em (a) “vão ocorrê perdas nu se/”. Na seqüência, encontramos em (b) uma inserção de “na qualiDAdi”, que vem seguida por (c), onde o falante retoma o que interrompeu em (a)

completando sua fala “du seu material”. A inserção que ocorreu em (b) nos faz perceber a importância da inclusão do termo “qualidade” para a melhor compreensão desse trecho, pois, assim podemos perceber que o falante está referindo-se a possíveis perdas que poderão acontecer na qualidade do material que está sendo usado para alimentar os animais.

Podemos analisar, ainda, esse bloco de uma maneira diferente da que conferimos acima.

[25].2

- 321 *vai tê orvalho num vai ocoRRÊ perdas () a secagem
ocorreu tudo bem... mas você vai*
- 322 *armazená num lugar inadeQUAdu... (a) vão ocorrê
perdas nu se/ (b) na qualiDA di du seu*
- 323 *materiAL... podem então haver fungus... éh:: nu material...
qui qui vai acontecê? (...)*

Encontramos no final da ocorrência (a) “*vão ocorrê perdas nu se/*” um truncamento e, na seqüência, em (b), temos o enunciado reformulador de (a), “*na qualiDA di du seu material*”; onde percebemos que o enunciado (a) pode ter sido truncado para que o falante pudesse reformular sua fala acrescentando um elemento a mais a seu discurso.

[26]

- 333 (...) *nós vamos
faLAR... desdi u nascimento*
- 334 *do bezerro... até o dismami i também um poquinho de
instalações... (a) caso alguém num*
- 335 *consiGUI/ (b) num consiga pasSÁ::: prá voeis... BEM (c)
deixá bem claro pra voeis: alguma*
- 336 *coisa as perguntas poderão ser feitas ao final...
((barulho di caminhão)) (...)*

Nesse trecho, a primeira ocorrência encontrada é um truncamento (a) “... caso alguém num consiGUI”, seguido por uma correção em (b) “num consiga pasSÁ::”. Mais adiante, encontramos novamente outra reformulação parafraseada em (c) “...deixá bem claro pra voceis: alguma coisa”. Temos aqui outra reformulação que caracteriza a paráfrase, houve mudança na estrutura do que foi dito em (a) e do que foi dito em (b), mas o significado não foi alterado. Assim, mais uma vez verificamos que a paráfrase é um mecanismo que pode auxiliar a melhora na compreensão do discurso, pois, quando o falante fez a reformulação, seu discurso ficou mais claro e acessível para o ouvinte.

[27]

- 354 *em seguida (a) nós devemos fazer a limpeza da vaca... devemos: principalMENTi éh:...*
- 355 *-- (b) quantu a limpeza nós devemos nos preocupar com o úbere da vaca... então (c) nós*
- 356 *vamus fazer a limpeza ((mugido de uma vaca)) du P/ su/ du úbere i dus tetus... (...)*

Encontramos um abandono momentâneo em (a) um enunciado que é interrompido por uma pausa. A seguir, temos em (b), que é antecedida por uma hesitação e uma pausa “...devemus principalMENTi éh:...- -”, uma paráfrase de (a) “quantu a limpeza nós devemos nos preocupar com o úbere da vaca...”. E na seqüência, detectamos uma reformulação em (c), onde o falante parafraseia sua fala anterior e continua seu discurso direcionando-o com outras palavras, mas não fazendo alteração semântica, “nós vamos fazer a limpeza ((mugido de uma vaca)) du P/ su/ du úbere e dus tetus...”. Assim, a paráfrase é feita para melhorar a compreensão do que está sendo dito pelo falante ao ouvinte.

[28]

- 355 *-- quantu a limpeza nós devemos nos preocupar com o úbere da vaca... então nós*

356 *vamus fazer a limpeza ((mugido de uma vaca)) (a) du*
P/ su/ (b) du úbere i dus tetus... (...)

Na linha 356, há dois abandonos seguidos, marcados por truncamentos (a) “du P/ su/” e na seqüência, em (b), encontramos uma reformulação “du úbere” seguida por uma inserção “i dus tetus...”. A correção ocorre em (b), pois em (a), possivelmente o falante iria dizer peito, mas trunca para substituir em (b) por “úbere”, que é um termo menos coloquial.

[29]

356 (...) *a gente*
357 *vai laVÁ essi:: si úbere e seCÁ... (a) essa limpeza devi ser*
feita antis da primeira mamada...
358 *(b) antis di você deixá u bizerru fazê a primeira*
mamada... (...)

Nessa linha 357, encontramos um comentário seguido por pausa (a) “essa limpeza devi ser feita antis da primeira mamada...”; já na seqüência, após a pausa da ocorrência (a), podemos notar que o falante reformula seu discurso com uma inserção (b); “antis di você deixá u bizerru fazê a primeira mamada...”. Essa inserção leva o ouvinte a entender que a primeira mamada, após o nascimento, só acontece quando o pecuarista permite que ela ocorra e não quando o próprio bezerro ou a vaca determina.

[30]

358 *antis di você deixá u bizerru fazê a primeira mamada...*
porque assim você vai evitá qui
359 *quandu ele fô mamá pela primeira veiz (a) ele ingira*
colo/ (b) eli ingira suJEIras... i agentis
360 *patogênicos... (...)*

Detectamos, na linha 359, uma correção propriamente dita em (a), marcada por um truncamento “ele ingira colo/” e, na seqüência, podemos perceber que o falante reformula retomando termos pronunciados anteriormente e substitui “colostro” (possivelmente) por “sujeiras” em (b) “eli ingira suJEIras... i agentis patogênicos...”. Aqui podemos notar que o falante faz uso da correção, para manifestar sua preocupação em usar termos mais comuns e acessíveis aos agricultores.

[31]

- 362 *essi tratamentu vai evitar MOScas i duen/ i:: contaminações*
qui POSsam... surgir... u
- 363 *tratamentu devi ser feito cum uma solução de álcool*
ioDAdu: (a) essa soli/ (b) solução conTÉM
- 364 *aproximadamente VINti por CENtu di iodu i oitenta*
por centu di ou/ di álcool a

As ocorrências encontradas nessa linha são uma interrupção de vocábulo marcada por um truncamento (a) que pode ser justificada pela pronúncia incorreta “essa soli/”; em seguida, há uma retomada da palavra truncada em (a), onde o falante pode pronunciá-la corretamente em (b) “solução conTÉM”...

[32]

- 383 (...) *quandu: éh:: cessa:: éh: essa capacidade*
di
- 384 *absorção di coLOStru... u bizerru já começa produzir*
(a) u seu prop/ (b) us seus próprios
- 385 *antiCORpus... -- *fatoris ligadus au criador... existem três**
possibilidatis di maneju du
- 386 *recém-nascidu... uma delas é a permaNÊNCIA du bizerru::*
juntu au pé da VAca:: (...)

Na ocorrência (a), há um abandono marcado por um truncamento de vocábulo “u seu prop” e, na ocorrência (b), encontramos uma substituição dos termos abandonados em (a), que estavam no singular, pelos mesmos termos no plural e com essa substituição detectamos uma reformulação “us seus próprios antiCORpus...”. Essa correção aconteceu, também em virtude da necessidade da troca do singular em (a) pelo plural em (b).

[33]

- 394 *P: ... são muito sensíveis i exiGENTis... intão a genti::: uhn...*
recoMENda éh: alimentos de
- 395 *alta qualidadi né? éh::: tem qui atentar pra qualidadi*
(a) des/(b) dessi:/ (c) dessi alimento fornecidu...
- 396 *tanto do leiti comu du fenu concenTRAadu i da Água... né?...*
o leite/ eli devi ser divididu

Encontramos um truncamento em (a) “pra qualidadi des/” e logo após, quando o falante repete o termo truncado em (a), detectamos uma hesitação e outro truncamento em (b) “dessi:/”. Na ocorrência seguinte (c), o falante retoma o termo truncado nas duas primeiras ocorrências, e insere outros termos que completam a informação “dessi alimento fornecidu...”. As ocorrências aqui encontradas tornam o período turbulento. Isso acontece, pois é característico da língua falada, uma vez que seu planejamento é local, portanto, a reformulação é tida como consequência desse planejamento.

[34]

- 404 *(...) ... a água devi sê fornecida u dia interu pru animal...*
éh::: u fenu i u
- 405 *concenTRAdu eli devi sê colocadu à disposição du::*
animal... éh::: nus primeiros seti a
- 406 *a deis dias... mesmu qui eli num consuma im quantidade éh::*
mais pra eli i: si acostomandu

- 407 *i:: proporcionar um melhor disinvolvimento du rúmen () na musculatura du rúmen pra*
- 408 *qui eli si TORne um: ruminanti u mais cedu pusSível... pu cê economizá u leiti né?*
- 409 **(a)** *qui é um ali/ (b) um alimentu di altu cus/ (c) di ótima qualidade né? (d) mais tamBÉM... altu custu*

Temos um truncamento (a) “qui é um ali/”; a seguir, o falante retoma o termo truncado em (b) “um alimentu di altu cus/”; na seqüência, o falante enuncia nova formulação, em (c), “di ótima qualidade né?”. Neste momento nós temos o primeiro membro do par opositivo articulado pelo conector “mais tamBÉM”, que vai aparecer em (d) “mais tamBÉM... altu custu - -”. A reformulação facilita ao ouvinte entender que o leite pode ter um custo alto, além de possuir, também, uma ótima qualidade. Podemos considerar esta reformulação como um elemento de muita importância, pois ela foi um recurso que o falante pôde utilizar para enriquecer sua fala e para melhorar o entendimento por parte do ouvinte.

[35]

- 443 *(...) como nosso tempo é meio restrito éh::: a gente vai passar alguma*
- 444 *coisa caso fique alguma dúvida ou queiram (a) algum (b) mais esclarecimento ceis perguntam no*
- 445 *final que vai ter um tempo pra: pra perguntas(...)*

Na linha 444, encontramos uma substituição de termos, marcada por um abandono em (a) “algum/” e, a seguir, podemos detectar a troca de “algum” por “mais esclarecimento”, em (b), pois os ouvintes já estão recebendo algum esclarecimento.

[36]

- 444 *(...) ceis peruntam no*

- 445 *final que vai ter um tempo pra: pra perguntas (a) éh::: na*
fase (b) -- a novilha depois que ela é
- 446 *desmamada e até a fase da primeira cobertura –(c) nessa*
fase ela tem um um crescimentu
- 447 *muito aceleRAdo... sendo assim sua exigência*
nutricioNAL também é muito grande

Na linha 445, encontramos em (a) uma hesitação seguida de interrupção “éh::: na fase- -”; a seguir, em (b) há uma inserção explicativa onde o palestrante reformula a sua fala “a novilha depois que ela é desmamada e até a fase da primeira cobertura - -”.

Na seqüência em (c), o falante faz uma outra reformulação onde retoma “na fase” que havia abandonado na ocorrência (a) da linha 426, “nessa fase ela tem um um crescimento muito aceleRAdo”.

[37]

- 447 *muito aceleRAdo... sendo assim sua exigência*
nutricioNAL também é muito grande
- 448 *precisa então (a) repor éh::: através de alimentos –*
(b) suprir essas necessidades que ela tem
- 449 *pra que desenvolva um um crescimento desejável... a novilha*
diz -- muita gente pensa –

Encontramos na linha 448 uma hesitação em (a) “então repor éh::: através de alimentos - -”, seguida por uma formulação de enunciado que é interrompido para receber uma outra reformulação em (b), onde o verbo “repor”, da ocorrência (a) é substituído por “suprir”, na paráfrase feita em “suprir essas necessidades que ela tem pra que desenvolva um um crescimento desejável...”.

[38]

449 *pra que desenvolva um um crescimento desejável... (a) a*
novilha diz – (b) muita gente pensa –
450 *(c) fala assim é mas em pasTAgens eu vou*
desenvolver todas as necessidades delas ou
451 *não?... normalmente principalmente animais mais*
novos... éh:: a pastagem supre apenas

Na linha 449, o falante faz seu comentário, interrompe e abandona o enunciado em (a) “a novilha diz- -”, pois novilha nenhuma diz coisa alguma, por isso, em seguida, ele inicia outro enunciado, fazendo uma inserção em (b) “muita gente pensa- -”. Na seqüência, o falante faz uma elipse de conectivo e, continuando o pensamento, diz em (c) “fala assim é mas em pasTAgens eu vou desenvolver todas as necessidades delas...”.

[39]

457 *(...) ... um recurso é:: fornecer feno de*
boa
458 *qualidade o feno nessa fase em que o animal se encontra é*
muito importante (a) porque o
459 *feno nessa – (b) você fornecendo/ (c) você tem que é fornecer*
mais quantidade de matéria seca
460 *nessa fase para haver maior desenvolvimento de rúmen*

No final da linha 458 e início da linha 459, o falante repete uma fala já dita anteriormente e para corrigi-la interrompe e abandona este enunciado em (a) “porque o feno nessa- -”, na seqüência, encontramos uma tentativa (b) “você fornecendo/” que é interrompida através de um truncamento. Seguindo o enunciado, há uma reformulação em (c) “você tem é fornecer mais quantidade de matéria seca nessa fase”.

[40]

- 463 (..) -- então o feno
464 deve ser fornecidos à vontade de boa qualidade num
fenil... éh::: com sombra bem
465 ventiLAdo...plano seco e ser removi/ revolvido esse feno
constantemente assim (a) uma
466 vez.. (b) duas vezes por dia pra que aumentar -- ou/ (c)
aumentá a ingestão do do – (d) aumentá
467 a ingestão pelo animal e sempre quando houver sobras
de de alimentos muito fibrosos
468 de baixa qualidade (...)

Na ocorrência (a) das linhas 465 e 466, há uma interrupção, onde o falante percebe a necessidade de reformular seu discurso, uma vez que, de acordo com a maneira que o enunciado (a) foi proferido não seria possível que ele fosse bem compreendido. Na seqüência, em (b), temos a reformulação de (a), onde o falante substitui “uma vez” pelo novo enunciado que encontramos em (b) “duas vezes por dia”. Através dessa troca, fica visível que a reformulação aconteceu para propiciar a compreensão do discurso, pois há uma diferença um tanto significativa entre revolver o feno uma e duas vezes ao dia. Esse trecho, onde encontramos a ocorrência de reformulação (b), é encerrado por um truncamento, que favorece o melhor planejamento da fala do palestrante, para promover a interação, “pra que aumentar- - ou/”. Na seqüência, na ocorrência (c), encontramos uma reformulação, em que o falante retoma “aumentá”, que foi pronunciado na ocorrência (b), e, logo a seguir, interrompe mais uma vez a fala “aumentá a ingestão do do- -”. E na última ocorrência deste trecho, em (d), há uma retomada de um termo já dito anteriormente, seguida por uma reformulação, na qual o falante busca um conectivo mais adequado ao seu discurso e, então, substitui o conectivo presente no final da ocorrência (c), “do” por “pelo”, em (d).

[41]

- 473 *nessa parte de crescimento principalmente em novilhas
mais novas não é muito*
- 474 *recomendada porque do que o animal tá comendo de
silagem sessenta e sete por cento*
- 475 *disso que ele tá comendo é água... né?... se for (a) um feno/
(b) silagem de boa qualidade com*
- 476 *trinta e três por cento de matéria seca então ingestão de
água vai limitar o seu consumo*

Neste exemplo, o falante utiliza um truncamento em (a), quando percebe que a palavra “feno” que ele iria pronunciar não era propícia, uma vez que feno é um tipo de alimento conservado com alto teor de matéria seca, para alimentar gado e não caberia no seu discurso, neste momento esse tipo de alimento. Surgiu, então, a necessidade de substituir (a) por (b), onde feno é substituído por “silagem”, que também é um tipo de alimento conservado, mas com alto teor de umidade. E utilizando este segundo termo, fica mais fácil para o ouvinte compreender que, se as novilhas fossem alimentadas com um alimento com maior umidade, o desenvolvimento delas seria menor, tendo em vista que a maior porcentagem da silagem é água e, se o falante continuasse utilizando o termo feno, essa idéia não teria sentido, pois as novilhas, ao serem alimentadas com feno, estariam consumindo maior quantidade de matéria seca e conseqüentemente estariam ingerindo maior quantidade de nutrientes por quilo de alimento fornecido e, assim, teriam um melhor desenvolvimento.

[42]

- 480 *principalmente pra animais mais novos que seis meses
procurar evitar o fornecimento de*
- 481 *silagem MESmo de boa qualidade... a uniformidade de
(loja) se formada nas novilhas é*
- 482 *muito importante porque nessa fase (a) eu di/ (b) havia dito
ela vai ter um crescimento*
- 483 *rápido (...)*

Na linha 482, encontramos um truncamento em (a) “eu di/”, que é seguido por uma inserção, depois o falante retoma a palavra truncada e continua a formulação do enunciado em (b) “ havia dito”.

[43]

- 481 (...) ... a uniformidade de (loja) se formada
nas novilhas é
- 482 muito importante porque nessa fase eu di/ havia
dito ela vai ter um crescimento muito
- 483 rápido e o/a exigência de um animal de sete
meses é bem diferente de um animal de
- 484 doze meses como o consumo também é muito
diferenciado... então (a) pra que se evite
- 485 brigas/ (b) brigas não... éh:: (c) [dominância
- 486 P [dominância —
- 487 de uma comer mais do que a outra (...)

Na ocorrência (a) da linha 484, encontramos um truncamento “pra que se evite brigas/”. A seguir, em (b) há uma repetição do termo truncado em (a), seguido por um advérbio de negação, que possibilita percebermos uma tentativa de autocorreção seguida por uma pausa “brigas não...”. Após a pausa da ocorrência (b), notamos uma hesitação e a seguir, em (c), o falante recebe uma ajuda externa, de outra pessoa, e ocorre, então, o que chamamos de heterocorreção “ [dominância

[dominância”

que possibilitou ao falante dar continuidade ao discurso. Essa ajuda externa, que foi recebida de um outro palestrante só foi possível porque o falante demonstrou que havia utilizado um termo inadequado àquilo que estava dizendo e que não estava conseguindo encontrar o termo correto para aquele momento. Afinal, o uso da palavra “brigas” causa no ouvinte uma imagem de tumulto, confusão, e não era isso que o palestrante queria dizer, mas queria levar o pecuarista a entender que é necessário que as novilhas se alimentem da mesma maneira,

consumindo uma mesma quantidade, para que haja uma uniformidade na qualidade do rebanho.

[44]

- 492 ...boa tardi pessoal... o períodu di *cresciMENTu* du
dismami a: a puberdadi... u
- 493 *cresciMENTu* du úbiri si dá éh:: a partir dus três mesis di
idadi... tá? (a) cu/ cum isso éh:: né/
494 (b) a partir des/ (c) dessi uhn... (d) dessa iDA di éh::: u úbiri
da da novilha cresce cerca di três vezis
- 495 i meio A MAis rápidu do que após da puberdadi tá?
(...)

Nessa ocorrência de número 44, encontramos um grande número de marcas que evidenciam a tentativa de reformulação. A primeira marca, que nos mostra que o falante está em busca de uma formulação mais adequada, é uma hesitação e ocorre na linha 493 em (a), onde encontramos um truncamento seguido pela retomada da palavra truncada “cu/ cum isso”. Na seqüência, encontramos outra hesitação acompanhada por um outro truncamento “eh:: né”. Na segunda ocorrência, (b) há uma tentativa de reformulação e substituição que não chega a acontecer por completo, pois logo encontramos mais um truncamento “a partir des/.” Na ocorrência (c), o falante retoma o termo truncado em (b) que logo após é interrompido “dessi uhn...”. E na seqüência, detectamos (d) uma reformulação do termo interrompido em (c) e uma substituição seguida de hesitação “dessa iDA di éh:::”.

[45]

- 495 (...) até us doze mesis ele tem
esse
- 496 *crescimentu* du úbiri *aceleradu...* éh:: us animais nessa fasi
elis(a) sãu:: *elis* (b) tem... *altu::...*
- 497 *ganhu* di *pesu* tá? i pur isso a raçãu devi sê
equilibrada... im NÍveis:: *protêicos* i

Em (a), encontramos uma interrupção marcada por uma hesitação “são:”. Na seqüência, o falante reformula o que abandonou em (a), reformulando a fala em (b) “tem...”, que vem como uma tentativa de reformulação, com apagamento, substituindo “são” por “têm”.

[46]

- 497 (...) *a raçãu devi sê
equilibrada... im NÍveis:: protêicos i*
- 498 *enerGÉticus tá?... (a) a fim di qui a:: (b) da/ (c) a novilhas
ganh/ (d) cheguem a ganhá setecentus grama/*
- 499 *setecentus i cinqüenta grama PUR dia tá? cum: éh::
fazendu cum qui ela num depositi*

Na primeira ocorrência desta linha, verificamos em (a), onde encontramos um abandono marcado por uma hesitação “a fim di qui a:”. Na seqüência, encontramos (b), onde o falante tenta reformular sua fala, mas a trunca e a abandona novamente “da/”. A seguir, encontramos (c), onde o falante retoma “a” que foi abandonado na ocorrência (a), reformula e trunca seu discurso “a novilha ganh/”. Por último, podemos verificar, em (d), que o falante faz sua reformulação, onde anula a formulação anterior em busca de uma outra, mais adequada e retoma a seqüência abandonada na ocorrência (a) “cheguem a ganhá setecentus grama”.

[47]

- 500 (...) *u Fábiu vai falá::: posteriormenti
quais são os problema da*
- 501 *(deposição) di gorDUra... éh::... i:: animais qui recebem
uma ração... (a) cum/ (b) a fim di qui elas*

- 502 *ganhem cerca di mil gramas PUR dia: ela tem essa
deposição di gordura: então CAUsa*
- 503 *u u/ problema di di... di lactaÇÃO: di crescimentu di úbiri
(...)*

No final da ocorrência (a), podemos notar que há um abandono marcado por um truncamento “cum/”. Na seqüência, temos uma reformulação de enunciado em (b) “a fim di qui”, onde há a troca de conectores e não há retomada.

[48]

- 501 *(...) i:: animais qui recebem uma ração... cum/ a fim di qui
elas*
- 502 *ganhem cerca di mil gramas PUR dia: ela tem essa
deposição di gordura: então CAUsa*
- 503 *u u/ problema di di... di lactaÇÃO: di crescimentu di úbiri i
tudu... (a) éh: dép/ (b) duranti i*
- 504 *após a puberdadi não se deve fornecê alimentu cum altu
teor enerGÉticu.. as novilhas*

Detectamos em (a), uma hesitação que é seguida por uma interrupção marcada por um truncamento “éh:: dép/”. Na seqüência, em (b), temos a substituição de (a) por “duranti i após”.

[49]

- 504 *após a puberdadi não se deve fornecê alimentu cum altu
teor enerGÉticu.. as novilhas*
- 505 *nessa época sãu maitu senSÍveis a essis alimentus... tá? i::
ela tem tem... tem qui (a) sê fe/*
- 506 *(b) fornecidu uma uma raçãu:: qui ela ganhi setecentus
grama PUR dia tá?... éh::... duranti a*

507 *puberDAdi... u crescimentu REcomendadu seria:: essi*
qui a novilha até oitu mesis

No final da linha 505, encontramos uma palavra interrompida, marcada por um truncamento em (a), devido à pronúncia errada, “tem que sê fe?”. No início da linha 506, em (b), detectamos que o falante faz uma reformulação, através da correção da pronúncia da palavra truncada em (a) “fornecidu uma uma raçãu::”.

[50]

506 (...) *duranti a*
507 *puberDAdi... u crescimentu REcomendadu seria:: essi*
qui a novilha até oitu mesis
508 *ganhe:: setentus cinquenta gramas PUR dia i us oitu mesis*
tá? ganhi:: cerca di seticentus
509 *grama pur dia issu vai fazê (a) com qui u/ (b) diminua u*
CUStu du: (c) da alimentaÇÃO:: (...)

Encontramos, nessa linha, a ocorrência (a), onde há um abandono marcado por um truncamento “vai fazê com qui u?”. Na seqüência, temos a ocorrência (b), onde o falante insere um termo e retoma o termo abandonado na ocorrência (a) “diminua u CUStu du:” e na ocorrência (c), encontramos uma troca de termos onde acontece a correção “da alimentaÇÃO::”.

[51]

509 (...) *issu vai fazê com qui u/ diminua u CUStu du:*
da alimentaÇÃO:: purqui
510 *us animais são JOvens is essis animais jovens tem (a) u/*
(b) éh::: um alt/ (c) uma alta conversão

511 alimenTAR:tá? as coberTURas feitas em animais
preCOces... (...)

Na linha 510, na ocorrência (a), temos um abandono marcado por um truncamento “*essis animais tem u*”. A seguir, encontramos em (b) uma hesitação e a tentativa de uma formulação que é truncada “*éh::: um alt*”. Na última ocorrência da linha 510, (c), há uma reformulação onde o falante substitui “*um*” (da ocorrência (c)) por “*uma*” e formula um enunciado completo, “*uma alta conversão alimenTAR:*”, fazendo uma reformulação através da troca de vocábulo masculino para feminino.

[52]

513 (..) na primera lactação... i vai::: fazê cum qui
a:: a/ **(a)** a nuvilha não gan/ **(b)** num cresça
514 MUItu: intãu vai retardÁ u crescimentu dela i issu
vai até u fim da vida DEla... –

Na ocorrência (a), temos um abandono marcado por um truncamento “*a nuvilha não gan*”. Na ocorrência (b), encontramos a substituição da palavra truncada em (a), onde o falante troca os termos utilizados na primeira ocorrência por “*num cresça MUItu:*”.

[53]

523 COxas muito gordas qui qui acontece?... -- **(a)** coxas
gordas i roliças... vão PRESSioná: u
524 úbiri... cu/ **(b)** i eli num vai... num vai deixá u úbere
crescê::... mesmu qui ele cresça... us
525 LIgamentus... toda aquela parti qui vai SUStentá u úbiri vai
sê prejudicada... (...)

Temos, no final da ocorrência (a), um abandono marcado por um truncamento “*... úbiri...cu*”. Na ocorrência (b), o falante reformula seu discurso e repete o trecho “*num vai*”,

procurando ganhar tempo para organizar seu pensamento e a seguir faz uma inserção e reformula a sua fala interrompida em (a) “deixá u úbiri crescê:...”. Podemos perceber, ainda, que o falante, ao executar a sua reformulação, em (b), utiliza um termos que não concorda com o antecedente, ao qual ele se refere; pois ao pronunciar, em (b), “eli” o falante quis relacioná-lo com “coxas”, que encontramos em (a) e, assim, podemos verificar que não houve concordância entre os termos, seria melhor que o falante tivesse empregado, em (b), o pronome isso, no lugar de “essi”.

[54]

- 535 *ISsu... éh:: já é:: conheCIdu di: todus:: qui é MUItu mais
importanti... a genti:: considerá*
- 536 *u PEsu:... dessa nuviLHA: prá:: prá: primera
(a) cub/ (b) cobertura:... du qui a*
- 537 *idadi...propriamenti dita... (...)*

Na linha 536, na ocorrência (a), temos um abandono marcado por um truncamento “primera cub”. Na seqüência, temos (b), uma reformulação do termo truncado na ocorrência anterior “cobertura:...”. Essa ocorrência (b) teve necessidade de ser corrigida devido à pronúncia incorreta em (a).

[55]

- 541 *quilus...di pesu vivu já POdi sê feita a primera
inseminaçãu... nu casu du gadu JÉRsei: qui*
- 542 *é: um: pesu meNOR:... di duzentu i sessenta a duzentus i
oitenta quilus di pesu vivu... i*
- 543 *nu gadu: (a) mestiçu/ (b) cruZAdu: (qui é menor) di duzentus
i oitenta a trezentus quilus di pesu*
- 544 *vivu... já:... já podi sê feita: a:: primera cobertura...
(...)*

Na linha 543, temos uma paráfrase, onde o falante troca as palavras, mas não altera o significado do seu discurso, temos em (a) “mestiçu” e a substituição ocorre em (b) por “cruZAdu:”. Essa tentativa contribui para que o ouvinte tenha mais oportunidades de compreender a fala do palestrante.

[56]

544 (...)... é recomenDAdu... qui:: as
545 nuvilhas cheguem:: (a) NESsi (pesu)/ (b) nessa idadi...
entri:: dizessei dizoitu: até dizenovi
546 meses... éh:: ESsa idad/ éh: é u: é u: é u: moMENTu
certu di si fazê: a primera
547 coberTUra...(..)

A primeira ocorrência da linha 545 (a) é um abandono marcado por um truncamento “NESsi (pesu)”. Na seqüência, em (b), temos uma reformulação do enunciado, onde o falante substitui os dois termos da ocorrência (a) por “nessa idadi...”, onde se troca o termo e o pronome demonstrativo masculino “NESsi” por um outro pronome demonstrativo feminino “nessa”. Podemos perceber que o falante não fez uso de dois valores, mas através do contexto entendemos a intenção dele em excluir um deles.

[57]

546 (...) ESsa idad/ éh: é u: é u: é u: moMENTu
certu di si fazê: a primera
547 coberTUra... TEMus qui considerá:: éh:::... (a) COM
cuidadu: (b) com muita atencãu... u
548 iscori corpoRAL dessa nuvilha... u ideAL é qui ela alcançi
ESsi PESu... i qui:: tenha: u

Na ocorrência dessa linha, encontramos uma paráfrase, que acontece através de uma substituição de termos. Primeiramente, o falante utiliza em (a) “COM cuidado:” e após um breve prolongamento de vogal substitui por (b) “com muita atenção”.

[58]

558 *é:... é:... i nu final das contas podi causá um prejuízu muito grandi... – (a) u diagnóstico... u*

559 *dig/ (b) u diagnóstico é feito através da: da:... du ixami di FEziz: tá? (...)*

No final da ocorrência (a), temos um abandono, ocasionado pela pronúncia incorreta da palavra diagnóstico, que deveria ser repetida, como um ganho de tempo, para facilitar o planejamento da fala do palestrante, que é marcado por um truncamento “dig”. A seguir, na ocorrência (b), temos a reformulação de (a), onde o falante usa de repetição do turno truncado na ocorrência anterior, para poder pronunciá-lo corretamente e prosseguir o seu discurso “u diagnóstico”.

[59]

560 *(...) u mais utilizadu é pur exami di Fezis... s/ qui podi sê di dois tipus... a*

561 *contagem di Ovus du () di fezis: qui é u mais utilizadu di TOdus i: a cultura de larvas...*

562 *qui tamém podi sê chamadu di (a) coat/... (b) cultura... - (c) controli... como todus sabem.... éh: a*

563 *erradicaçu dus vermis é quasi qui impuSSÍvel...*

Na ocorrência (a) da linha 562, encontramos um abandono ocasionado por pronúncia incorreta, marcado por um truncamento “coat/...” e a seguir o falante faz uma pausa. Logo após, em (b), há uma reformulação e a pronúncia correta de “cultura” e na seqüência em (c),

o falante faz uma reformulação parafraseada de (b) “controli...”, onde procura reforçar o seu discurso.

[60]

562 (...) ... como todus sabem... éh: a
563 *erradicaçãu dus vermis é quasi qui impuSSÍvel...*
principalmenti nu gadu di LEIti:
564 *intãu... a genti tem (a) qui previNI: (b) controlá:... essis*
VERmis: prá qui NÃU:: ocorra uma
565 *DIminuiçãu n/ na produÇÃU... conseqüentimenti vai:...*
... vai sê um prejuÍzu muito

Encontramos nesta linha 564, uma seqüência de palavras, em que através do contexto, percebemos que a intenção do falante não foi substituir um termo pelo outro, mas sim utilizar os dois, fazendo um acréscimo do segundo (b) “controlá:...” ao primeiro em (a) “que previNI:”. Essa acréscimo é marcado por um breve prolongamento de vogal, após o primeiro termo pronunciado. Notamos que, neste caso, o falante recorre a este acréscimo, para que fique claro ao ouvinte que a prevenção de vermes deve ser feita antes que este mal se instale nos animais, mas se, por ventura, os animais já estiverem contaminados por verminoses, ainda é possível fazer um controle sobre elas, a fim de minimizar as prováveis conseqüências danosas que elas para causar ao rebanho e também ao produtor de leite, uma vez que isto irá influenciar na produção leiteira e conseqüentemente nos lucros.

[61]

569 *interesSANTi: você: você fazê MUItus tratamentus: éh:*
cum relaçãu aus vermis
570 *quantu MEnus você fizé: melhor: éh: us vermis vãu*
demorá mais pa adquiri esta
571 *resistência... éh: cum relação: (a) à quantiDAdi (b) dosi: si*
vocêdé uma dosi mé/ menor qui a

572 *qui a:... indiCAda... (...)*

Temos, na ocorrência dessa linha, uma substituição do termo “quantidade” em (a), por “dosi” em (b), através da qual acontece a reformulação, como podemos verificar na linha 571. Dizemos que houve a troca ou substituição de termos, pois a dose é a quantidade exata que deve ser aplicada.

[62]

571 (...) *si você dé uma dosi mé/ menor qui*
a

572 *qui a:... indiCAda... éh:: essis vermis tamém vãu (a) adquir/*
(b) adquiri ess/ essa resistência

573 *mais rapidamenti: intãu tem qui sigui à risca... (...)*

As ocorrências da linha 572 podem ser comparadas com aquelas vistas nas ocorrências 58 (a) e 59 (a). Na ocorrência (a), o falante erra a pronúncia, por isso, trunca a palavra em (a) “vãu adquirir”. Logo após, o falante repete a palavra, pronunciando-a de maneira correta e reformulando sua fala em (b) “adquiri”.

[63]

573 (...) *intãu tem qui sigui à risca... tem qui*
sê certinhu (a) u controli: (b) u

574 *trataMEntu... animais qui vêm de FOra di outra*
propriedadi pra su/ pra sua:

575 *propriedade (...)*

Através do contexto, podemos perceber que o falante pretende reforçar o sentido do que está falando, e, para isso, insere um segundo termo ao primeiro, após um breve prolongamento de vogal, mas não substitui um pelo outro, conforme podemos verificar em

(a) “u controli:” e em (b) “u trataMENTu...”, na verdade o falante reformula sua fala fazendo uma paráfrase que amplia suas idéias, através do acréscimo de outra palavra.

[64]

575 (...) *prá qui elis nãu inFESTem us*
seus
576 *animais... da sua propriedadi: éh: QUANdu: fizé u*
trataMENAtu si pussível... devi trocá u
577 *aniMAL: di piQUETi... éh: ... (a) prá qui essi conTROLi: (b)
prá qui essi trataMENTu *seja é:/ u*
578 *mais eficiENti pussível... éh:... im relaçuãu::... a carrapatus...*
(...)*

Nesse trecho temos, na ocorrência (a), um pronunciamento “prá qui essi conTROLi:”, que é parafraseado em (b) “prá qui essi trataMENTu” e não há modificação do tópico discursivo, apenas um acréscimo de idéias que facilita o entendimento de quem está ouvindo o discurso, dentro desse controle.

[65]

582 (...) *us carrapatus: sãu mais incidentis*
583 *im pastagens mais altas... mais arbustivas: i: quandu a*
pastagem tá mais ralinha... bem
584 *baiXInha: (a) us carr/ (b) a incidência (c) di carrapatus é
bem piquena... éh: -- im relaçuãu à raça... (d) nu
585 *gad/ (e) dentru (f) du gadu leiteiru... (...)**

Nesse trecho, temos duas ocorrências. Uma pode ser verificada em (a)/ (b)/ (c) e a outra em (d)/ (e)/ (f).

Na linha 584, há um abandono marcado por um truncamento em (a) “us carr/”. Na seqüência, em (b), o falante faz a inserção de “a incidência” e depois, em (c), retoma o termo abandonado em (a) “di carrapatus”.

Na seqüência, a ocorrência encontrada segue os padrões desta que acabamos de ver na linha 584, em (a), (b) e (c). Detectamos em (d) um abandono marcado por um truncamento “gad/”. A seguir, em (e), que o falante insere um novo termo “dentru” e retoma, em (f), aquele que foi abandonado em (d) “du gadu leiteiru...”. Temos aqui um exemplo duplo, entre (a), (b) e (c) e depois entre (d) e (f) da estrutura que estamos verificando. Temos inicialmente um enunciado (X), seguido por um truncamento que vem acompanhado por uma inserção em (b), já que o enunciado (a) não estava completo, pois a falta da palavra “incidência”, que foi inserida, não possibilitaria que o discurso tivesse uma nova reformulação (Y) e continuasse, sendo proferido da maneira como foi e a compreensão provavelmente iria acontecer de outra forma. O mesmo acontece com as ocorrências (c) e (d). Em ambos os casos, as inserções aconteceram para facilitar o entendimento das informações repassadas e, conseqüentemente, melhorar a comunicação. Ao falarmos em inserção na análise desse trecho, vale lembrarmos que nosso conceito a respeito de inserção, neste trabalho, não é tido como só como um segmento parentético, mas como acréscimo de vocábulos que promovam uma ruptura na progressão temática.

[66]

- 586 (...)... éh::: *consideraçõis:: pa:: si fazê: uma formulaçãu di*
ração: certu? CÊ tem que levá
- 587 *em conta primeramenti: a categoria aniMAL: certu? (a) pra*
você - - (b) cê vai formulá essa:
- 588 *raÇÃU: pra qual animal? É pra bizerru? É pra*
nuVilha? É pra VAca?... (...)

Na linha 587, em (a) , há um abandono de enunciado marcado por um truncamento no fluxo entonacional. Pelo contexto, temos a impressão de que este enunciado abandonado teria formulação afirmativa, ao passo que, na reformulação, em (b), observamos a forma

interrogativa, “cê vai formulá essa: raÇÃU: pra qual animal?”. Esse questionamento acontece para facilitar a explicação do falante a respeito do que ele pretende dizer.

[67]

- 588 (...) *É pra bizerru? É pra nuVilha? É pra VAca?... intãu*
é
- 589 *difeREnti: a formulaçãu da rações pra essis diversus*
animais comu pra vacas dentru
- 590 *da fasis di lactaçãu: dela si é nu iNÍciu... si é nu fim... da*
lactaÇÃU: (a) ou até nu mesmu
- 591 *(b) nu períodu SEcu: certu:? éh:: i tamém u tipu du*
animal... (...)

Na linha 590, encontramos, na primeira ocorrência (a), um abandono “ou até nu mesmu”. A seguir, em (b), há uma inserção e a retomada do termo truncado em (a) “nu períodu SEcu:”, onde acontece a reformulação.

[68]

- 592 (...) *porque: num adiANta você dá um alimentu di:*
ALta
- 593 *qualidadi prum animal qui num proDUZ::... certu?...*
num adianta: intãu... éh:: (a) pur
- 594 *exem/ (b) qui nem:: u () (c) você tem qui dá pu aniMAL...*
silu di ALta produçãu:: uma farinha

Temos, na primeira ocorrência (a), um abandono marcado por um truncamento “pur exem/”. Logo após, em (b) detectamos uma substituição que não é concluída “qui nem:: u ()”. E é somente no final da linha 593 e início da linha 594 que o falante consegue formular o seu enunciado em (c) “você tem qui dá pu aniMAL...”. Podemos perceber, em (a) e em (b),

que o falante, preocupado com seu discurso, faz várias tentativas para adequá-lo da melhor maneira possível.

[69]

- 600 (...) *i: i essas exigências já SÃO pré*
estabeleCida (a) exist/ (b) exige/
- 601 *(c) existim taBElas... certu? internacionais... qui já:*
TEM essas exigências para toda
- 602 *essas categorias certo?... éh: a escolha do alimento certu*
(...)

Na ocorrência (a), há um abandono marcado por um truncamento “exist”. Na seqüência (b), temos uma substituição do termo truncado em (a) “exige”. Este termo é abandonado e, na ocorrência (c), o falante retoma o termo abandonado em (a) e reformula sua fala “existim taBElas... certu?”.

[70]

- 603 *pra levá im consideraÇÃU na formaçãu du*
alimentu... na formaçãu da raÇÃU:: é tá
- 604 *aqui di: NOvu potencial im produÇÃU: si é uma*
propriedadi (a) qui tem um si/
- 605 *(b) potenciAL ALtu di produÇÃU: certu? ou si é*
uma propriedadi qui tem um
- 606 *potenciAL MÉdiu prá BAXu di produçãu...*

Encontramos mais um abandono nesta ocorrência (a), marcado por um truncamento “tem um si”. Na seqüência, detectamos, em (b), uma substituição do último termo de (a) por uma inserção “potenciAL ALtu di produÇÃU: certu?”, que propicia a reformulação do enunciado interrompido em (a).

[71]

- 606 (...) ... *ocê vai escolhe*
essi: alimentu: (a) conFORmi::
- 607 **(b) comu foi ditu: num adianta: dá um aliMENTu**
CARu:: di boa qualidadi pru animal
- 608 *qui num produz... certu? (...)*

Temos na ocorrência (a) um abandono marcado por um prolongamento de vogal “conFORmi::”. Na seqüência, temos a substituição do termo abandonado em (a) por um outro em (b) “comu”. Esta modificação não alterou o significado do enunciado, apenas, houve uma troca de vocábulos. Temos, portanto, uma paráfrase.

[72]

- 610 (...) *cê tem qui vêsi tá disponível na sua regiãu...*
certu? si:: é um resíduu
- 611 *uma bomba di citru é um:... um (bagaço) utilizadu si tivé*
ái: disponível: (a) mais depo/ (b) cê
- 612 *tem qui vê: a quantidadi di umiDAdi u transporti si vai*
incarecê:: (...)

Podemos perceber nessa ocorrência (a) um abandono, marcado por um truncamento “mais depo”. A seguir, na ocorrência (b), o falante continua seu discurso sem retomar o enunciado abandonado em (a), “cê tem que vê: a quantidadi di umiDAdi”.

Após verificarmos as ocorrências de correção detectadas no *corpus* do trabalho, encontraremos, no tópico seguinte, as considerações finais a respeito da pesquisa realizada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os conceitos consultados na bibliografia, o estudo do *corpus* e a análise realizada, podemos dizer que a oralidade é um vasto campo a ser explorado, tanto por pesquisadores, como por professores e alunos. Afinal, nossa língua não se restringe apenas à escrita, mas também à oralidade, e é esta a modalidade da língua mais usada pela maioria da população. Então, por que não estudá-la com o mesmo entusiasmo e com a mesma dedicação que dispensamos à escrita?

A oralidade é uma modalidade da língua ainda pouco estudada, mas não pode, por isso, ser considerada como uma modalidade menor. Ela dispõe de dispositivos suficientemente capazes de proporcionar ao ser humano sua integração com o outro e com o mundo, tanto quanto a escrita ou, ainda, de uma forma mais intensa, já que o número de pessoas que têm acesso à fala é bem maior que o das pessoas que têm o domínio do mundo escrito.

Entre os dispositivos citados acima, consideramos a reformulação e os marcadores da oralidade, como fatores de extrema importância, pois o ser humano tem intrínseca a necessidade de estar constantemente interagindo com o outro, com o contexto no qual está inserido, buscando compartilhar experiências, demonstrando sentimentos, intenções, emoções, podendo tomar certas decisões, abandoná-las ou reconstituí-las. Isso tudo pode ser feito através da conversação, que conta com o apoio da reformulação para melhorar a compreensão entre pessoas de diferentes níveis sócio-econômico e cultural e, também, para salvar a imagem do falante, se ele não for “feliz” em suas colocações.

Acreditamos na necessidade de dizer que nem sempre as reformulações em geral e, especificamente, as correções tornam um discurso fácil de ser entendido. Afinal, em alguns momentos, o uso inadequado ou o excesso dos marcadores da correção ou, ainda, tentativas de reformulações indevidas, como pudemos verificar em algumas ocorrências analisadas, podem tornar o discurso confuso. Mas, na sua maioria, podemos dizer que tanto as reformulações *latu sensu* como as reformulações *stricto sensu* ou correções são importantes mecanismos para favorecer a comunicação entre pessoas de diferentes níveis de fala, pois podem proporcionar a cada uma delas a oportunidade de se fazer mais bem compreendida e de se integrar ao mundo no qual está inserida.

Destacamos aqui, os processos de reformulação da língua falada, pois são estes os pontos relevantes para esta pesquisa, já que tratamos de processos de reformulação, que envolvem as reformulações em geral e as correções. Com isso, queremos chamar a atenção para a grande importância que damos ao estudo da língua falada no ensino de língua materna. Acreditamos que a língua falada merece um lugar de destaque no ensino de língua e, também, cremos que a motivação que teremos para trabalhar com essa modalidade da língua deva ser grande, tendo em vista que o aluno já chega à escola sabendo falar e domina, significativamente, a gramática da língua oral. Um outro elemento que devemos utilizar para aumentar a motivação pelo estudo da fala é que ela tem grande influência sobre a escrita, principalmente, nos primeiros anos escolares. Reafirmamos que a fala tem, sobre a escrita, uma característica primária, uma vez que, em geral, aprendemos a falar primeiro do que a escrever.

Achamos necessário dizer, ainda, que a oralidade deve ser estudada em sala de aula por ter sua própria maneira de produção, transmissão e recepção, e é a ela que recorremos na maioria das vezes que precisamos nos comunicar. E ainda mais, quando o aluno chega à escola, ele já sabe falar, assim não caberá à escola e a nós, professores, ensiná-lo, mas através do aproveitamento daquilo que o aluno traz de casa, poderemos ter a oportunidade de ampliar as possibilidades de atuação de estudos no campo lingüístico e poderemos ajudar o aluno a utilizar a modalidade da língua falada de uma maneira melhor. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais nos levam a pensar nisso, quando lá encontramos que o mais importante não é fazermos o uso correto da língua falada, mas é sabermos utilizá-la da melhor maneira, nas mais variadas situações comunicativas, reconhecendo assim, a quem direcionamos nossa fala e por quê, a quem e como estamos dizendo o que dizemos. Aproveitando esse direcionamento dos PCNs, cabe a nós, comentarmos a respeito da importância das possibilidades de uso dos mecanismos de reformulação em diferentes situações comunicativas, nas quais, muitas vezes, temos que produzir e direcionar nosso discurso a pessoas que não pertencem ao mesmo nível sócio-econômico e cultural no qual estamos firmados, como foi o caso dos alunos do Curso de Zootecnia, de quem gravamos os trechos das palestras e foi esse o nosso *corpus* de análise. Afirmamos, através da análise realizada, que a maioria dos procedimentos de reformulação que foi utilizada contribuiu para facilitar o processo de produção, de compreensão e, conseqüentemente, de interação entre os indivíduos que participaram da conversação. No entanto, não podemos deixar de dizer que se esses alunos tivessem tido a oportunidade de estudar, anteriormente, a respeito dos

procedimentos de reformulação na oralidade, poderiam tê-los utilizado de uma maneira melhor, pois fazemos melhor aquilo que conhecemos e, assim, mais uma vez salientamos a importância do estudo da língua falada nas escolas para facilitar a comunicação entre os homens

Para finalizar, esperamos que este trabalho possa ser mais um referencial de importância de estudos, a respeito da língua falada, para aqueles que entendem que a língua é imensamente rica em suas possibilidades de estudos e de uso. E, ainda, temos que dizer que a fala e a escrita possuem entre si relações mútuas e não devem ser separadas uma da outra, mas que ambas podem ser estudadas com o mesmo afinco e dedicação. E ao tratarmos em ensino de Língua Materna, podemos usar como ponto de partida para o estudo da língua oral as conversas que criamos no nosso dia-a-dia, para mostrarmos aos nossos alunos que a fala está muito perto de nós e, assim como a escrita, também merece um lugar de destaque em estudos lingüísticos.

apêndice

7. APÊNDICE

Esta parte do trabalho é constituída de:

- Tabela com normas de transcrição;
- Transcrição do *corpus* da pesquisa.

7. 1. NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO *

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO**
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal ou consoante (como s,r)	:: podendo aumentar para::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-as-ção
Interrogação	?	e o Banco...Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))

Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	--	...a demanda de moeda - vamos dar essa notação - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	ligando as [linhas	A. na casa da sua irmã [B. sexta-feira? A. fizeram lá... [B. cozinharam lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Fala do palestrante ***	P:	P: ... (...) éh... pela parte do ...
Ocorrência a ser corrigida ***	<u>xxxxxxxxx</u>	... você pode colocá éh a <u>va</u> /... éh... o toro lá...
Trecho em que ocorre a correção ***	<u>xxxxxxxxx</u>	... você pode colocá éh a <u>va</u> /... éh... <u>o toro</u> lá...
Citações literais, reproduções de discurso direto ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: não se usam em início de períodos, turnos e frases.
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá, (não por está: tá? você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o cadenciamento da frase.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa).
8. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

* Extraído de Castilho & Preti (1986). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo, vol. II - Diálogo entre dois informantes. São Paulo. T. ^a Queiroz/EDUSP, p. 9-10.

** Exemplos retirados dos inquéritos NURC-SP N° 338 EF, 331 D2 e 153 D2.

*** Sinais de ocorrências determinados por mim. Exemplos retirados do *corpus* utilizado para a análise neste trabalho.

7.2 CORPUS

Um grande número de palestras não tem começo nem fim. Isso aconteceu devido ao término das fitas na hora da gravação, e também ao fato de que algumas fitas arrebentaram no momento da transcrição. A análise feita com base neste *corpus* se detém a trechos que não sofreram os cortes.

Palestra feita por um grupo de informantes: universitários do curso de Zootecnia, da Universidade Estadual de Maringá, falando sobre pecuária leiteira a camponeses da região Noroeste do Paraná.

Duração: 6 minutos

Data de registro: 21/06/97

Tema: Manejo reprodutivo em vacas leiteiras

Palestrante: mulher, 23 anos, solteira, estudante universitária, natural de Maringá - PR

Público: camponeses, criadores de gado leite.

01 P: ... (...) éh... pela parte do manejo reprodutivo em vacas leiteiras tá? onde vai ser
02 abordados assuntos como... controle reprodutivo que deve ser feito a parte de...controle
03 de cobertura éh... as causas e problemas desse... éh reprodutivos a inseminação artificial
04 e o uso de hormônios na indução de éh... de cio... bom começando o controle
05 reprodutivo... né?... a gente sabe que/ o produtor quanto mais informações ele tem éh...
06 sobre essa propriedade/ da propriedade leiteira como datas de cobertura... parição das
07 fêmeas éh... a prop/ a própria produção de leite né? éh... das vacas no período de
09 lactação favorece muito pra que ele... éh... ele desempenhe uma... uma melhor... éh ...
10 como poderia dizer -- ... uma melhor função né? dessa... dessa... dessa atividade que ele
11 está fazendo... éh... isso porquê? porque se você tem um registro de cada animal né?...
12 você vai podê anoTÁ nas ficha né? de cada animal a da/...-- assim que você reconhece o
13 cio na vaca ... assim que os sinais são observado você pode colocá éh a va/... éh... o
14 touro lá pra fazê a monta ou então através de inseminação artificial...você vai ter sempre
15 o controle né? desses índices zootécnicos né?... tanto reprodutivo como também leiteiro
16 né? que você vai sê sempre éh... -- favorecê éh... você -- favorecê a sua atividade éh...
17 porquê você vai tê sempre u::: um bom controle dentro dessa propriedade então

18 quais as vantagens de um controle reprodutivo? VOcê tem... né?... você... através desse
19 controle que você vai tê através de registros desses animais... você vai poder saber/
20 conhecer o verdadeiro intervalo entre parto dos animais porque a gente sabe que
21 quanto menor... quanto MAior... aliáis esse intervalo entre partos... qué dizê:: menor
22 vai sê a sua produtividade...porquê? porque menor vai ser o número de crias...menor vai
23 sê a... o número de NOvilhas... né? que você vai tê dentro da sua proprieDAde
24 para substituir as vacas de descarte e também consequentemente uma menor produção de
25 leite éh: durante a vida útil do animal... né? ENtão... é bom né?... que esse intervalo
26 entre partos... geralmente fique em torno de DOze a CAtorze meses né? e isso vai
27 éh... através du/ du: controle desse registro de animais você tem como sabê né?...
28 um segundo/ uma segunda vantagem é identificar as vacas que repetem serviços ou
29 inseminações.../ quando você tem um animal que repete serviços ou inseminações –
30 você éh::... através desse registro... você... vai -- se ela tá repetino muito... você qué
31 dizê... você pode tá ligado à parte di sanidade u:: a própria nutrição do animal e também
32 éh :: o manejo que você tá tomano com esses animais... tá?... suspeitar da influência do
33 TOUro ou Sêmen na fertilidade do rebanho – quando você tem um registro dos
34 animais e você tem lá... anotado o nome do touro que tá realizanu a monta ou o sêmen
35 que tá senu utilizado em várias vacas não está éh::... ficando prenhas né?... gestandu...
qué 36 dizê você num pode... éh:: -- às vezes o problema nem é das vacas são e sim do
sêmen/ 37 da qualidade desse sêmen... – não é boa né? -- i observar a ocorrência e
freqüência dos 38 abortos no rebanho... tamBÉM... através desses registros você tem como
detectar esses/ 39 esse fator -- então quais são os princiPAis dados sobre o ciclo sexual
que você tem 40 sempre que levá em consideração? né::? A idade é o primeiro estro
né? na fase de 41 puberdade geralmente aconte/ ocorre em oito meses de idade né? é
lógico que você tem 42 qui levá aí não só a idade quanto o peso... éh:: a condição corporal
du/ du animal aí éh:: 43 prá você né? podê desenvolvê -- o intervalo entre estros é di mais
ou menos vinte e um 44 dias... a duração do estro... dezesseis horas... a ovulação após o
estro CAtorze horas... 45 o TEMpo do espermatozóide pra ele chegar até o óvulo é de
cinco horas... vida do 46 espermatozóide di vinte e quatro horas... vida du óvulo seis horas...
duração da gestação 47 duzentos e oitenta e dois dias i u reaparecimento do cio PÓS-parto é
de quarenta e cinco 48 dias... bom gente... cum esses dados aqui a gente pode obser/
observar que quanto 49 MAIS cedo você detectar o cio éh:: mais chance você vai ter de
cobri esses animais 50 pegando o período REALmente FÉRTil desse animal por quê?...

porque a gente sabe 51 que... olha... ovulação após o estro né? após o cio... é de catorze horas e a vida desse 52 óvulo é de seis horas enquanto/ quantu mais cedo -- sabe? Você realmente detectar esse/ 53 esse período a:: u:: cio... melhor pra você pegá essi... essi momentu... né?... -- quais as 54 desvantagens de você não ter éh: esse/ éh:: esse controle reprodutivo através de fichas dos 55 animais? as desvantagens sã/... estão ligadas... né? - em vacas consideradas prenhas 56 elas são diag/ diagnosticadas éh::... não-gestantes ao exame via-retal... né? vacas 57 não-gestantes ou com ausência de cio geralmente são diagnosticadas gestantes... né?... 58 falta de informação a data exata do último parto de cada vaca -- isso aqui aumenta o 59 intervalo de parto... si você não sabe qual realmente foi a data exata do último parto... 60 você vai ter um intervalo entre-partos maior... conseqüentemente a tua pro/ produtividade 61 vai diminuí i... você também não vai ter um controle sobre as datas e os números de 62 cobrições de cada animal (...)

Duração: 1 minuto e 6 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Causas e problemas do manejo reprodutivo

Palestrante: homem, 23 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Umuarama - PR

63 P: ... ((tossiu)) bom eu vô/ hum/ comentá:: com voceis um pouco sobre as causas e

64 problemas do manejo reprodutivo... na pecuária nacional... Infelizmente ainda um dos:um
65 dos dois maiores problemas hoje enfrentado na pecuária nacional... é a idade (lançado ao)
66 primeiro parto e longo intervalo entre partos... isso aí se deve principalmente ao má/ má/
67 ao mau manejo nutricional, mau manejo sanitário e o manejo geral... com relação ao
68 manejo nutricional... éh:: é importante -- nutrição é importante em todas as fases de vida
do 69 animal mas eu chamo atenção para dois pontos que são FUNdamentais para o
bom 70 desempenho::... reprodutivo do animal... que é o primeiro ano do/ da novilha e dois
meses 71 antes do parto... o primeiro ano da novilha uhm/ é muito importante esse
manejo 72 nutricional para que ela atinja precocidade certo?... quanto MAIS cedo ela atinge
a pre/ 73 precocidade/ ela atinge a puberdade vai sê coBERta mais cedo conseqüentemente
vai dá 74 um bezerro por/ provavelmente ... antes dos trinta meses ela consegue já

produzir um 75 bezerro... isso aí significa lucro pro produtor... certo? O outro período muito importante da 76 nutrição (...)

Duração: 1 minuto e 16 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Lactação

Palestrante: mulher, 24 anos, solteira, estudante universitária, natural de Maringá - PR

77 P: ... () ... muito/ éh:/ próprio do estado do animal... i::: o período de lactação/ o período
78 de lactação ideal em média vai ser de trezentos a trezentos e cinco dias em média -- o
79 período de serviço/ o período de serviço é/ é/ é o período de::/ que vai do nascimento né?
80 até a nova cobertura... e deve ser de sessenta a oitenta dias -- esse mesmo período vem ao
81 puerpério... que deve ser respeitado né? os quarenta e cinco dias após o parto... por quê?
82 porque é nesse período que vai ocorrer a evolução do trato reprodutivo do/ da vaca 83
né?... éh:: é a/ o () do úbere né? tudo isso para que ela possa ter:: uma boa lactação 84
seguinte...então deve ser de sessenta a oitenta dias esse intervalo -- o período de descanso/ 85 o
período de descanso é u:: é o período entre... éh:: é o:: descanso né? entre duas 86
lactações consecutivas... também chamado período seco i esse período o ideal é:: é 87
sessenta dias em média mais ele pode variar entre quarenta e cinco e noventa dias -- 88
sessenta dias ideal por quê? ele vai ter ainda dez meses pra lactação né? -- o intervalo 89
entrepartos/vai::/variadetrezentos e sessenta e cinco dias a quatrocentos e vinte dias... 90
então se você tem um intervalo entre partos sobre um (pedágio) de doze... a catorze 91
meses... você pode considerar que tem um bom índice de/ reprodutivo... -- i u (processo) de 92
cobertura/ então você tem a cobertura... (...).

Duração: 4 minutos e 35 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Uso de hormônio na reprodução

Palestrante: homem, 23 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Maringá -PR

93 P: (...) (dizer) com relação ao uso de hormônios na... na reprodução dessa::/ das vacas
94 leiteiras... hoje dentro da:: da: reprodução de vacas leiteiras o uso de hormônios vem se
95 tornando uma: alternativa muit/ [cada vez mais usada é viável mas você vai usá

96

[uhn

97 isso aqui quando?... quando o animal:: é um animal que tem uma genética boa que vale a
98 pena... e como já foi dito pelos colegas anteriormente que:: tenha:: -- não adianta você
99 usá/ esse... esse hormônio né? se... desde cedo o animal não tenha uma boa
100 nutrição...ou... coisa parecida que venha com a ()... fugindo da alternativa viável... você
101 tem que -- apesar de ser viável... você tem que procurar a relação custo benefício... você
102 tem que vê... se o retorno financeiro que você vai tê usando esse hor/ aplicação de
103 hormônio no... no animal prá::/ pra detectá o cio e:: prá fazê a vaca entrá em estro... vai
104 sê/... se o retorno financeiro vai ser compensatório pra voCÊ... às vezes cê pode tê uma
105 vaca lá/ -- é por isso que a gente não pode falá -- tem que vê se a vaca -- se vale a pena
em 106 cima da vaca que você TEM:: e fazê isso daqui... chegá e aplicá hormônio que
depois vai 107 tê um custo que depois eu vô falá pra voceis ()... quais são os
problemas 108 reprodutivos?... a vac/ às vezes a vaca tem (cai em) estro... não entra em cio
por quê? 109 porque o cisto -- tá cum cisto no... no... no ovário... éh: cisto no foLÍculo... tá
cum/ fica 110 cum problema di ciclá, não lí/ não libera o óvulo fértil... i as vezes até libera o
óvulo mais u

111 óvulo é uma porcaria... o óvulo num... num vai sê fecundado... então... quando tivé cum
112 esses problemas aqui... você... pode... utilizá dé/ desses artifícios -- isso aqui é um
método 113 artificial:: lógico vai aplicá o hormônio... isso aqui num é natural... prá::... prá
que a vaca 114 entre em ci/ entre im estro... éh::... posteriores -- quais são os hormônios que a
gente vai 115 utilizá?... nesse caso aqui si/ -- existem mais hormônios mais hoje eu vô falar
esse daqui 116 pra voceis... éh:: a gente vai usá o GNRH que é um hormônio liberador
da/ de 117 gonadotrofina né?... E o (PGS2a) que (cicla) uma primeira fase e (cicla) uma
segunda 118 fase -- a administração é desse jeito que eu tô falando prá vocês/ vocês batizam o
dia lá 119 como dia zero (né?) uma dia por mês... um dia qualquer do mês de acordo com
que 120 você::... cum... cum... cum o disenvolvimento da sua propriedade você vai lá e batiza
o dia 121 zero/ no dia zero cê pega a mimosa lá e aplica o GNRH a mimosa que num tá...
num tá 122 ciclando e aplica o GNRH... uma dose cedo e uma dose... no período da tarde...
éh: seis 123 dias após... você VAI aplica tamém dua/ uma dose de (PGS2a) na parte da
manhã e uma 124 dose na parte da tarde... é simples o processo né? (cum) essa tabela aqui
você fica:: 125 tranquilo... depois de quarenta e oito horas passados esses seis dias aqui... ou
seja já oito 126 dias depois do dia zero... certo? VOcê vai lá e aplica:: mais uma dose de
GNRH na parte 127 da manhã e MAIS uma dose na parte da tarde... posterior:: vinte e quatro
horas você vai 128 lá e faiz a inseminação dess/ dessa vaca pode ser:: de preferência

inseminação artificial... 129 éh::... com relação aos custos... já... (vendo a administração) disso daqui:: você vai usá 130 duas doses no então dia ZERo e duas doses n/ éh:: nesse dia aqui... oito dias após o GNRH 131 no toTAL de quatro doses... a cinco e cinquenta... ((tossiu)) éh:: esse preço é um preço 132 MÉdio que a gente achô:: LÓgico pode sê que cê ache mais caro pode ser sê que você 133 ache mais barato... -- em quarenta e/ nesse -- perdão -- ... (PGS2a) como são duas dose/ 134 uma cedo uma a tarde... são duas doses a quatro reais... um outro material necessário prá 135 você empreNHÁ a vaca/ no caso vai sê o sêmen... como o sêmen dependendo de um 136 touro custa um preço depenDENO de outro touro já vai custá outro preço... a gente deixô 137 né? aí a:: (questão) a: critério de voceis aí... o preço é variado... né?... então só cum 138 horMÔNio sem contá u u: o sêmen do touro você vai gastá na base de trinta reais... cum 139 essa vaca pr/ prá tentá [deixá ela ciclando né? pra fazê liberá o óvulo

140 [((tosse de um ouvinte))

150 fértil né?... prá sê fecundado... então tem que sê... visto isso aqui... porque::... se for um 151 animal que:: que num vai ti traz/ -- tem que vê -- isso aqui que que é u: a relação custo 152 benefício -- vale a pena gastá os trinta reais? a vaca tem uma boa genética? a vaca::... vai 153 éh::... -- o touro qui você vai usá é bom tamém? tem/ são vários fatores... tem que vê pra 154 você não gasTÁ dinheiro a toa... a conclusão... a conclusão prá::/ porque pra você usá – 155 apesar::... a conclusão é o seguinte... hoje em dia tem mil e um artificios (...) dela.

Duração: 1 minuto e 40 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: A inseminação artificial

Palestrante: homem, 23 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Maringá - PR

156 P: ... a:: inseminação artificial ela é uma técnica que consiste na coleta de sêmen do 157 touro... macho i:: consiste em avaliar sêmen e preservá-lo... para ser utilizado éh:: via 158 instrumental no órgão genital da fêmea quando esta apresentar o cio... éh::... tipo... se a 159 vaca apresentar cio de manhã... é... é ideal voceis éh: fazerem inseminação à tarde caso:: o 160 cio seja à tarde éh:: é ideal vocês fazerem a: inseminação no outro dia de manhã... uhn... 161 uma coisa que voceis também devem observar... tipo: éh: se essa vaca apresentar longo 162 cio após vinte e um dias... é necessário fazer uma nova inseminação... éh: falá

agora dos 163 (atalhos) do uso da inseminação éh:: tem várias vantagens... o uso da inseminação 164 artificial... uma delas é que ela elimina quase que por comPLEto a propagação das 165 doenças nos órgãos genitais: éh: permite o: acasalamento éh: di animais di diferentes 166 tamanhus... raças... e sexu e idade né? uhn... permite... acasal/ -- permite o 167 aproveitamento: de toros incapaz de realizá tamém a:: a: cobertura né? é tamém permite 168 acasalar fêmeas difíceis de serem cobertas por monta natura/ natural e tamém evita a 169 dispesa di manutenção di:: di toros no rebanho... agora as divan/ disvantagens... num/ não 170 tem muitas disvantagens... mais uma delas é que tipo/ -- você tem que ter pessoal 171 habilitado pra fazê esse tipo di:: técnica... éh... você pode causar lesões e infecções nu:: ór/ 172 nú órgã/ nus órgãos genitais du/ dus animais i tamém... éh:: é di difícil aplicação em 173 pequenas criações tornando-se antieconômico...

Duração: 1 minuto e 50 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Conservação de pastagens

Palestrante: homem, 23 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Araçatuba - SP

174 P: ... conservação de pastagens tá?... éh:: hoje se discute muito na (utilização) das 175 forragens na alimentação de vacas leiteiras si:: si eu consigo... produZI ou não com 176 (vacas) éh:: temos tamém que atenTÁ para a importância que o CUSTo de alimentação 177 tem () em torno de sessenta por CENto (dos custo) de produção fiNAL tá? nessa/ na:: 178 produção de leite de vaca... então temos qui: temos que::... qui fazê o que? maximizá essa 179 utilização dessa pastagem e devemos lembrá tamém qui:: () temos que faZÊ que a vaca 180 tenha seja um: um (veículo) TRANSformador de pasto... de capim com leite... aí sim a 181 gente consegue aquela maximização... aquela produção desejada... certo? e temos também 182 que aliar es/ a produção à qualidade dessa forragem () o manejo o período de ocupação 183 do animal éh:: no caso (rotacionado) e conTÍnuo tamém estabelecer bem essa quantidade 184 di: de alimentos para esses animais... tá? porque se consegue produção di: di leite... em 185 torno di:: dez a catorze quilos tá?... com -- somente a pasto... -- isso consegue::... (então 186 veja) com pequenos proprieTÁrios ou aqueles que ainda tão se iniciandu na... na 187 (produção)... é uma boa coisa tá?... pri/ éh::... entre as forragens... temos as forragens 188 tropicais tá? da nossa região ou de clima tropicais que tem uma

boa produção por 189 exemplo o colônião (dá) de trinta a quarenta mil quilos de matéria seca por hectare... o 190 capim elefante... conseguimos de até cinquenta a sessenta mil quilos de matéria seca 191 (também) por hectare... o coastcross fica em torno de trinta a trinta e cinco mil quilos... 192 isso quando bem maneJAdo... éh: nas/ nas condições ideAIS... de pastejo... a ceca disso 193 u quê? ... aí devemus...

Duração: 3 minutos e 25 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Cuidados com forragens

Palestrante: homem, 24 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Riversul -SP

194 P: ... principalmente fósforo e potássio e matéria orgânica... você tem que fazê análise de
195 solo vê como que tá seu solo fazê a correção com calcário... se necessário... pu cê tê uma/
196 ma/ tê uma produção da tua pranta... que cê vai prantá lá... a região que você está -- você
197 tem que achá... um técnico da emaTER ou na universiDAde ou um técnico competente pa
198 fala ô::: por favor... qual é o capim que melhor se adeCÚa a essa/ ao meu sítio a essa
199 região... porque sinão... às vezes cê leva um capim lá... o capim não/ não se dá bem não
se 200 adapta... aí cê vai falá que é o capim que é ruim... não... o problema é a região... a
época

201 do Ano... a época do ano é muito interessante principalmente pa gado de leite... quando
cê 202 trabalha com forragens de variação estacional meNOR... vão se por... você trabalha
com 203 grama esTREla com coastcross e o:: -- você trabalha com o colôniÃO::...
tubiatã:: 204 --o colônião tubiatã... a variação dele no ano é muito grande... ele produz
oitenta 205 por cento... no verão chega no inverno você tem dez... vinte por cento de
produção só 206 dele... agora a grama não... a grama você trabalha – ela avança mais no
inverno... então 207 você tem mais... materiAL... mais éh:: matéria verde... mais... matéria
seca dispoNÍvel... 208 então você diminui u quê?... diminui na suplementação no
inverno... você diminui u 209 custu... aí... ind/ imprescindível pra qualquer tipo de
pastejo é o manejo de 210 adubação... adubação essa QUÍmica, orGÂNica ou VERde...
aonde utilizá i quando?... 211 adubação QUÍmica... resposta rápida... imprantação de
pastagem... vocês que querem 212 prantá pastagem... hoje gradiá ará cê TEM qui/ --
adubação química a resposta é muito 213 mais rápida que você trabalha adubação orgânica

que é mais a longo prazo i tambÉM 214 é muito intereSSANte e o custo É menor ela é já pa
pastagem prantada que você joga em 215 coberta (chorrume)... cama de frango... esterco
de SUÍno já:: curtido:: esse tipo 216 di: di: di: adubação é MUIto interessante... é
muito interessante mesmo qui a gente – 217 principalmente em: em... fazenda/ propriedade
de gado de leite se perde muito esterco 218 tem que sê utilizado... tem sê
preconizado (adubação) orgânica... cê vai diminui o 219 custo cum adubação
química e meLHOra a condição em matéria orgânica do seu solo – 220 a adubação
verde... a adubação verde é alguma área que você tem... éh::... sobrando que 221 você pranta
lá um feJÃO guanDÚ... cê pranta uma crotalária... i você qué pranTÁ 222 depois um
capim eleFANte... qué pranTá um col/ um colônia... uma esTREla... mas é 223 importante
por quê? a (adubação) re/ verde ela... ela deixa MUIto nitrogênio no solo... 224 ela...
permite a aeração do solo muito grande... entendeu?... e solo bem aeRAdo: 225
entra AR a á/ água penetra mais facilMENte a planta fica meLHOR... chega mais nutriente
226 pa planta a planta responde melhor ao manejo ao aniMAL em CIma... e dentro do
227 pastejo tanto contínuo ou rotacioNAdo/ o pastejo rotacionado HOje... é um/ um/
um 228 pastejo qui tem tem si/ sido muit/ muito indicado em gadu di leite: aqui eu vô dá
um 229 exempro como é que a gente calcula mais o menos () o pastejo rotaTIvo: aqui eu fiz
um 230 capim tubiaTÃ: que é um capim que também si utiliza muito pa gadu di leite...
pudia 231 sê o coloNIÃO... Esse caPIM ele exige um período de desCANso de trinta e
cinco 232 dias... em MÉdia pode sê trinta e oito pode sê trinta e três...esse período de
descanso () 233 fô um período de descanso por um período de ocupação de cinco dias::
dess/ desse 234 piquete que cê vai fazê:: então ce/ trinta e oito dividido por CINcu cê tem oito
piquetes 235 esses piquete cê bota nessa disposiÇÃO... cinco dias aqui cinco aqui cinco aqui
cinco aqui 236 agora você SOMa (...)

Duração: 4 minutos e 30 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Cuidados com forragens

Palestrante: homem, 24 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Maringá - PR

237 P: ... a forragem... a genti:: sempre:: precoNIza: e tenta mosTRÁ a... necessidade... a
238 importância de MÉtodos de conservação... -- esse gráfico éh... a linha de produção... na

239 região de MarinGÁ no ano de mil novecentos e noventa e quatro... se a genti for/ si nós
240 pegarmos uma cooperaTiva -- então são dados reais no ano de mil novecentos e noventa
e 241 quatro: quanto à PROdução de leite -- a gente tinha quá/ praticaMENTe/ quase oitenta
mil 242 litro de leite ali... na época de janero feeverero... MARço... em época antes tamém qui
seria 243 deZEMbro aonde a genti tem a: a maior produção... de: di leite... essa maio
produção 244 de leite e um deCRÉScimo na época de inverno se dá à falta de forragem...
então pra 245 vocês vê -- esse gráfico -- a imporTÂNcia que tem se tê boa forragem... boa
alimentação: 246 porque chegô a caí pra vinti:: vinti e cinco mil litros mais o menos de
leite... caiu prá 247 meTAdade... caiu cinQUENTA por cento da produção de arr/ di/ qui a
cooperativa pegava... 248 então essa BAxa é MUItto significativa i a genti tem qui evitá
isso... fazendo o quê? 249 dando o alimento... de boa qualidade... forragem... no CAso éh::
esse peRÍodo num tem 250 essa disponibilidade... a pran/ a pr/ éh: fis/ fisiológica... a planta
tá produzinu menus... 251 então tem o período que ela vai tá produzinu bastante e a gente tem
que usá ESse excesso 252 pra fazê uma CONservação das forragens... uma das conservações
que a gente pode fazê é 253 a fenação e ou/ e a ens/ ensilagem... a fenação a gente proc/ ... --
ace/ aceita é aceitável... 254 o teor de umidade de dez a quinze por cento... tentanu ficá na
média de doze e quinze por 255 cento de umidade... pra feno... e ensilagem... no caso da
melhor qualidade da silagem que 256 a gente tem É o milhu... cum trinta e três a trinta e seti
por cento di umidade e... cum 257 GRÃO fariNÁcio:: DUro... então issu tem -- éh o que
acontece que a gente pode fazê pra 258 conservá a pastagem pra eviTÁ a/ essa perda e
esse prejuÍzo que é um dado real e 259 realmente acontece... e a gente tem que evitá issu...
de prefeRÊncia () numa linha 260 conTÍnua/ REta que: possa duRÁ () do ano a
MESma produção... então venu a 261 conservação de forragens... nós temus aqui:... num
peRÍodo de ja/ deZEMbro:: jaNEro... 262 num período de veRÃO... período das Água... a
gente tem aquele excesso... ás vezes 263 aquele/ você tem us: us piquetes comu mostrô o
Hipólito... éh:... chega sobrá... 264 pastagem... então você pode isolá um desses piquetes ou
uma outra área éh... e fazê:: éh: 265 um:: cultivo dessa forragem prá: fazê:: -- aproveitando
um bom desenvolvimento dela prá 266 fazê:: essa conservação... qualqué excesso qui
você tenha na propriedade: TENte 267 conservá: prá: evitá de faltá alimento... na época
de junho e julho:... na época di:: 268 escassez de alimentu... então esse excesso vai sê aonde?
VAi vim pra escassez:... vai evitá 269 aquela QUeda no GRÁfico que deu... então vai tentá
fazê uma linha... conTÍnua... então o 270 valor... nutritivo dessa forragem conservada -- a
melhor qualidade se dá em torno da:... 271 forragem natuRAL... só que a gente pr/ num tem

condições qui a gente num vai tê essa 272 produção... então a gente tem qui conservá... conservandu ela diminui um poco... mais 273 siguinu essas técnica qui senu BEM FEIta... acontece o que? vai tê um bom valor 274 nutriTIvo... a forragem conservada e BEM conserVAda respeitando as técnicas... tem um 275 bom valor nutritivo... tendo um bom valo/ tendo um alimento cum BOM valor nutritivo a 276 gente – na época de escassez vai fazê o quê? Uma maximização da produção... vai sê 277 contínua aquele produção... não vai tê aquele deCRÉScimo (depois subi) di novo então a 278 gente vai maximizá a produção... vai fazê um aproveitamento da planta... a planta – a 279 gente vai utilizá ela como um todo... no caso du milhu para ensilagem... cê vai aproveitá o 280 pé inteiro... vai aproveitá sabugo PALha e num vai tê seleção... no caso de FEnação você 281 vai cortá essa planta... vai utilizá:: os TALos... vai utilizá:: folhas num vai tê seleção 282 tamém só di ponteras... então... o aproveitamento da planta como um todo... -- o 283 período de armazenagem/ o período de armazenagem sendu bem FEItu essa::... 284 conservação sendo bem feita respeitandu as técnicas... a genti vai tê um longo peRÍOdo de 285 armazenagem... mais di ano... dois ano::... cê pode um ano fazê:: siLAgem no outru 286 fazê fenação... e si () tanto silagem comu feno:: di um ano pra outro... as técnicas são 287 relativamente FÁceis... não são difíceis desde qui si respeite todos os detalhes... são 288 técnicas acessíveis... não são:: complicadas:: desdi que -- tem que respeitÁ essa 289 necessidadi dus ()... essi material senu bem feitu... vai tê um bm valor nutriTIvo e 290 vai tê uma boa aceitabiliDAdi pro aniMAL... então a genti vai evitá aquela queda na 291 produção...

Duração: 3 minutos e 32 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Feno

Palestrante: homem, 23 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Cuiabá - MT

292 P: ... falá um poco sobre FEno... éh::... (forragens) utilizadas... (principalmente) TODos
293 os tipos de forrageras são utiliZAdos pá feno... qualqué tipo de forrageras são utilizadas
294 pá feno tanto gramíneas quanto leguminosas nós sabemos que tem um valor nutritivo
295 MUItomelhor do que AS... gramÍneas... o que que são leguminosas?... aLFAfa uma... qual
296 que é o problema das gramÍneas? Nós temo o problema no período di:: nu intervalo
297 diferentesdi desidrataçã da: planta... a/ gram/ as folhas das/ das leguminosas desidratam

298 mais rápido du qui us comos então pode ocorrer PERdas se essi... material não for...
299 adequadamentedesidratado... -- forragens utilizadas qua/ éh:: gramíneas utilizadas quais
300 poderiam ser? Tifiton... grama estrela... coastcross... até o PÂnicum... i tantu/ quanto
301 menor o incômodo da planta... é melhor pra sê feito:: o feno porque vai promoVÊ uma/
302 mais rá/ uma.../ a rá/... a desidratação vai sê muito mais rápida... -- as (fases) de
303 crescimento... nós devemos BUScar não apenas a quantidade di... di/ du du produto nu
304 caso u feno... nós devemos aliar a qualiDAde desse material... não adianta você dexá o
305 seu stand cresCÊ... o seu pasto cresCÊ a altura lá... ah... vai produzi muito... mais e a
306 qualidade desse material é MUIto BAIxa... tem muita (legumina)... então nós devemu...
307 res/ vê/ aliá o: número de folhas di colmu pra que si produza um material de qualidade
308 por quê? PORque é uma TÉCnica... apesar di sê éh::... relativamente Fácil di/ di
309 fazÊ... é custo... disinvolti custo... i aí nós devemos buscá material di qualidade... -- a
310 adubação de reposição... o campu di FEnu... vai sê... vai tá... o qui qui vai tá
311 acontecenu? VÃO tá senu SEMpre retiRAdo dali...o mateiral... não vai havê a
312 reposição natuRAL qui ocorre no caso di PASTagem... us animais passam de um
313 pasTEjo... vão esTÁ... defecanu... urinanu... e há uma certa re/ reposição dos 314
nutriENtes reti/ retirados através da planta... então é muito importante que haja a 315
reposição... di adubus... nes/ nesse campu di fenu... o processo de curação... consiste 316
em CORte... seCagem... armazenAMENto... -- u CORte... a gente vai buscá fazê esse 317
corte num perÍodu... da manhã secu u orvalho vamu iniciá esse CORTi... esse CORTi após
318 di/ feito nós vamu ter a secagem... a secagem nó/ buscamu... o mais rápido poSSÍvel
pra 319 qui ocorra perdas mínimas desse materiAL... -- armazenamento é muito
importante por 320 quê?... di nada vai... adiantá você fazê u CORTi tá... (disrespeitanu) u
perÍodo que não 321 vai tê orvalho num vai ocoRRÊ perdas () a secagem ocorreu tudo
bem... mas você vai 322 armazená num lugar inadEQUAdu... vão ocoRRê perdas nu se/ na
qualiDAde du seu 323 materiAL... podem então haver fungus... éh:: nu material... qui qui vai
acontecê? POdi até 324 oca/ ocasioná:: o problema saniTÁrio nus animais... -- perdas
MÁximas ad/ admiSSÍveis... 325 no caso de graMÍneas di dez a quinze... vinte a trinta im
legumiNOsas... ((tossiu))... – 326 silagem... a eficiência da/ da ensilagem vai esTÁ ligada a
QUÊ?... principalmente?... u 327 momento du corti dessa forragera... nós buscamus no caso
du milhu comu u Luciano 328 mostrô nteriormente... trinta e três a trinta por cento di
umiDAdi i u/ u grão farináceo 329 úmid/ úmido... éh: o grão duru i... u:: nu caso du sorgu...

dois terço du/ da da panícula 330 amadora... é muito importanti pra qui a:: éh: exista uma
qualidadi desse material a ser 331 ensiladu...

Duração: 3 minutos e 20 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Manejo de bezerros

Palestrante: mulher, 28 anos, casada, estudante universitária, natural de Maringá - PR

332 P: ... mais um pouquinho sobre manejo de bezerros... u nosso assunto vai sê divididu im
333 cincü PARTis ondi cada um vai falá um poquinho nós vamus faLAR... desdi u nascimento
334 do bezerro... até o dismami i também um poquinho de instalações... caso alguém num
335 consiGUI/ num consiga pasSÁ:: prá voceis... BEM/ deixá bem claro pra voceis: alguma
336 coisa as perguntas poderão ser feitas ao final... ((barulho di caminhão)) éh:: o que
337 devemos fazer:: para ter bezerros saudáveis?... a primeira coisa que n/ num primeiro
338 momentu nós devemos nus preocupar: é cum um bom manejo ele é fundamenTAL... prá
339 evitar:: problemas... mortaliDADis:: e também... devemus éh:: lemBRAR qui esses
animais 340 qui:: a propriedade vai estar produzindu vão sê utilizadus prá reposição...
um/ prá 341 reposição da própria propriedade... nós vamus repor as vacas VELhas i
(também us) 342 reprodutivas... aonde... num reBANhu MÉd/ di MÉdiu ((vaca mugindo))
padrão: a 343 reposição anual é di quinzi a vinti pur centu pur anu... i também esses
animais serão 344 utilizadus pra aumentá o planTEL... im alguma proprietadi qui tem o
interesse im 345 aumentá... -- a questão du acompanhamentu du partu -- é muito importanti
qui o produtor 346 tenha controle... SAIBA qual vai sê a provável data du partu... issu vai
permiTI:: qui:: eli 347 acompanhe o partu di PERTu e desta forma vai evitar aciDENtes e
também... vai ajudá... a 348 vaca nu ((vaca mugindo)) momentu du partu... somente quandu
pricisu... logo após u 349 nascimentu... du bizerru... a vaca vai faZÊ a limPEza dessi (animal)
nós podemos ajudAR 350 essa vaca na limpeza... essa limpeza deve ser feita com um pano
SEco i limpo... ou cum 351 papel tuAlha... primeiro nós vamus fazer a limpeza du
biZErro... aondi nós devemos 352 retiRÁ o MUco qui involvi a boca e as narinas du bizerro...
i assim nós vamus facilitar a/ 353 facilitar a respiração du bizerru... i depois si neceSSÁRIO a
secagem du restu du corpu... 354 em seguida nós devemus fazer a limpeza da vaca...
devemus: principalMENTi éh:... 355 -- quantu a limpeza nós devemus nos preocupar com

o úbere da vaca... então nós 356 vamos fazer a limpeza ((mugido de uma vaca)) du P/ su/ du úbere i dus tetus... si/ a genti 357 vai laVÁ essi:: si úbere e seCÁ... essa limpeza devi ser feita antes da primeira mamada... 358 antes di você deixá u bizerru fazê a primeira mamada... porque assim você vai evitá qui 359 quando ele fô mamá pela primeira vez ele ingira colo/ eli ingira suJEIras... i agentis 360 patogênicos... um otru ponto muito importanti com qui devemus nus preocupar (quando) 361 du nascimentu du bizerru... é u umbigo... qui devi ser tratadu u mais rápidu pussível... 362 essi tratamentu vai evitar MOScas i duen/ i:: contaminações qui POSsam... surgir... u 363 tratamentu devi ser feito cum uma solução de álcool ioDAdu: essa soli/ solução contÉM 364 aproximadamente VINti por CENTu di iodu i oitenta por centu di ou/ di álcool a 365 seTENta graus... você coloca a solução im frascu di boca LARga... ondi você 366 merGULha: u umbigu du bizerru pur três a quatro vezes... essa quantidadi três a quatro 367 veis é u suficiENti prá você:: previni:: a/ pussíveis duenças ou pussíveis problemas: nu... 368 nu umbigu du bizerru...

Duração: 1 minuto e 58 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Colostro

Palestrante: mulher, 23 anos, solteira, estudante universitária, natural de Arapongas - PR

369 P: ... bom dia meu nomi é Kátia i eu vô falá um poquinho pra voceis sobri u colostru... u 370 qui é u colostru? colostru é a secreção natuRAL da glândula maMÁria nus três primeirus 371 dias após u PARTu... ela é característica pur apresenTAR um elevado teor di 372 antiCORpus... -- imporTÂncia... u bizerru au nascer:: eli está totalmenti disprovidu dus 373 antiCORpus... ondi:: somenti cum a ingetão du colostru eli vai adquiri uma real proteção 374 contra prováveis infecções pur issu a importância di você forn (...)

375 (...)

376 cuidá na primeira mamada... menor será a concentração d'essis anticorpus nu colostru... i:: 377 essa quantidade vai diminuindo devidu a secreção du leiti após u partu... -- fatores ligadus 378 au:: biZErru: u::: recém nascidu/ eli absorvi u colostru a nível de intestinu delgadu... essa 379 capacidade di absorçãu::/ ela vai diminuindu com u pasSAR:: du tempu... -- esse

GRÁficu 380 aqui qui mostra a eficiência da absorçãu:: i as horas após u nascimentu... aqui... logu após 381 u nasciMENTu... a eficiência di absorção é di cem pur centu: i já em TORnu di trezi horas 382 di nasciMENTu... a eficiência de absorção é di cinqüenta pur CENtu i cum vinti horas di 383 VIda du aniMAL essa eficiência já é NULa:: quandu: éh:: cessa:: éh: essa capacidade di 384 absorção di coLOStro... u bizerru já começa produzir u seu prop/ us seus próprios 385 antiCORpus... -- factoris ligadus au criador... existem três possibilidadi di maneju du 386 recém-nascidu... uma delas é a permanÊncia du bizerru:: juntu au pé da VAca::: duranti 387 toda a fasi di aleitamentu... aQUI:: u produtor: deve fazer com qui a primeira mamada: 388 ocorra nas primeiras seis horas di vida du aniMAL i sempri está observandu:: si u:: 389 bizerro/ ele conseguiu mamá... se tem alguma dificuldade pra maMAR ou não... a segunda 390 é... a permanência du bizerru cum a vaca somente nas primeiras vinti i quatu horas di vida 391 du aniMAL... muitos produtores/ eles preferem esse maNEju: ondi u/ u/ bizerru mama 392 somenti u coLOStro i depois é sepaRAdu... aqui: ele tem uma vantagem qui u bizer/ ele 393 mama di oitu a deis veziz nu primeiro dia i: us bizerrus/ eles são separadus (...)

Duração: 2 minutos e 28 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Manejo alimentar para bezerros em lactação

Palestrante: homem, 24 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Maringá - PR

394 P: ... são muito sensíveis i exiGENTis... intão a genti::: uhn... recoMENda éh: alimentos de 395 alta qualidadi né? éh::: tem qui atentar pra qualidadi des/ dessi:/ dessi alimento fornecidu... 396 tanto do leiti comu du fenu concenTRAadu i da Água... né?... o leite/ eli devi ser divididu 397 em:... duas vezes ao dia... a quantidada que você for fornecer... i... a quantidade dePENdi 398 MUItu da: idadi du aniMAL i:: da RAça... du/ du aniMAL a Viviane vai falá alguma coisa 399 sobri quantidadi daqui a poco... éh: pr/ pra dismami precoce... éh: a Água ela devi ser 400 fornecida à vonTAdi para pr/ prus aniMAIS i devi ser LIMpa i di boa qualidadi: uhn i:: a

401 Água i u leiti ela devi ser fornecida nu mesmu baldi... tomandu cuidadu di:: duas horas 402 antes di você fornecer o leite::... vai lá i tira a água... joga fora lava bem lavado u 403 recipiENti i::: forneci aí depois di duas horas qui u::: animal bebeu u leiti: aí você::

404 reTORna cum a água... a água devi sê fornecida o dia interu pru animal... éh:: u fenu i u
405 concenTRAdu eli devi sê colocadu à disposição du:: animal... éh:: nus primeiros seti a
406 deiz dias... mesmu qui eli num consuma im quantidade éh:: mais pra eli i: si acostumandu
407 i:: proporcionar um melhor disinvovimentu du rúmen () na musculatura du rúmen pra
408 qui eli si TORne um: ruminanti u mais cedu pusSÍvel... pu cê economizá u leiti né?
409 qui é um ali/ um alimentu di altu cus/ di ótima qualidade né? mais tambÉM... altu custu
410 -- u fenu eli devi ser coloCAdu im fenil à vontadi i essi fenu eli ser di boa
411 qualiDAdi... i pode ser:: confeccionadu cum gramíneas como aveia coastcross rhodes
412 estrelas como leguminosas comu alfafa né?... cê pode fazer cum gramíneas porque::
413 devidu au/ au/ au/ custu né? i:: tem essa função mais di disinvovimentu da/ da
414 musculatura mesmo – o alimento concentradu taMÉM... (coincidi) nus primeros SETi a
415 deiz dias di vida du aniMAL... ESse alimentu concenTRAdu... eli devi conter di dizoito
416 a vinte por centu di proteína BRUta... setenta a oitenta por CENTu di NDT... um pur
417 CENTu di CÁlcio i FÓsforu... além di premix miNERal i vitaMÍnicu... é imporTANti
418 nesse preMIX éh:: conTER boas quantidadis... di vitamina A D i E qui eli é au/ (...)

Duração: 2 minutos e 15 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Desmame

Palestrante: mulher, 23 anos, solteira, estudante universitária, natural de Goioerê - PR

419 P: ... Viviane... bom vô falá sobre u dismami... u dismami geralmenti é feito aus CENTu i
420 vinti dias... só qui si for prá:: produzir noVilhas prá: coMÉRcio recomenda-se fazê essi
421 dismami aus noVENta dias pra ela: aproVEItá melhor essi leiti... i:: u qui está mais si
422 utilizandu hoji im dia... é u desmami preCOci... qui é feito aus sessenta dias... eu vô dá
423 um exemplo prá:: RAça holandesa... di ZERo a trinta dias... você fornece quatro litrus
424 LEIti... dois litrus pela maNHÃ e dois litrus à tardi... após trinta DIas... você vai
425 fornecê treis litrus... também pela maNHÃ e à tardi... daí após quaRENta e CINcu dias...
426 só vai sê fornecidu dois litrus di leite... uma veiz au dia... prá estimulá o consumu di
427 matéria seca... aus sesSENTa dias... essis bizerros sê for di uma raça di grandí
428 PORTi comu a holandESA... vai est/ estar consumindu di oituentus a mil gramas di
429 concenTRAdu... ou uma raça di piquenu PORTi como a JÉRsei... quatucentus a

seiscentos grama di 430 concentradu... quand/ quando essi conSUMu si istabilizá pur treis a cincu DIas POde cortá 431 u leiti... i u consumu di concentradu vai aumenTÁ im mais o menus DOis quilus... – 432 justificativas pru dismami... disinvovimentu mais rápidu du RÚmen redução nas 433 horas di trabalh u diminuição da DIarréia i dus problemas digestivus... além di você 434 utilizá esse leiti MAis cedo... comercialMENTi... --- agora a profilaXIA... é MUItu 435 imporTANti a PROfilaxia... prá::: melhorá u disimpenhu dus seus animais... na primeira 436 semana recoMENDa-se a aplicação da vitamina ADE previni a DIarréia i problemas 437 respiratórios... a vermifugação tamém é muito importanti pra melhorá o ganhu di pesu 438 dus animais i também recomenda-si a vacinação contra pneumointeRIti... que é FEIta: aus 439 seti dias di idadi... a primeira dose i reforço aus catorze dias di idadi éh: a 440 pneumointerite uhn vai causá a FEBri i diarréia nus animais i ela é transmitida pur 441 animais infectadus... e também é transmitida pur contaminação ambiental... i a leptospirosi 442 também (...)

Duração: 6 minutos

Data do registro: 21/06/97

Tema: Manejo de Novilhas (Bovinos de leite-pastagens e período de crescimento).

Palestrante: homem, 23 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Maringá - PR

443 P: ... novilhas... mas como nosso tempo é meio restrito éh::: a gente vai passar alguma 444 coisa caso fique alguma dúvida ou queiram algum/ mais esclarecimento ceis perguntam no 445 final que vai ter um tempo pra: pra perguntas éh::: na fase/ -- a novilha depois que ela é 446 desmamada e até a fase da primeira cobertura -- nessa fase ela tem um um crescimentu 447 muito aceleRAdo... sendo assim sua exigência nutricioNAL também é muito grande 448 precisa então repor éh:: através de alimentos -- suprir essas necessidades que ela tem 449 pra que desenvolva um um crescimento desejável... a novilha diz -- muita gente pensa – 450 fala assim é mas em pasTAGens eu vou desenvolver todas as necessidades delas ou 451 não?... normalmente principalmente animais mais novos... éh::: a pastagem supre apenas 452 sessenta por cento das suas exigências e a gente tem que levar em consideração:... em 453 condições climáticas nossas nós/ a gente não TEM uma uniformidade na qualidade 454 dapastagem durante o ano... existe período que tem maior crescimento ou uma maior 455 qualidade...i existi períodu qui tem menor crescimento e a qualidade fica muito a 456 desejar -- dessa pastagem -- então graças a isso a gente deve fazer um

457 balanceamento dos nutrientes a serem fornecidos... um recurso é:: fornecer feno de boa
458 qualidade o feno nessa fase em que o animal se encontra é muito importante porque o
459 feno nessa -- você fornecendo/ você tem que é fornecer mais quantidade de matéria seca
460 nessa fase para haver maior desenvolvimento de rúmen principalmente nessa fase i
461 também vai favorecê o desenvolvimentu das papilas ruminares que vai favorecer a
462 absorção de nutrientes posteriormente... o feno -- pra um exemplo um animal de cento e
463 ciquenta quilos que consome de três a quatro quilos de feno por dia -- então o feno
464 deve ser fornecidos à vontade de boa qualidade num fenil... éh::: com sombra bem
465 ventiLAdo... plano seco e ser removi/ revolvido esse feno constantemente assim uma
466 vez... duas vezes por dia pra que aumentar -- ou/ aumentá a ingestão do do -- aumentá
467 a ingestão pelo animal e sempre quando houver sobras de de alimentos muito fibrosos
468 de baixa qualidade-se retire esse feno e coloque um feno novo de boa qualidade que vai
in/ 469 influenciar muito na sua ingestão... o concentrado nessa fase recomenda-se um
470 concentrado de dezesseis a dezoito por cento de proteína é::: preferencialmente se for
471 dois quilos que for fornecidu um quilo di manhã i um quilo à tarde tamém pode ser
472 fornecido no mesmo lugar que o fenil fazendo um cocho na parte de baixo... a silagem
473 nessa parte de crescimento principalmente em novilhas mais novas não é muito
474 recomendada porque do que o animal tá comendo de silagem sessenta e sete por cento
475 disso que ele tá comendo é água... né?... se for um fen/ silagem de boa qualidade com
476 trinta e três por cento de matéria seca então ingestão de água vai limitar o seu consumo
477 e essa água não VAI éh:: fornecer éh:: nutrientes necessários ao seu BOM
478 desenvolvimentos então é:: basicamente tentar evitar o fornecimento de de silagem nessa
479 parte se tiver que fornecer até uns quatro por cento do peso vivo é aceitável e
480 principalmente pra animais mais novos que seis meses procurar evitar o fornecimento de
481 silagem MESmo de boa qualidade... a uniformidade de (loja) se formada nas novilhas é
482 muito importante porque nessa fase eu di/ havia dito ela vai ter um crescimento muito
483 rápido e o/ a exigência de um animal de sete meses é bem diferente de um animal de
484 doze meses como o consumo tamém é muito diferenciado... então pra que se evite
485 brigas/ brigas não... éh:: [dominância
486 P [dominância
487 de uma comer mais do que a outra éh:: a outra tá ingerindo menos e uma ser ser excluída
488 do grupo vai ser prejudicada... causando prejuízo então formar nó/ blocos uniformes de
489 mês/ mesmos peso de aproximado peso e aproximada idade entre elas pra haver – uhum –

490 crescimento favorável entre elas e uma média normal de crescimento... agora o
491 Kiko vai falar sobre crescimento...

Duração: 2 minutos e 38 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Nutrição até a puberdade

Palestrante: homem, 28 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Campo Grande - MS

492 P: ...boa tardi pessoal... o período di crescimentu du dismami a: a puberdadi... u
493 crescimentu du úbiri si dá éh:: a partir dus três mesis di idadi... tá? cu/ cum isso éh:: né/
494 apartir des/ dessi uhn... dessa iDA di éh:: u úbiri da da novilha cresce cerca di três vezis
495 i meio A MAis rápidu do que após da puberdadi tá? até us doze mesis ele tem esse
496 crescimentu du úbiri aceleradu... éh:: us animais nessa fasi elis sãu:: elis tem... altu::...
497 ganhu di pesu tá? i pur isso a raçãu devi sê equilibrada... im NÍveis:: protêicos i
498 enerGÉticus tá?... a fim di qui a:: da/ a novilhas ganh/ cheguem a ganhá setecentus
grama/ 499 setecentus i cinqüenta grama PUR dia tá? cum: éh:: fazendu cum qui ela num
depositi 500 gorDUra... nu:: úbiri qui u Fábriu vai falá:: posteriormenti quais são os
problema da 501 (deposição) di gorDUra... éh::... i:: animais qui recebem uma raçãu...cum/ a
fim di qui elas 502 ganhem cerca di mil gramas PUR dia: ela tem essa deposição di
gordura: então CAUSA 503 u u/ problema di di... di lactaÇÃO: di crescimentu di úbiri i
tudu... éh: dép/ duranti i 504 após a puberdadi não se deve fornecê alimentu cum altu teor
enerGÉticu.. as novilhas 505 nessa época sãu muito senSÍveis a essis alimentus... tá? i: ela
tem tem... tem qui sê fe/ 506 fornecidu uma uma raçãu:: qui ela ganhi setecentus grama PUR
dia tá?... éh::... duranti a 507 puberDAdi... u crescimentu REcomendadu seria:: essi qui a
novilha até oitu mesis 508 ganhe:: setentus cinquenta gramas PUR dia i us oitu mesis tá?
ganhi:: cerca di seticentus 509 grama pur dia issu vai fazê com qui u/ diminua u CUSTu du:
da alimentaÇÃO:: purqui 510 us animais sãu JOvens is essis animais jovens tem u/ éh:: um
alt/ uma alta conversão 511 alimenTAR: tá? as coberTURas feitas em animais preCOces...
ela::... as nuvilhas... – 512 elas vão tê problema cum intervalu entri PARTu qui vai si
prolonGÁ:: tá? vai sofrê 513 basTANti na primera lactaçãu... i vai:: fazê cum qui a: a/ a
nuvilha não gan/ num cresça 514 MUITu: intãu vai retarDÁ u crescimentu dela i issu vai
até u fim da vida DELa... – 515 aniMAis di grandi PORTi da raça holandesa si preconiza qui
ela ganhi:: nu inciu:: éh:: até 516 u fim da primera gestaÇÃU cerca di duzentus quilus di
pesu vivu sendu qui a MÉdia 517 seria seiscentus gramas pur dia NU MÍnimu: tá?...
passandu até seticentus i cinquenta 518 gramas... a:: éh: aniMAis (...)

Duração: 1 minuto e 22 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Conseqüências do elevado índice de gordura no animal para produção de leite

Palestrante: homem, 24 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Maringá - PR

519 P: ... animais ganhanu:: PEso acima di setecentus oituentus o MIL gramas diÁria... vai
tê 520 VÁrius problema intãu eu enumerei alguns:: qui é:: gordura depositada nu pisu du
Úbiri 521 qui vai acontecê? us NÓdulus di gorDUra depositadus nu Úbiri: não vai deixar
qui as 522 CÉlulas secretoras di leiti si/ si colocam aLI i essi animal vai produzi menus
leiti... – 523 COxas muito gordas qui vai acontece?... -- coxas gordas i roliças... vão
PRESSioná: u 524 úbiri... cu/ i eli num vai/ num vai deixá u úbere crescê:... mesmu qui ele
cresça... us 525 LIgamentus... toda aquela parti qui vai SUStentá u úbiri vai sê prejudicada...
intãu:: é 526 prejudicial... () u animal qui tivé:: muita gurdura nu úbiri... u sistema LINfáticu
deli vai 527 tá prejudicadu:: a gordura éh:: prejudica u sistema linFÁticu intãu vai tê u que?
acúmulu di 528 LÍqüidus pur/ im volta du Úbiri: qui vai: vai vai: fa/ éh:: fazê:: cum que::
ocorra um edema 529 mamário... – PARtus problemáticus:: todú mundu sabe qui animais
GORdus vai tê 530 problema:: di partu:: intãu si você tivé qui ajudá u aniMAL:: o::: de
repenti até pô alguma 531 ferraMENTa pode causá::: infecções nu úteru... nu casu meTRIti i
tudu isso daí... VAI sê 532 prejuízu pru produtor uma qui eli vai tê qui gasTÁ cum... cum
várius remédius... i outra 533 qui u TEMpu: tudu issu daí... éh: éh: é dinheru na produçãu di
leiti (...)

* O trecho seguinte é continuidade do assunto acima, mas há mudança de falante.

Duração: 1 minuto e 55 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Produção de leite e períodos de cobertura

Palestrante: homem, 24 anos, solteiro, estudante universitário, natural de São Paulo - SP

534 P: ...u qui a genti proCUra:... obviamente é u quê?... produzi leiti u quantu antis... pra
535 ISsu... éh:: já é:: conheCIdu di: todus:: qui é MUItu mais importanti... a genti:: considerá
536 u PESu:... dessa nuviLHA: prá:: prá: primera cub/ cobertura:... du qui a
537 idadi...propriamenti dita... porque::: é devidu au pesu... qui: a::: éh:: qui ESSi animal vai
538 tá:: preparadu já prá:: prá... tê a sua primera gestaçu... -- dentru di cada RAça nós temus:
539 u u pesu ideAL recomenDAdu... casu du: du: gadu holandeis... i u () suÍçu:... qui são
540 as raças... MAioris i mais peSAdas... trezentus:: i quarenta... a trezentus i oitenta...
541 quilus...di pesu vivu já PODi sê feita a primera inseminaçã...nu casu du gadu JÉRsei:
qui 542 é: um: pesu meNOR:... di duzentu i sessenta a duzentus i oitenta quilus di pesu
vivu... i 543 nu gadu: mestiçu/ cruZAdu: (qui é menor) di duzentus i oitenta a trezentus quilus
di pesu 544 vivu... já:... já podi sê feita: a:: primera cobertura... é recomenDAdu...
qui:: as 545 nuvilhas cheguem:: ESSi (pesu)/ nessa idadi... entri:: dizessei dizoitu: até
dizenovi 546 meses... éh:: ESSa idad/ éh: é u: é u: é u: moMEntu certu di si fazê: a
primera 547 coberTUra... TEMus qui considerá:: éh:::... COM cuidadu: com muita
atençã... u 548 iscori corpoRAL dessa nuvilha... u ideAL é qui ela alcançi ESSi PESu... i
qui:: tenha: u 549 iscori corpoRAL di:: di dois i meu... essi iscori corpoRAL é muito
imporTANti::: porque 550 si tivé:: abaixu di dois ou acima di treis:... issu vai
acarretá::: ((tosse de um 551 ouvinte)) gravis conseQÛÊncias nu: nu:: nu
disinvolvimentu::: posterior dessi: 552 animal... na: sua gestaçu... bom éh: quando::: a
genti::: tem as novilhas: a genti::: tem 553 qui levá:: (...)

Duração: 3 minutos e 14 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Controle de verminoses

Palestrante: homem, 24 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Lucélia - SP

554 P: ...im relação às verminoses: QUAL a imporTÂNcia... u qui a genti tem qui saBÊ: im
555 relação as verminosis... u maior: proBLEma dus VERmis num é a MORTi: qui elis
556 causam... nus animais i SIM... a reduçãu... du disimPENhu na prod/ da produÇÃU du
557 animal disimPENhu: da produçãu: da sua propriedadi... i: a genti quasi num consegui vê
558 é:... é:... i nu final das contas podi causá um prejuízu muito grandi... – u diagnósticu... u
559 dig/ u diagnósticu é feito através da: da:... du ixami di FEziz: tá? dus aniMAIS... ou
pur:... 560 necrópsia... u mais utilizadu é pur exami di FEzis... s/ qui podi sê di dois
tipus... a 561 contagem di Ovus du () di fezis: qui é u mais utilizadu di TOdu i: a cultura de
larvas... 562 qui tamém podi sê chamadu di coat/... cultura...- - controli... como todus
sabem... éh: a 563 erradicaçãu dus vermis é quasi qui impuSSÍvel... principalmenti nu
gadu di LEIti: 564 intãu... a genti tem qui previNI: controlá:... essis VERmis: prá qui
NÃU:: ocorra uma 565 DIminuiçãu n/ na produÇÃU... consequentementi vai:... ... vai sê
um prejÍzu muito 566 grandi... éh:... um fator importanti aQUI: é u número di
tratamentus quantu maior u 567 número di tratamentus qui você fizé:... mais rapidamenti us
vermis vãu adquiri uma certa 568 resistÊNcia: au produktu qui você tá utilizanu intãu
qué dizê qui nãu é 569 interesSANTi: você: você fazê MUItus tratamentus: éh:
cum relação aus vermis 570 quantu MENus você fizé: melhor: éh: us vermis vãu
demorá mais pa adquiri esta 571 resistência... éh: cum relação: à quantiDAdi/ dosi: si você dé
uma dosi mé/ menor qui a 572 qui a:... indiCAda... éh:: essis vermis tamém vãu adquir/
adquiri ess/ essa resistência 573 mais rapidamenti: intãu tem qui sigui à risca... tem
qui sê certinhu u controli: u 574 trataMENTu... animais qui vêm de FORa di outra
propriedadi pra su/ pra sua: 575 propriedade... DEvem ser tratadus tamém... prá qui e/ pra
qui elis nãu infESTem us seus 576 animais... da sua propriedadi: éh: QUANdu: fizé u
trataMENTu si pussível... devi trocá u 577 aniMAL: di piQUETi... éh: ... prá qui essi
conTROli: prá qui essi trataMENTu seja é:/ u 578 mais eficiENTI pussível... éh:... im
relaçãu::... a carrapatus... comu todos sabem u carrapatu 579 tem duas fasis:: di vida... uma nu
chãu:... i uma n/ nu aniMAL... qui é chamadu fasi: fasi 580 hospedeIru... éh:: u ciclu du
carrapatu dura di vinti um a vinti dois dias: mais o MENus: i 581 us locais qui elis mais

gostam di ficá:: nu animal é na viRIlha entri as PERnas: dentru da 582 oRELha:... na regiãu:
da tábuá: du pesçoçu... éh:: éh::: us carrapatus: sãu mais incidentis 583 im pastagens mais
altas... mais arbustivas: i: quandu a pastagem tá mais ralinha... bem 584 baiXInha: us carr/ a
incidência di carrapatus é bem piquena... éh: -- im relação à raça... nu 585 gad/ dentru du gadu
leiteiru... as rá/ a raça JÉRsei é:: bem (...)

Duração: 2 minutos e 35 segundos.

Data de registro: 21/06/97

Tema: Nutrição até a puberdade

Palestrante: homem, 23 anos, solteiro, estudante universitário, natural de Londrina - PR

586 P: ... éh::: consideraçõis:: pa:: si fazê: uma formulaçãu di raçãu: certu? CÊ tem que levá
587 em conta primeramenti: a categoria aniMAL: certu? pra você - - cê vai formulá essa:
588 raÇÃU: pra qual animal? É pra bizerru? É pra nuVIIha? É pra VAca?... intãu é
589 difeRENTi: a formulaçãu da rações pra essis diversus animais comu pra vacas dentru
590 da fasis di lactaçãu: dela si é nu iNÍciu... si é nu fim... da lactaÇÃU: ou até nu/ mesmu
591 nu períodu SEcu : certu?: éh:: i tamém u tipu du animal... si é um aniMAL di ALta
592 produçãu o di baxa produçãu?... porque: num adiANta você dá um alimentu di: ALta
593 qualidadi prum animal qui num proDUZ::... certu?... num adianta: intãu... éh:: pur
594 exem/ qui nem:: u () você tem qui dá pu aniMAL... silu di ALta produçãu:: uma farinha
595 di di di SANgui... uma farinha di PEIxe um alimentu di origem aniMAL... uma proteína
596 de melHOR qualidadi prum/ prum animal qui produz... BEM:: certu?... comu (pru
597 animal di baxa produção) num vai adiantá: intãu: porque:: ESSas diversas categorias
598 num tem as suas... exigências diferenti... exigências em quê?... exigências em
599 proteína... im energia... im:... cálcio fósforu principalMENTi... FIBra... pra rumiNANti
600 importanTÍSSimu... certu? i: i essas exigências já SÃO pré estabeleCida exist/ exige/
601 existem taBELas... certu? internacionais... qui já: TEM essas exigências para toda
602 essas categorias certo?... éh: a escolha do alimento certu?... é outru: item importanti pa/
603 pra levá im consideraÇÃU na formaçãu du alimentu... na formaçãu da raÇÃU:: é tá
604 aqui di: NOvu potencial im produÇÃU: si é uma propriedadi qui tem um si/
605 potenciAL ALtu di produÇÃU: certu? ou si é uma propriedadi qui tem um
606 potenciAL MÉdiu prá BAXu di produçãu... você vai escolhe essi: alimentu: conFORmi::

607 comu foi ditu: num adianta: dá um aliMENTu CARu:: di boa qualidadi pru animal
608 qui num produz... certu? -- a disponibiliDAdi i u PREçu... né? vai influenciá na
609 hora qui você fô escolhe essi aliMENTu... si::: cê for usá:: reSÍduus... i éh:: industriais
610 o agrícolas... certu? cê tem qui vê si tá disponível na sua regiãu... certu? si::: é um resíduu
611 uma bomba di citru é um:... um (bagaço) utilizadu si tivé aí: disponível: mais depo/ cê
612 tem qui vê: a quantidadi di umiDAdi utransporti si vai incarecê:: (sinãu) cê tá
transportanu 613 Água num adianta: muito CARu...certu?... u PREçu dessi aliMENTu: si
você usô:... um 614 alimentu u anu pas/ nu anu anterior: é nessi anu... está:: CARu (...)

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. Ed. Hucitec. São Paulo, 1997.
- BARROS, D. L. Pessoa de & MELO, Z. M. Zapparoli. *Procedimentos e funções da correção na conversação*. In: *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo. Materiais para estudo - entrevistas*. PRETI, D. e URBANO, Hudnilson (orgs.). Projeto NURC/SP. São Paulo: Editor/ FAPESP, 1988.
- BETTEN, Anne. *Ellipsen, Anakoluthen und Parenthesen*. In: *Deutsche Sprache* 4, 1976. Trad. De Fernando Cazarini. Assis, 1988.
- BORDENAVE, Juan Dias. *Comunicação de Noé a Machuhan*. OEA - Instituto Interamericano de Ciências Agrárias, 1973.
- BORTONI, Ricardo Stella Maris. *Tempo Brasileiro: Sociolinguística e o Ensino do Vernáculo*. Rio de Janeiro, 1978/79.
- _____. *Variação linguística e atividades de letramento em sala de aula*. In: *Os significados do letramento*. KLEIMAN, Angela (org.). Campinas: Mercado das Letras, 1995, pp. 119-144.
- BRANDÃO, H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP. 1994.
- BRIGHT, William. *Introduction: the dimensions of Sociolinguistics, Sociolinguistics*. New York/ Mouton, The Hague - Paris, 1966.
- CAJAL, Irene Baleroni et al (1982). *Linguagem como atividade dialógica - uma experiência de ensino na universidade*. Cuiabá, UFMT/Centro de Letras e Ciências Humanas.

- CARVALHO, Irene Mello. Introdução à Psicologia das Relações Humanas.
- CARVALHO, J. G. Herculano e. Estudos Lingüísticos. Coimbra, Atlântida, 1969, Volume II. Teoria da Linguagem. Coimbra, Atlântida, 1967.
- CASTILHO, A. T. (Org.). Gramática do Português Falado. Vol.1: A ordem. Campinas, Editora da UNICAMP,1990.
- _____. A Língua Falada no Ensino de Português. São Paulo, Ed. Lingüística Contexto.1998.
- _____.O Estudo da Norma Culta no Português do Brasil. Revista de Cultura Vozes, Vol. 8. 1973.
- _____ & PRETI, D. (Orgs.).A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo. Vol. II - Diálogos entre dois informantes. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP. 1986. P. 9-10.
- ERICKSON, Frederick. Metodos Cualitativos de Investigacion sobre la Enseñanza. Michigan.
- FÁVERO, L. L., ANDRADE, M. L. C. V. O. & AQUINO, Z. G. O. Oralidade e escrita - perspectivas para o ensino de língua materna. Ed. Cortez. São Paulo. 1999.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Coleção O Mundo; hoje. Volume 24. Ed. Paz e Terra. 8a. edição. Rio de Janeiro, 1983.
- GADET, Françoise. Recherches récentes sur les variations sociales de la langue. Langue Française. Paris, 1971.
- GUMPERZ, J.J. Discourse Strategies. Cambridge, Cambridge University Press, 1982.

_____ "Contextualization and Understanding". In: DURANTI, A. & GOODWIN, C. (orgs.) Rethinking Context. Language as an Interactive Phenomenon. Cambridge, Cambridge University Press, 1992.

HILGERT, J. G. Procedimentos de Reformulação: a Paráfrase. In: Análise de Textos Oraís. PRETI, D. (org.). Projeto NURC/SP. São Paulo. FFLCH/USP, 1993.

JAKOBSON, R. Lingüística e Comunicação. Trad. de I. Blinkstein e P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

JUBRAN, Clélia C. A. S. Inserção: um Fenômeno de Descontinuidade na Organização Tópica. In: Gramática do Português Falado. CASTILHO, Ataliba T. (org.). Vol. 3. Campinas: Editora da UNICAMP. 1996. pp. 61-74.

_____. Parênteses: Propriedades Identificadoras. In: Gramática do Português Falado. CASTILHO, A. T. e BASILIO, M. (orgs.). Vol. 4. Campinas: Editora da UNICAMP. 1996. pp. 411-421.

_____. Para uma Descrição Textual-Interativa das Funções de Parentetização. In: Gramática do Português Falado. KATO, M. A. (org.). Vol. 5. Campinas: Editora da UNICAMP. 1996. pp. 339-354.

KLEIMAN, Angela. O que é letramento - Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: Os significados do letramento. KLEIMAN, Angela (org.). Campinas: Mercado das Letras, 1995, pp. 7-61.

KOCH, I. G. V. Argumentação e Linguagem. São Paulo: Cortez, 1987.

KUHN, Thomas S. A estrutura das Revoluções Científicas. Editora Perspectiva. 3a. edição. São Paulo, 1990.

MARCUSCHI, L. A. Análise da Conversação. São Paulo, Ática, 1986.

_____. Marcadores Conversacionais no Português Brasileiro: formas, posições e funções. Texto datilografado. Recife, Frinburg, 1987.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meireles. Leitura, Produção de Textos e a Escola. Campinas, Editora Autores Associados - Mercado das Letras, 1994.

MATTERLART, Armand. Los Medios de Comunicación de Masas. CEREN. Chile, 1970.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Letramento, cultura e modalidades do pensamento. In: Os significados do letramento. KLEIMAN, Angela (org.). Campinas: Mercado das Letras, 1995, pp. 147-160.

ORLANDI, Eni. Discurso e Leitura. São Paulo: Cortez, 1988.

_____, GUIMARÃES, E., TARALLO, F. Vozes e Contrastes - Discurso na Cidade e no Campo. São Paulo: Cortez, 1989.

OSAKABE, H. Argumentação e Discurso Político. São Paulo: Kairós, 1979.

POSSENTI, Sírio. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PRETTI, Dino. Os Níveis de Fala. Companhia Editora Nacional. 3a. edição. São Paulo, 1977.

REY-DEBOVE, Josette. Pour une lecture de la rature. In: La genèse du texte. Paris : Éditions du CNRS, 1984 e 1993. pp. 103-127.

ROJO, Roxane Helena R. Concepções não-valorizadas de escrita: a escrita como “um outro modo de falar”. In: Os significados do letramento. KLEIMAN, Angela (org.). Campinas: Mercado das Letras, 1995, pp. 65-89.

SANTOS, Maria do Carmo O. T. Os Deslocamentos à Esquerda e as Repetições. In: Anais de Seminários do GEL - Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo. São Paulo: EDUSP, 1989. p.46-64.

SCHEGLOFF, Emanuel A. The relevance of repair to syntax-for-conversation. In: Syntax and Semantics. Vol. 12. New York: Academic Press, 1979. p. 261-286.

SIGNORINI, Inês. Letramento e (in) flexibilidade comunicativa. In: Os significados do letramento. KLEIMAN, Angela (org.). Campinas: Mercado das Letras, 1995, pp. 161-199.

STREET, B. V. Literacy in Theory and Practice. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

_____ (org.) Cross-Cultural Approaches to Literacy. Cambridge, Cambridge University Press, 1993.

TANNEN, Debora. Repetition and Variation as Spontaneous Formulaicity in Conversation. Georgetown University, Georgetown, 1985. BERTACINI, Denise Valença & CORREIA, Luiza H. Martins (trad.) . São Paulo, Universidade de São Paulo, 1987.

WENZEL, Angelika. Funktionem Kommunikativer Paraphrasen. In: Dialogforschung, 54, 385-401. Trad. J. G. Hilgert. São Paulo, 1985.